

A revista que pensa a Educação.

 MODERNA
ANO 9 • Nº 18 • 2020

EDUCATRIX

MENTES EMPREDEDORAS

COMO O
EMPREDEDORISMO
SOCIAL COLABORA
NA FORMAÇÃO
DOS JOVENS

REVEJA SEU MINDSET

MUDANÇA DE
ATITUDES
PARA MELHORES
RESULTADOS NA
ESCOLA E NA VIDA



PROJETO DE VIDA

QUAL É O SEU?

COMO A ESCOLA PODE
COLABORAR NA FORMAÇÃO
INTEGRAL DOS ALUNOS?



www.gruposantillana.com.br

E U S O U A
EDUC_
AÇÃO
EM MOVIMENTO



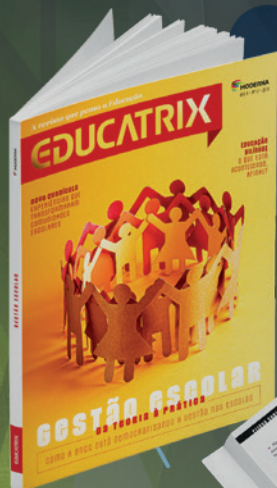
FORMAÇÕES

EDUCATRIX

ATUALIZAÇÃO PRÁTICA

A FORMAÇÃO DO ALUNO COMEÇA SEMPRE COM O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR. PENSANDO NISSO, CRIAMOS AS **FORMAÇÕES EDUCATRIX**, UMA FORMA INOVADORA DE TRANSFORMAR SUA REVISTA FAVORITA EM UMA FERRAMENTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES.





PLENOS SABERES

Apresentação disponível em **Ciclos Formativos**, acesse:



WWW.MODERNA.COM.BR/MODERNAMIGOS



Você encontra o selo **Formações Educatrix** em reportagens que se transformam em apresentações para formação de professores. Cadastre-se gratuitamente no **portal ModernAmigos** e aproveite todos os conteúdos.

www.moderna.com.br/modernamigos

 MODERNA

Afinal, o que é projeto de vida?



FOI COM ESSA PERGUNTA que surgiu esta edição da Educatrix. Cada vez mais se fala sobre a escola como aliada na construção de projetos de vida dos jovens. Nas nossas caminhadas Brasil a fora, todas as vozes da educação têm demonstrado a preocupação de formar jovens para um mundo que ainda não está desenhado, mas que já sabemos: será diferente do que é hoje.

Na busca por respostas, Miguel Thompson mergulha na cultura jovem atual e nos mostra a importância de estabelecer conexões entre professores e alunos na sala de aula em busca de engajamento. Ainda sobre as oportunidades de um mundo em transformação, Fernanda Furia propõe o modelo Vuca Prime para as escolas: uma adequação do modelo proposto por Robert Johansen, bastante utilizado nos estudos de liderança estratégica. Tudo para tentar traçar o futuro da infância e da adolescência e os impactos para a escola.

Roberta Amendola, editora de materiais relacionados a projetos de vida, traz um passo a passo para o entendimento do que é um projeto de vida, demonstrando como funciona na prática e quais são as responsabilidades da escola, das famílias e da sociedade.

Solange Giardino, consultora e especialista em metodologias ativas, nos ajuda a desbravar as competências socioemocionais, desde a definição de quais habilidades desenvolver até como avaliar os progressos e estabelecer papéis nesse processo.

De olho na implementação da BNCC do Ensino Médio, demos luz à preparação de algumas escolas para entender mais sobre o desafio de construir currículos que levem em conta a individualidade e o projeto de vida de cada aluno.

Para falar sobre as famosas *soft skills* e a preparação para a vida em sociedade, entrevistamos José Maria Avilés Martínez, educador da Universidade de Valladolid e referência global em estratégias de combate ao *bullying* e ao *cyberbullying*, um bate-papo interessante sobre a educação em valores e sobre como a vida em sociedade começa na escola. Nesta edição, você também vai conhecer mais sobre empreendedorismo social com Flávio Bassi, da organização Ashoka, e sobre como esse conceito pode transformar a vida de jovens e adultos.

Perpassando tudo isso, entendemos que nada é mais importante em um projeto de vida do que formar leitores. Por isso, esta edição traz um especial de Literatura com crônicas de Eva Furnari, Ilan Brenman, Pedro Bandeira, Sônia Barros e Waleyr Carrasco sobre a relação entre professores, alunos e a leitura.

E para finalizar, não podíamos deixar de dar voz para os jovens, protagonistas da nossa educação. Eles prepararam redações com suas visões da escola hoje e como eles a imaginam no futuro.

Para dinamizar o seu trabalho, sempre adaptamos matérias-chave para o formato de apresentações que poderão auxiliar no debate docente e na formação continuada. Procure pelo selo Formações Educatrix na revista e aproveite!

Esperamos que este seja o início de mais uma grande jornada de conhecimento e que, ao terminar cada página, você se sinta motivado e preparado para mobilizar projetos de vida! ▣

Ivan Aguirra Izar

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

SUMÁRIO

EDUCATRIX

A revista que pensa a Educação

- ▶ **SAIBA +** | EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE PÁG. 8
- ▶ **FIO DA MEADA** | SEJAMOS TODOS ADOLESCENTES PÁG. 10
- ▶ **ENTREVISTA** JOSÉ MARÍA AVILÉS MARTINEZ | EDUCAR PARA VIVER EM SOCIEDADE PÁG. 14

- ▶ **CONEXÃO** | O FUTURO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA PÁG. 18
- ▶ **FOCO** | COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS: QUAIS AS AÇÕES DOS EDUCADORES? PÁG. 30
- ▶ **TENDÊNCIAS** | TODOS TRANSFORMADORES PÁG. 38
- ▶ **PLENOS SABERES** | CONECTAR AS EMOÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA PÁG. 44
- ▶ **PENSAMENTO ACADÊMICO** | É HORA DE REVER SEU *MINDSET*! PÁG. 52
- ▶ **PANORAMA** | A ESCOLA E A CULTURA JUVENIL PÁG. 62
- ▶ **POR DENTRO** | PROJETO DE VIDA: QUAL É O SEU? PÁG. 70
- ▶ **NA TELA** | MINHA ESCOLA, MINHAS ESCOLHAS PÁG. 78
- ▶ **PERSPECTIVAS** | IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO PÁG. 84
- ▶ **LINHA DE RACIOCÍNIO** | BNCC NO ENSINO MÉDIO: O QUE ESPERAR? PÁG. 90
- ▶ **CIDADANIA** | ESCOLA: LUGAR DE TRAVESSIAS PÁG. 100

▶ **ESPECIAL** LITERATURA

*De olho no
exemplo* PÁG. 104



- ▶ **FAVORITOS** | CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR PÁG. 112
- ▶ **ARMADINHO** | ALEXANDRE BECK PÁG. 114

Educação e sustentabilidade

A consciência sustentável precisa ser prioridade nas pautas escolares para a construção de projetos de vida das futuras gerações.

TEXTO Kátia Dutra

“PENSE SUSTENTÁVEL.” “Não desperdice.” “Seja consciente.”

Essas são frases comuns do nosso dia a dia. Marcas e pessoas estão cada vez mais engajadas em questões relacionadas ao bem-estar social e à relação da sociedade com a natureza. O aumento exponencial da população mundial traz à tona debates sobre a produção de alimentos, a exploração da natureza e, principalmente, sobre os hábitos de consumo. A reflexão sobre o consumo de insumos e bens naturais não pode ser mais adiada e a escola tem um papel fundamental na conscientização dos jovens de hoje e do futuro.

As instituições de ensino são a porta de entrada do contato da criança com a vida em sociedade. Essa premissa vai além do desenvolvimento das habilidades de socialização; diz respeito também aos compromissos que os jovens assumirão com o mundo em que vivem e com seus projetos de vida: vida na escola, na universidade, no mundo do trabalho.

ARTICULAÇÕES PARA O BEM COMUM

Algumas indústrias, como a de papel, têm assumido um compromisso real com o meio ambiente, utilizando áreas reflorestadas para a sua produção e criando certificações rígidas para garantir a extração regulamentada das matérias-primas. Ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas associações e empresas já têm trabalhado juntas para criar práticas e iniciar debates relevantes.

Uma dessas associações é a Two Sides, uma ONG global com sede em Londres, que atua em diversas partes do mundo no combate à disseminação de *fake news* e mitos associados à indústria. No Brasil, a ONG já conta com associados que atuam na área educacional e articula projetos para melhorar práticas e atuar na conscientização dos diversos públicos.

Desde 2019, a ONG encabeça, ao lado da Moderna, o Projeto Educadores, uma articulação que conta também com a participação da International Paper e da OGRA Gráfica. O ob-

jetivo é produzir, de forma conjunta, conteúdos de formação interna e externa para a conscientização sobre o uso do papel na educação. Os materiais são distribuídos e disponibilizados gratuitamente para escolas, professores, pais e alunos e colaboram no combate de mitos sobre a produção de livros e materiais impressos.

O projeto produziu 30 mil cartazes informativos sobre a produção do livro e cerca de 12 mil escolas de todo o Brasil já receberam o material entre os meses de agosto e outubro de 2019. “O projeto surgiu com o objetivo de desmistificar os mitos associados ao produto e fortalecer o ciclo positivo do papel. Para nós, essa ação, que vai além do produto final, é como compartilhamos conhecimento sobre o setor de florestas plantadas, contamos um pouco mais sobre o processo produtivo 100% renovável, esclarecendo dúvidas que surgem principalmente dentro de uma sala de aula”, afirma Tamara Natale, gerente de Sustentabilidade e Engajamento com a Comunidade e gestora executiva do Instituto International Paper. “É como levamos a informação de forma simples, fortalecendo o uso desse produto milenar e sustentável. Afinal, por trás de cada papel, existe uma história, a preocupação com o meio ambiente, com as pessoas e com as comunidades onde atuamos”, completa Tamara.

Para a Moderna, trata-se de um trabalho coletivo que vai além da sustentabilidade ambiental. É uma proposta de corresponsabilidade entre todos os *players* da cadeia de produção de papel. Para a editora, o principal valor nessa ação é criar uma corrente em prol das futuras gerações. Estar comprometido com a sustentabilidade vai além da preocupação ambiental, está diretamente associado a incentivar o consumo consciente de matérias-primas e fontes renováveis: é fundamental se posicionar a favor dessas questões. Como uma empresa que é fonte de conteúdo de formação humana, estar à frente de tais iniciativas é uma preocupação constante.

Vamos juntos?



www.twosides.org.br

TURMA DA Mônica

DE ONDE VEM O PAPEL



EDUCATRIX

ANO 9 • Nº 18 • 2020

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Xavier
Ivan Aguirra Izar
Luciano Monteiro
Lulcey Vitor Ribeiro
Solange Petrosino

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ivan Aguirra Izar

PRODUÇÃO DE TEXTOS

Ivan Aguirra Izar
Kátia Dutra
Lara Silbiger
Paulo de Camargo

ARTICULISTAS

Cecília Canalle
David Docketerman
Eva Furnari
Fabio Martins de Leonardo
Fernanda Fúria
Flávio Bassi
Ilan Brenman
Marisa Balthazar
Miguel Thompson
Pedro Bandeira
Roberta Amendola
Shirley Goulart
Solange Giardino
Sônia Barros
Walcyr Carrasco

EDIÇÃO DE TEXTO

Kátia Dutra

REVISÃO FINAL

Adriana Bairrada
Tássia Cobo

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN

Ricardo Davino

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ricardo Davino

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Lambuja

COLABORADORES

Tathiana Anselmo

LEIA NOSSO ACERVO DIGITAL:

moderna.com.br/educatrix



Rua Padre Adelino, 758
São Paulo/SP • CEP 03303-904

Educatrix é uma publicação semestral com a proposta de colaborar com a formação nas escolas parceiras. Distribuição gratuita na internet e nas instituições educacionais por meio da rede de Consultores Moderna. ISSN: 2447-4991

Tiragem: 45 mil exemplares.

✉ educatrix@moderna.com.br

© Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

turmadamonica.com.br | turmadamonica | turmadamonica | turmadamonicaTV | +turmadamonica

PARA SABER MAIS

- Moderna - Práticas sustentáveis. Disponível em: moderna.com.br/praticassustentaveis. Acesso em: 10 de fev. 2020.
- Two Sides. Disponível em: www.twosides.org.br. Acesso em: 10 de fev. 2020.
- Cartaz O ciclo sustentável do papel. Disponível em: <http://mod.lk/ciclo>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

Sejamos todos adolescentes

Não é sobre ter um projeto de vida, é sobre viver sua constante (re)construção.

TEXTO *Ivan Aguirra*

MIRANDO uma camada da memória da minha própria adolescência, observo períodos frequentes de inquietude, angústia e busca por novas vivências, desafiando tudo o que fosse desconhecido para mim. Quanto mais jovens, mais disruptivos, mais criativos, mais inconsequentes costumamos ser. Muitas vezes quebramos a cara, erramos, mas também experimentamos novos sentidos e descobertas, criando conexões valiosas para a vida toda.

A palavra adolescente é hoje tão comum que nós, adultos, a utilizamos sem nem nos questionar. “Bruno é um adolescente complicado”, “tá parecendo uma adolescente”, “adolescência é uma fase dura mesmo”. É também um conceito muito estudado pela psicologia e pela sociologia, que buscam compreendê-lo como uma etapa no desenvolvimento humano e com consequências para o comportamento social. Mas essa palavra só passou



a ser usada depois do século XVIII para designar o que, hoje, entendemos como tal. Embora existisse já no latim antigo, o verbo *adoleo*, que dá origem a *adolescens*, significa primariamente queimar algo, oferecer em sacrifício, elevar. Ainda na raiz da palavra, há o verbo *alo*, que significa nutrir. Deste sentido é que surgem os sentidos de fazer crescer, engrossar, aumentar, que está presente na palavra *adolescens*, étimo que transmite a ideia de alguém que está crescendo. Por isso, ainda na Antiguidade a palavra indicava alguém que não era nem criança, nem adulto, era alguém em crescimento. É comum compreendermos a adolescência como uma fase intermediária, que está entre algo que ainda não é – o adulto – e que está deixando de ser – a criança. Embora a psicologia do desenvolvimento tenha estudado extensamente a adolescência e a delimitado em determinada faixa etária (que varia, é certo), talvez não devamos reduzir esse crescimento a uma ideia de maturidade, como se deixássemos para trás, enquanto crescemos, um ser imaturo. A analogia do crescimento e amadurecimento de uma fruta, por exemplo, é perigosa, pois uma maçã tem

uma época ideal em que é perfeitamente madura, acabada em si mesma, pronta para ser consumida. E nós? Podemos dizer que atingimos um momento em que estamos “acabados”, perfeitados, isto é, feitos por completo? Podemos lembrar de John Dewey, para quem a imaturidade é algo fundamental, pois é ela que permite que aprendamos continuamente, que sempre haja algo para descobrir, ou um novo olhar para o que já é conhecido. Essa imaturidade quer dizer uma plasticidade para sempre aprender mais, é um elemento dinâmico que muitas vezes se paralisa em nossa formação, e assim deixamos de querer aprender. E, num contexto que se reinventa à luz da conectividade e da inteligência artificial, o termo *lifelong learning*, a aprendizagem ao longo da vida, será cada vez mais evidenciado.

Este é um convite para reviver o espírito inconsequente de queimar algumas ideias pré-concebidas que nos imobilizam, nossas verdades de adulto, para nutrir um espírito criativo aberto a tudo que está por vir. Experimente resgatar lá no fundo da memória: a adolescência era ou não era uma fase que gostaríamos de reviver? E por que não? □



UMA EMPRESA DO GRUPO



MULTI EDUCA ÇÃO

[MULTICONTEÚDO
MULTIPARCERIA
MULTIPLATAFORMA

VOCÊ É MULTI. NÓS TAMBÉM ;D

Temos um compromisso com você: compreender sua escola como um ecossistema único para oferecer soluções multiconteúdo e percursos de formação multiplataforma.

Ao longo da nossa jornada, a marca Moderna se tornou padrão de qualidade para professores e famílias, o que nos dá credibilidade para continuar inovando e construindo relações de multiparceria com as principais escolas do país.

Isso é multieducação. Vem com a gente!



Educar para viver em sociedade

Educação em valores deve ser coletiva, prioritária e intencional

TEXTO Paulo de Camargo

PROFESSOR, gestor escolar e doutor em Psicologia pela Universidade de Valladolid (Espanha), José María Avilés Martínez é uma referência global em estratégias de combate ao *bullying*, ao *cyberbullying* e aos diferentes fenômenos que afetam a convivência escolar. Tendo como base seu trabalho em Valladolid, Martínez tem colaborado com grupos de pesquisa no Brasil e acompanhado pessoalmente a implantação de suas ideias, traduzidas na metodologia Prires. Em sua última visita ao país, a Educatrix foi conhecer mais sobre a metodologia e o trabalho do educador.

EDUCATRIX **A agenda de temas urgentes em educação é ampla em todo o mundo. Entre tantas prioridades, qual é o lugar da educação em valores e do tema da convivência escolar?**

JOSÉ MARÍA AVILÉS MARTÍNEZ O trabalho das escolas no campo dos valores é crucial e deve ser central, porque se trata de um tema transversal que impregna a atuação de todos os agentes educativos. Em uma sociedade democrática, que demanda da escola a formação de cidadãos para o futuro, é imprescindível que a escola exerça esse mandato de forma consciente. Por isso, é importante explicitar a educação em valores como uma tarefa planejada, intencional e compartilhada por todos de forma colaborativa, sejam famílias, professores ou o próprio alunado.

EDUCATRIX **A convivência escolar permite aprender sobre valores?**

J.M.A.M. Sim! A convivência escolar é um ambiente privilegiado por colocar em jogo esses valores. Ao pô-los em prática, permite-se aprendê-los a partir de situações espontâneas e habituais, como conflitos, ou por meio de circunstâncias planejadas, que trabalham intencionalmente valores como o respeito, a solidariedade, a tolerância e a igualdade. Uma escola pode, por meio de seu Plano de Convivência e das atuações a partir dele, planejar o trabalho em valores com reflexões e debates

coletivos de suas experiências, propondo práticas sistematizadas com o uso das melhores estratégias.

EDUCATRIX **Qual é a melhor definição de *bullying* e como diferenciá-lo do *cyberbullying*?**

J.M.A.M. Trata-se do mesmo fenômeno, embora com diferenças decisivas. Em ambos existem três componentes definidores: o desequilíbrio de poder que torna o agressor mais forte que sua vítima (física, social, digital ou psicologicamente); a intencionalidade expressa em situações planejadas para causar dano; e a recorrência ou a repetição que leva os atores a persistirem em um cenário em que ambos ocupam posições de domínio ou submissão diante dos olhos de testemunhas. Assim, a definição de assédio pode ser maus-tratos repetidos entre jovens em idade escolar, mantidos ao longo do tempo, quase sempre longe dos olhos dos adultos, com a intenção de humilhar e sujeitar abusivamente uma vítima indefesa por um agressor ou grupo com resultados de vitimização psicológica e rejeição de grupo. Já o *cyberbullying* acontece quando um sujeito recebe repetidas agressões abusivas por meio de mídias móveis ou ambientes virtuais, com o objetivo de prejudicá-lo e a seu *status* social, reduzir as chaves socioemocionais e tirar proveito do anonimato. A vítima está em uma posição ainda pior do que no *bullying* com relação àqueles que a maltratam. Quem sofre vitimização tem menos segurança, menos controle e mais imprevisibilidade. Quem pratica o abuso deixa de reconhecer os sentimentos da vítima por agir do outro lado de uma tela, não recebe *feedback* do sofrimento e isso torna deficitário o »



“



O PILAR DECISIVO É **A INTENÇÃO EDUCACIONAL** DAS AÇÕES IMPLEMENTADAS, UM OLHAR QUE PERMITE CONSTRUIR PROCESSOS A PARTIR DOS ALUNOS, DO QUE SÃO, DO QUE TÊM, DO QUE SENTEM E COM UM IMPACTO EXPLÍCITO NO QUE OS MOTIVA E OS PREOCUPA.

JOSÉ MARÍA AVILÉS MARTINEZ

» seu pensamento sobre as consequências de seus atos. Contextualmente, o *cyberbullying* aumenta o número de testemunhas e prolonga a permanência do dano enquanto as imagens ou os vídeos ofensivos ainda forem propagados na rede.

EDUCATRIX Há uma tendência a piorar o problema do *cyberbullying*?

J.M.A.M. É importante abordar o fenômeno educacionalmente, porque se nada for feito os problemas podem aumentar e os sujeitos envolvidos podem se sentir muito mal e procurar soluções enganosas de fuga. Até agora, o que muitas escolas fizeram foi proibir dispositivos em seu ambiente; outras permitem o seu uso, mas mantêm uma distância educativa que não fornece pistas ou critérios para o relacionamento que os jovens estabelecem. A atuação da instituição deve ser proativa e preventiva, fornecendo critérios razoáveis para os alunos tomarem decisões corretas na gestão de seus relacionamentos na internet. Com as famílias, é preciso ter diretrizes de suporte e supervisão do relacionamento com os dispositivos, regulando o tempo, o conteúdo e os locais de uso. Com o corpo docente, no currículo escolar, apoiar o uso positivo das redes sociais para a aprendizagem dos alunos e para o trabalho colaborativo. Esse conjunto de ações vale tanto para o enfrentamento dos riscos da rede, como para uma utilização saudável desses dispositivos digitais pelos alunos, para que se tornem autônomos, independentes, respeitosos e felizes em usá-los.

EDUCATRIX O *bullying* é um problema estritamente escolar?

J.M.A.M. O *bullying* não é um fenômeno estritamente escolar. Acontece na escola, sim, mas como um reflexo da própria sociedade. Na escola, chamamos isso de *bullying* entre iguais; na família, de violência de gênero, abuso de idosos ou abuso de crianças; no local de trabalho, chamamos de assédio moral. Poderíamos continuar em outros setores sociais ou políticos, colocando rótulos diferentes em processos semelhantes. Trata-se de um problema social de se exercer o poder de maneira abusiva, de violência replicada em diferentes espaços de relacionamento. Portanto, a reflexão sobre intimidação e maus-tratos entre iguais nos leva a um pensamento mais geral, sobre como concebemos nossos relacionamentos interpessoais, sobre como exercemos poder e que espaço damos aos direitos de outras pessoas em nossa interação. Em resumo, devemos pensar em como colocamos em jogo os valores do relacionamento e

da convivência democrática em nossos ambientes próximos. Se a escola deve continuar a ser um motor de transformação social, é a partir dela que vamos trabalhar para a construção de valores de solidariedade, respeito, justiça e igualdade, modelos de relacionamentos interpessoais saudáveis, em que a cultura do cuidado e da ajuda impere frente à imposição e ao abuso.

EDUCATRIX Como pesquisador, diretor e educador, você construiu uma visão multidisciplinar sobre o *cyberbullying* que resultou em uma metodologia de referência. O que diz essa metodologia?

J.M.A.M. Apresentei recentemente o Prires, um programa educacional para orientar a gestão de redes sociais e em situações de cyberconvivência que está sendo aplicado nas escolas espanholas com a colaboração de famílias, professores e até estudantes que atuam como tutores de seus companheiros mais jovens. Fundamentalmente, essa abordagem multidisciplinar me ajudou a ter uma perspectiva de trabalho muito coletiva, colaborativa e participativa com os colégios que assessoro e com os diferentes agentes educacionais. Assim, trabalhamos com os professores em estruturas como as equipes de convivência e os tutores, e entre os alunos com estruturas criadas por nós, como equipes de ajuda ou equipes de mediação. A orientação sobre *bullying* e *cyberbullying* baseia-se no trabalho preventivo de valores e convivência escolar. É um caminho de ida e de volta. Valores e boa convivência são trabalhados para evitar o assédio moral e, ao mesmo tempo, temos estratégias específicas para lidar com o abuso de colegas, porque sabemos que apenas trabalhar na convivência escolar não é suficiente.

EDUCATRIX Quais são os pilares do seu trabalho?

J.M.A.M. Os pilares fundamentais são: o trabalho proativo e preventivo contra medidas reativas; a construção de estratégias de equipe que promovam ações coletivas previamente debatidas e acordadas contra soluções individualistas; a implementação de processos de baixo para cima, ou seja, que surtem da necessidade das equipes que tomam decisões e que tornam suas respostas originais e não repetíveis, sempre projetadas para os problemas da própria escola. Por fim, o pilar decisivo é a intenção educacional das ações implementadas, um olhar que permite construir processos a partir dos alunos, do que são, do que têm, do que sentem e com um impacto explícito no que os motiva e os preocupa. O envolvimento dos estudantes na solução de seus problemas é uma condição indispensável. Sem dúvida, também é preciso uma visão recíproca: os professores e os adultos precisam acreditar no lado positivo dos alunos para ajudá-los a alcançar seus próprios objetivos.

EDUCATRIX Quais os primeiros passos para uma escola que, a partir de agora, quer resolver a questão do *bullying*?

J.M.A.M. Em geral, começar por estratégias conjuntas, porque o assédio e a intimidação são abordáveis quando os enfrentamos de maneira coordenada, levando em consideração

a perspectiva e a cultura das famílias, a liderança e o conhecimento dos professores e equipes de gestão das escolas e o protagonismo dos estudantes como um grupo que não permite que comportamentos de assédio sejam instalados na sua própria cultura de convivência. Depois, aumentar a conscientização sobre a importância de trabalhar juntos para resolver o problema. É necessária sinergia entre professores, famílias e estudantes para que sejam competentes para dar uma resposta eficaz a essas situações e/ou atos de intimidação; construir protocolos e medidas preventivas para impedir que as ações de abuso se tornem fortes em contextos em que o silêncio e o consentimento prevalecem. Essas ações só são possíveis ao refletirmos como comunidade educacional na implementação de valores positivos que vão contra os valores de intimidação, como imposição, abuso, medo, coerção ou desrespeito. Trabalhar valores como tolerância, coragem, empatia, compaixão, assertividade e solidariedade dentro dos grupos faz com que a sala de aula adote outras atitudes e exemplos, que se tornam predominantes no discurso institucional da escola e no discurso informal dos alunos, ocupando o espaço, o tempo e os idiomas do grupo.

EDUCATRIX **Você visitou escolas brasileiras e trabalhou com pesquisadores daqui. O desafio brasileiro é semelhante ao enfrentado em outros países?**

J.M.A.M. Cada país tem seus desafios, suas vantagens e desvantagens, dependendo do seu desenvolvimento educacional e de sua cultura escolar. Nos últimos anos, transferimos para algumas escolas e grupos de pesquisa metodologias de convivência que estão obtendo resultados muito bons. Esses dados revelam diferenças entre os estudantes de nossos países em relação à adesão a valores como justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática, em geral, justificados pelos diferentes trabalhos dos sistemas educativos sobre valores e pelas diferenças na sistematização das tarefas do corpo docente para promover a convivência escolar. O Brasil, como outros países, enfrenta um desafio de trabalhar este tema, a fim de generalizar estratégias educacionais eficazes e conscientizar os professores e as equipes de gestão sobre seu papel decisivo na implementação dos Planos de Convivência e no trabalho em valores.

EDUCATRIX **Como adotar a abordagem que você propõe?**

J.M.A.M. As escolas devem se olhar e se encontrar. Cada escola tem valor em si mesma para a tomada de boas decisões. É verdade que muitas escolas precisam de força, orientação e treinamento de pessoas que já fizeram essa jornada com outros grupos e que conhecem as etapas para alcançar os objetivos propostos. Estamos dispostos a ajudá-las nesse trânsito. O importante, mais do que o ponto de destino, são os processos que a própria escola constrói entre seus pares nessa viagem. Mas insisto, é necessário contar com as pessoas que formam a escola; sem elas, a viagem em si não será possível,

nem se construirá qualquer coisa. Assessoramos e formamos equipes de gestão e de professores que desejam implementar planos de convivência ou projetos antibullying. Fornecemos materiais de formação e professores profissionalmente competentes em convivência em diferentes perspectivas e técnicas de trabalho que possibilitam a internalização dos valores democráticos nas escolas. No entanto, isso só será possível se os membros da comunidade escolar se envolverem, quiserem mudar o que fazem e procurar saídas ponderadas para seus problemas de coexistência e para a construção de valores futuros.

EDUCATRIX **Qual é a relação entre educação em valores, qualidade de convivência e desempenho acadêmico?**

J.M.A.M. Existem vários estudos que apoiam essa ideia e várias instâncias educativas já reconhecem na certificação acadêmica das qualificações dos alunos sua participação em ações relacionadas à promoção de valores e à construção de uma convivência positiva em seu entorno. Isso também se deve à demanda das empresas que buscam em seus colaboradores novas habilidades além do desempenho acadêmico de egressos, como a capacidade de trabalhar em grupo, a competência para resolver problemas de perspectivas inovadoras ou criativas ou habilidades para se colocar no lugar do outro. Finalmente, estudos recentes como o da Fundação BBVA sobre boas práticas educacionais na Espanha ou o estudo realizado por mim na Universidade de Valladolid, em escolas de Castilla e León, fornecem dados a esse respeito. As pesquisas identificam o trabalho em valores como um dos indicadores relevantes para o desempenho acadêmico, a eficácia e o sucesso escolar entre os alunos das escolas, que estão cada vez mais preocupadas em incluir em seu planejamento estratégico a implementação de valores para a construção da convivência democrática. □

PARA SABER MAIS

- MARTINEZ, J. *Bullying: guía para educadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- MARTINEZ, J. *Educar en las Redes Sociales*. Programa preventivo PRIRES. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2018.
- MARTINEZ, J.; PETTA, R. Los Sistemas de Apoyo entre Iguales (SAI) para el fomento de la convivencia en positivo, la mejora del clima de aula y la prevención de situaciones de bullying: La experiencia de Brasil y de España. *European Journal of Child Development, Education and Psychopathology*, v. 6, n. 1, p. 5-17, 2018. Disponível em: mod.lk/aviles. Acesso em: 9 fev. 2020.

O futuro da infância e da adolescência:

OPORTUNIDADES E RESPONSABILIDADES PARA AS ESCOLAS

Criar estratégias que contemplem o futuro é vital para antecipar problemas e enxergar novas oportunidades de crescimento para toda a sociedade.

TEXTO *Fernanda Furia*

A INFÂNCIA e a adolescência são períodos de encantamentos, descobertas e desafios. Ao longo da história da humanidade, o olhar sobre as crianças e os adolescentes se transforma constantemente e nos força a atualizar a nossa visão sobre o que continua sendo adequado e o que deve ser reconsiderado em prol do bem-estar e dos direitos das novas gerações. O pesquisador social, Mark McCrindle, descreveu a geração Alpha, nascida entre 2010 e 2025, como a primeira a crescer envolvida com tecnologias inteligentes no cotidiano.





Assistentes virtuais, brinquedos conectados à internet e robôs companheiros que instigam sentimentos de cuidado e proteção são alguns dos inúmeros exemplos que desenham uma nova infância. Mal começamos a navegar nas águas da Quarta Revolução Industrial e já vemos os sinais da Quinta Revolução vindo ao nosso encontro. Nesta era de transições múltiplas, escutamos tantos termos técnicos que ficamos atordoados com a gama de tecnologias que prometem nos ajudar e nos desafiar ao mesmo tempo.

A Quarta Revolução Industrial é pautada pela convergência de tecnologias avançadas, pelo avanço da Indústria 4.0 e pela quebra de paradigmas até então inquestionáveis. Segundo Klaus Schwab, do Fórum Econômico Mundial, a Quinta Revolução, por sua vez, já está sendo considerada a era da retomada da confiança nas pessoas, dos valores humanos e da preocupação em salvar o planeta. O *tsunami* formado pela computação quântica e pela conectividade total gerada pela rede 5G nos forçará a conviver com as máquinas e a redefinir o conceito de ética para resgatar o sentido de “ser humano”.

Na mesma linha da Quinta Revolução Industrial, o conceito de Sociedade 5.0 criado pelo governo japonês em 2016 propõe uma organização social alimentada por tecnologias altamente avançadas com o objetivo de criar soluções focadas nas necessidades humanas. Para a maior parte das pessoas, esse cenário ainda é bem difícil de ser entendido, por isso precisamos nos informar sobre esse contexto global para entender os seus impactos nas novas gerações.

O FUTURO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

A geração Alpha é a primeira geração que está, de fato, crescendo em um ambiente tecnológico capaz de moldar a formação cerebral, social e psicológica das crianças e dos adolescentes de forma inédita na história da humanidade. As tecnologias avançadas, em suas diferentes formas, prometem trazer conforto afetivo para os seres humanos e inauguram um novo fenômeno na cibersociedade: a relação de apego entre as pessoas e as máquinas inteligentes. As pesquisas que investigam os efeitos positivos e ►

» negativos desse cenário são ainda bastante contraditórios e oscilam entre perspectivas catastróficas e otimistas. E isso é só o começo. Imaginem em qual cenário a Geração Beta, nascida entre 2025 e 2039, viverá. Para Patrick Dixon, autor do livro *The Future of (almost) everything*, entraremos cada vez mais na “era da criança preciosa” na qual qualquer coisa que possa ameaçar a saúde ou o bem-estar emocional das crianças será fortemente rejeitada. Isso nos leva a um outro fenômeno que está ganhando força e que deve crescer nas próximas décadas: a coparentalidade entre pais e máquinas. Segundo a empresa Zion Market Research, a indústria *baby tech* movimentará em torno de US\$ 108 bilhões até 2024 e contribuirá para o surgimento de novas formas de parentalidade. Produtos como cintas que envolvem a barriga da mãe e monitoram o batimento cardíaco do bebê, fraldas com sensores que detectam o estado da urina da criança, babá eletrônica com inteligência artificial, tecnologias de monitoramento em tempo real e tatuagens digitais alimentarão uma geração de pais orientados por dados.

Assim como as crianças pequenas, os adolescentes também são largamente influenciados pelos ambientes e pelas tecnologias. Redes sociais e jogos imersivos com realidade virtual e aumentada ganharão força e possibilitarão que os adolescentes se relacionem em diferentes plataformas simultaneamente à procura de aceitação, pertencimento, popularidade e autoexpressão. Um exemplo é o Facebook Horizon, que deve ser lançado em 2020. Experiências como essa terão um grande poder de engajar os adolescentes, uma vez que aumentam a sensação de presença real naquele ambiente virtual. O avanço tecnológico permitirá a criação de novas realidades com diferentes camadas de interação entre a realidade e o ambiente virtual. Além disso, no futuro, as gerações Alpha e Beta precisarão se responsabilizar ativamente por importantes desafios éticos como edição de DNA, vigilância e manipulação constante das pessoas, criação de cérebros biodigitais, entre outros. Por isso, é cada vez mais urgente criarmos leis e protocolos tendo em mente o bem-estar e os direitos das crianças e adolescentes. Richard Graham, psiquiatra da infância e da adolescência no Nightingale Hospital, em Londres, referência mundial na área de dependência tecnológica, acredita que “agora nós somos *cyborgs* emocionais. Estamos integrando essas tecnologias em nosso funcionamento mental, social e emocional”.

O futuro da infância e da adolescência transcende o ambiente escolar, mas afeta diretamente as estratégias aplicadas ao sistema educacional. Sendo assim, os educadores e as famílias precisam

entender esse cenário amplo, pois somente dessa forma poderemos formar crianças e adolescentes com visão de mundo, consciência ética, motivação para agir e desejo genuíno de melhorar a vida das pessoas e do planeta.

EDUCAÇÃO INOVADORA: FORMANDO AS NOVAS GERAÇÕES

Toda a base da educação já vem sendo questionada em vários países e as inovações em educação não são um tema novo para a maioria dos educadores. Metodologias ativas, diferentes papéis do professor, maior ênfase nas habilidades socioemocionais e uso de tecnologias avançadas em sala de aula refletem como muitas instituições de ensino já estão repensando e reestruturando as suas práticas para se ajustar aos novos tempos. Mais do que nunca as escolas exercem funções múltiplas na nossa sociedade: acolher as crianças cujos pais trabalham, ensinar conteúdos, desenvolver competências, informar os adultos, orientar os alunos sobre questões digitais e ainda ajudar na formação ética das crianças e dos adolescentes. As próximas gerações verão suas diversas habilidades e talentos sendo





MAIS DO QUE QUALQUER
TECNOLOGIA, O FUTURO
DA INFÂNCIA E DA
ADOLESCÊNCIA DEPENDE DA
SEGURANÇA EMOCIONAL,
DO AFETO E DA INTERAÇÃO
ENTRE OS SERES HUMANOS.

abraçados por novas profissões, novos formatos de trabalho e por mais de uma atividade profissional ao mesmo tempo. Esta é uma quebra de paradigma importante para a formação dos jovens e, por isso, os projetos de vida direcionados a eles devem considerar tal pluralidade. Um dos sinais interessantes é o aparecimento de cursos universitários flexíveis, nos quais o aluno escolhe assuntos de diferentes áreas de conhecimento para estudar ao longo do curso, formando um mosaico personalizado de ensino. Um exemplo aplicado dessa flexibilização é a universidade CUNY, em Nova York, onde os alunos têm à sua disposição uma variedade enorme de disciplinas e podem criar um plano de graduação interdisciplinar sob medida com seus mentores. Parte do papel das escolas e das universidades será inovar com ética e incentivar projetos que estimulem os alunos a refletir de forma crítica sobre a criação, a aplicação e o uso responsável das novas tecnologias.

Ao mesmo tempo que as escolas tendem a incorporar tecnologias cada vez mais avançadas para apoiar diferentes práticas pedagógicas, será fundamental que elas também resgatem o brincar em diferentes formatos: mais tempo de recreio para todas as idades, mais jogos, mais esportes, mais atividades artísticas, mais vivências fora da escola e mais reflexões sobre o que motiva os alunos. É inquestionável que o brincar melhora a saúde mental, promove a autonomia, trabalha questões éticas, desenvolve inúmeras habilidades socioemocionais e aproxima as pessoas. Mais do que qualquer tecnologia, o futuro da infância e da adolescência depende da segurança emocional, do afeto e da interação entre os seres humanos.

Ao vislumbrar um horizonte tecnológico ainda mais contundente como o da Quinta Revolução Industrial, como as instituições educacionais podem se preparar para receber as gerações que estão por vir? Há algumas décadas foi criado um termo que caracteriza o contexto caótico, turbulento e instável no qual as organizações estão inseridas: o mundo V.U.C.A. O acrônimo em inglês nasceu das teorias sobre liderança estratégica e significa volatilidade (*Volatility*), incerteza (*Uncertainty*), complexidade (*Complexity*) e ambiguidade (*Ambiguity*). Porém, em 2007, Robert Johansen, do Institute for the Future, lançou um olhar complementar para esse termo e nos trouxe uma visão mais prática para combater os impactos negativos do mundo V.U.C.A. apresentado anteriormente. Para ele, o conceito de “V.U.C.A. PRIME” significa visão, compreensão, clareza e agilidade (*Vision, Understanding, Clarity e Agility*) e serve como um guia para a construção de uma nova forma de pensar e agir. »

MODELO *VOUCA PRIME* PARA ESCOLAS



Por inspiração do conceito de *VOUCA PRIME*, é possível transpor as ideias de Robert Johansen para o contexto da Educação e desenhar caminhos aplicáveis à infância e à adolescência, considerando algumas responsabilidades e oportunidades para as escolas. Confira a proposta a seguir, baseada no conceito de Johansen e adaptada ao contexto escolar:

VISÃO (*VISION*)

Para lidar com um contexto imprevisível, as escolas precisam refletir com profundidade sobre a sua própria existência daqui para frente e estabelecer uma visão comum sobre os próximos passos. Qual é o propósito de uma criança ir para a escola? Qual será de fato o papel da escola? Baseando-se nessas reflexões, será possível reunir as pessoas necessárias para esse processo de transformação e para traçar os caminhos que pavimentem tais avanços.

RESPONSABILIDADES: envolver toda a comunidade escolar na construção dessa visão, considerando o horizonte futuro e trazendo exemplos práticos e éticos que sirvam de modelo para práticas sustentáveis ao longo do tempo. Fornecer uma visão de diversidade e inclusão para que pessoas de todos os *backgrounds* sejam contempladas. Ajudar os adultos a desenvolver uma mentalidade global voltada para inovação.

OPORTUNIDADES: fomentar discussões e ações para que os alunos identifiquem o propósito da escola e proponham caminhos alinhados ao contexto global e às necessidades locais.

ENTENDIMENTO (*UNDERSTANDING*)

A capacidade de compreender os fatores externos, sejam eles sociais, políticos, tecnológicos e/ou ambientais, é fundamental para a formação dos educadores. Ser capaz de enxergar simultaneamente o contexto macro e micro se tornará uma habilidade cada vez mais importante. Entender os novos comportamentos e movimentos sociais e econômicos aproxima as diferentes gerações e, principalmente, sustenta a criação de projetos e iniciativas significativos para todos os envolvidos.

RESPONSABILIDADES: promover a capacidade das novas gerações de olhar para determinada situação de forma equilibrada, em que todos os aspectos são considerados de forma sensata e sem radicalismos. Envolver os alunos na missão de colaborar e contribuir para a resolução de problemas globais, especial-

mente aqueles ligados à infância e à adolescência – base para uma sociedade saudável. Promover letramento digital aliado à inteligência emocional-digital.

OPORTUNIDADES: oferecer formações de professores que vão além da capacitação para o uso de ferramentas educacionais e de metodologias aplicáveis em sala de aula. Desenvolver jogos e atividades lúdicas para ajudar na capacidade de analisar contextos macro e micro, identificar padrões de comportamento na sociedade e refletir eticamente sobre o que nos serve e o que deve ser desconsiderado.

CLAREZA (*CLARITY*)

Em tempos complexos, ter clareza passa a ser um superpoder. Simplificar o pensamento e agir de forma prática e transparente, considerando ao mesmo tempo a profundidade das situações, é um desafio que precisaremos enfrentar.

RESPONSABILIDADES: a falta de clareza de pensamento e de visão está muito ligada ao excesso de sofrimento e às consequências geradas por diversos transtornos emocionais. Fazer parcerias com iniciativas voltadas para a saúde mental dos alunos e da equipe educacional, além de criar uma sólida rede de apoio, passa a ser uma responsabilidade também das escolas.

OPORTUNIDADES: estimular as crianças e os adolescentes a exercitar práticas que acessem a intuição e a criatividade por meio de meditação, *mindfulness*, contato com a natureza e processos variados de autoconhecimento.

AGILIDADE (*AGILITY*)

Diante das inúmeras mudanças no mundo, as escolas precisarão ser capazes de se transformar constantemente para responder de forma mais rápida, se comunicar melhor e antecipar cenários.

RESPONSABILIDADES: compromisso com a atualização constante da visão, propósito e clareza de objetivos. Reflexão, adaptação, colaboração e ação serão palavras-chave daqui para frente.

OPORTUNIDADES: integrar conhecimentos de diferentes áreas para aumentar a capacidade de transitar em contextos divergentes e de se adaptar às diversas realidades com mais eficiência. Promover agilidade emocional e fomentar inteligência emocional-digital.



» A crescente complexidade da evolução tecnológica afetará as relações humanas de forma nunca antes experimentada pela humanidade. Por essa razão, será necessária uma rede cada vez mais forte, integrada e colaborativa entre as pessoas e os sistemas para criar estruturas saudáveis sobre as quais as crianças e os adolescentes se desenvolverão. O futuro da infância e da adolescência é responsabilidade de todos nós. ■

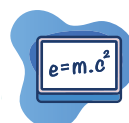


FERNANDA FURIA

é mestre em Psicologia de crianças e adolescentes pela University College London, na Inglaterra. Fundadora do Playground da Inovação - consultoria de Inovação em Psicologia e Educação. Professora de Psicologia da Inovação na FIAP (SP) e do curso de pós-graduação Formação Integral, no Instituto Singularidades (SP). Foi professora assistente na The American School, em Londres. Foi mentora do Social Good Brasil, organização de tecnologia para transformação digital. Membro da The British Psychological Society da Inglaterra. Especialista em Psicoterapia de crianças e adolescentes pelo Instituto Fernandes Figueira (Fiocruz/RJ). Pós-graduada em Atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica pela PUC-RJ. Psicóloga pela PUC-RJ. Mais de 25 anos de experiência no universo relacionado à infância e à adolescência.

PARA SABER MAIS

- DAVID, S. *Agilidade emocional: abra sua mente, aceite as mudanças e prospere no trabalho e na vida*. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2018.
- DIXON, P. *The Future of (Almost) Everything*. Londres: Profile Books, 2015.
- FURIA, F. Inteligência emocional-digital: o que é e como desenvolvê-la? In *Revista Educatrix* 13, Moderna, 2017. p. 26-29. Disponível em www.moderna.com.br/educatrix.
- FURIA, F.; BALDESSAR, M. J. Crescendo com as máquinas inteligentes: as crianças e as novas formas de socialização na cibersociedade. *Anais da II Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação*, 2017.
- SCHWAB, K. *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro, 2018.



Richmond Solution

DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL

Vamos construir **juntos** a trilha ideal para a sua escola percorrer o caminho da

transformação bilíngue



SOLUÇÕES COMPLETAS
PARA A SUA PROPOSTA
DE ENSINO

Faça parte da **Richmond Solution** e garanta um curso de inglês certificado no currículo de seus alunos!

Parcerias
estratégicas:



Uma jornada 360°

1. DIAGNÓSTICO PERSONALIZADO

2. Consultoria curricular

3. Apoio ao desenvolvimento do plano de ensino

4. Recursos integrados

5. Implementação

6. Acompanhamento ativo

7. Correção de rotas

8. Avaliação

Richmond
Solution



2 a 3 horas semanais para
escolas que querem iniciar
o caminho da transformação.

Richmond
Solution



4 a 5 horas semanais para
escolas que querem ir além.

ENSINO QUE CRIA CONEXÕES COM O MUNDO.

O **Educate Bilingual Program** é uma proposta educacional abrangente e inovadora. Oferecemos um programa completo com **certificação internacional** para alunos e professores, acompanhamento pedagógico contínuo e progressivo, incluindo suporte na seleção de professores, treinamentos presenciais e à distância e comunicação com a comunidade escolar, além de materiais didáticos com a força e a liderança da marca **Richmond**.



Parcerias estratégicas:



Com nosso programa bilíngue, sua escola
contará com uma proposta gradual desde a

Educação Infantil

(a partir dos 2 anos)



até o
Ensino
Médio

NOVIDADE

DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL PROGRESSIVO

CERTIFICAÇÃO

Ecosistema
Educate

ASSESSORIA
DE MARKETING

EXPERIÊNCIA DE
APRENDIZAGEM COMPLETA

0800 772 1040
www.educate.global

educate
by **Richmond**

UMA EMPRESA DO GRUPO

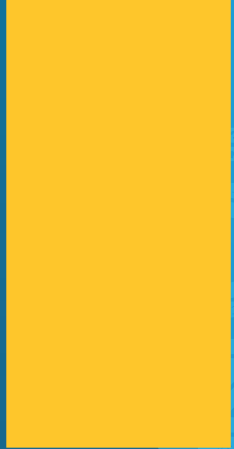
 **SANTILLANA**

DIG

VEM AÍ...

INNOVACIÓN

ITAL



U
O
Z
A
Q
S
E

...uma nova

SOLUÇÃO

EDUCACIONAL

de Espanhol



SANTILLANA
ESPAÑOL



POSSIBLE
EMOTIONS

Competências socioemocionais: Quais as ações dos educadores?

Propostas que consideram a BNCC trazem a reflexão sobre os papéis e as práticas dos educadores para o desenvolvimento das competências e habilidades do século 21.

TEXTO *Solange Giardino*

ESTAMOS vivendo pela primeira vez na história da educação a incerteza sobre quais serão as competências necessárias para que os nossos estudantes da educação básica sejam relevantes no mercado de trabalho. A cada segundo temos a produção de novos conhecimentos, o surgimento de novas funções e a transformação de tradicionais carreiras, assim como das habilidades necessárias para desempenhá-las.

As tarefas laborais dependem de dois tipos de competências básicas: a física e a cognitiva. No passado, competimos com as máquinas nas habilidades físicas, o que nos trouxe um maior desenvolvimento das habilidades cognitivas, que só nós, humanos, possuímos; agora, estamos sendo desafiados pela inteligência artificial, pela aprendizagem de máquinas e pela robótica.

Sabemos que será mais difícil substituir um trabalhador em atividades que exijam o uso simultâneo de várias habilidades, principalmente as que envolvam lidar com cenários imprevisíveis. Dessa forma, flexibilidade, criatividade e as competências socioemocionais serão determinantes para o desempenho do profissional do futuro. »



» ENTRE A RAZÃO E A EMOÇÃO: O PAPEL DA ESCOLA

Conhecer as próprias emoções e saber lidar com elas é o que chamamos de inteligência emocional. A escola, por ser um ambiente de relacionamento social, oferece uma ótima oportunidade para lidar com as próprias emoções, entender como funcionam e como podem ser modificadas. Os professores precisam ser orientados a mediar tais situações, com o intuito de conscientizar as crianças para reduzir conflitos tanto em sua vida pessoal, como no ambiente escolar.

Já é sabido que as habilidades socioemocionais aumentam a capacidade dos alunos de aprender e melhoram consideravelmente atitudes e comportamentos para lidar de maneira eficaz e ética com os desafios diários.

Partindo do pressuposto de que o ser humano é um ser relacional e de que precisa estar em contato com outras pessoas, criar vínculos e gerar conexões — quanto mais positivas e construtivas, mais positivas serão as emoções, ideias e atitudes —, a escola precisa ser um espaço que transmita confiança, comprometimento, respeito e colaboração de todas as partes. Construir boas relações exige tempo e não adianta apenas o professor se esforçar para fazer dar certo. Toda a comunidade envolvida precisa contribuir e fazer a sua parte para que as relações tragam frutos positivos a todos.

Outro ponto importante das relações interpessoais é que, ao estar em contato com pessoas diferentes de nós, conseguimos ampliar nossas perspectivas de mundo e expandir nossa visão em muitos aspectos. O mesmo acontece quando estamos dispostos a compartilhar o nosso melhor e ajudar os indivíduos ao nosso redor a crescerem e se tornarem cada vez melhores.

A escola deve promover uma formação integral, desenvolvendo, além das competências cognitivas e acadêmicas, as competências socioemocionais, oferecendo um ambiente humanizado e adequado para o estabelecimento de boas relações, uma vez que o aluno educado emocionalmente possui maior motivação para aprender.

As habilidades socioemocionais devem fazer parte do planejamento de todos os componentes curriculares, e não como uma disciplina isolada, pois precisam de contexto para serem desenvolvidas. Dessa forma, é necessário considerar o envolvimento da comunidade escolar, da família e de todos os professores, que precisam inserir o desenvolvimento dessas habilidades em suas aulas e atividades.

Além do planejamento letivo, estratégias adicionais devem ser realizadas em toda a escola, incluindo proporcionar aos alunos oportunidades de participar de comitês escolares e de atuarem em papéis de liderança como modelos de pares, mentores e consultores para colegas de classe. Um comitê de alunos pode ser de grande auxílio nessa condução, desde que seja uma ação coordenada com os professores e orientadores educacionais. Esses alunos precisam ser identificados por meio de instrumentos e posteriormente formados, para que tenham uma ação efetiva. Os jovens costumam procurar os seus pares e não um adulto para compartilhar suas dificuldades e anseios, então proporcionar rodas de diálogo e assembleias para que eles possam refletir e resolver entre si os conflitos é uma boa oportunidade de intervenção.

COMO SELECIONAR AS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS MAIS IMPORTANTES?

No Brasil, temos duas linhas teóricas sobre o tema que são muito difundidas: ① a CASEL (*Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning*), desenvolvida por uma organização americana de Chicago, que se baseia em cinco aspectos: autoconhecimento, autorregulação, sociabilidade, competências de relacionamento e tomada de decisão responsável; e ② a do *Big Five Factors* (Cinco Grandes Fatores de Personalidade), que explora outros cinco domínios: experiência, consciência, amabilidade, extroversão e estabilidade emocional.

Para definir quais habilidades socioemocionais serão trabalhadas, é preciso ter clareza sobre que aluno se quer formar. O ideal é trabalhar com poucas habilidades, priorizando as mais significativas a partir da identificação dos pontos fortes, pontos fracos e áreas de crescimento ou melhoria do público de alunos. As escolas devem escolher de comum acordo com a comunidade e com os alunos, se não possível com todos, mas com o grupo de representantes (comitê de alunos e pais).



AO ESTAR EM CONTATO COM PESSOAS DIFERENTES DE NÓS, AMPLIAMOS NOSSAS PERSPECTIVAS DE MUNDO E EXPANDIMOS NOSSA VISÃO EM MUITOS ASPECTOS.

QUAL É O PAPEL DO PROFESSOR?

É necessário que os professores tenham formação e orientação para conseguir transformar a sala de aula, assumindo um novo papel, para que controlem seu próprio comportamento, tornando-se modelos para os alunos. Para desempenhar bem a sua função, portanto, o professor precisa começar por uma autor-reflexão: quais são os seus próprios valores? Como mobilizar suas habilidades e competências socioemocionais? Aprender a lidar com as próprias emoções e refletir sobre elas é um passo fundamental.

Criar ambientes seguros e saudáveis para que os jovens possam desenvolver habilidades sociais necessárias para prosperar no seu projeto de vida não depende apenas dos professores, mas de toda a comunidade escolar, que precisa envolver todos os atores.

Para proporcionar um ambiente no qual os alunos se sintam seguros e onde suas opiniões e preocupações sejam consideradas e levadas a sério, o professor e a escola devem focar em soluções para os conflitos, e não em punições e recompensas.

A escola dos alunos enfileirados, com foco na “pedagogia da nuca”, não permite a expressão afetiva e emocional e também não promove o desenvolvimento socioemocional. As propostas pedagógicas devem priorizar atividades altamente interativas para dar ênfase às estratégias de aprendizado cooperativo. O aluno precisa participar de conversas significativas, se envolver em problemas relevantes, trabalhar cooperativamente com os colegas, professores e comunidade e se sentir desafiado.

Em todo esse percurso, o professor tem o papel de mediar o processo. É a condução dele, com perguntas bem planejadas e intervenções previamente elaboradas, que trará o clima de apoio, cooperação e segurança de que os alunos precisam.

O professor deve conduzir a gestão da sala de aula de forma que se coloque a serviço do coletivo e que chame os alunos para uma participação ativa, compartilhada, comprometendo-os a dividir as responsabilidades em um processo orientado, em que o protagonismo e a participação pautem o diálogo.

COMO AVALIAR AS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS?

Ao incluir as competências socioemocionais no currículo escolar de forma transversal, é essencial pensar em como mensurá-las para apoiar as atitudes dos estudantes e orientar os professores sobre como agir e o que esperar das diversas situações.

A avaliação das habilidades socioemocionais, assim como a dos trabalhos desenvolvidos por meio de abordagens de metodologias ativas e de aprendizagem por projetos, deve incluir diversas formas de avaliação, tais como autoavaliação, avaliação por pares (entre os colegas) e reflexões pessoais, mesclando as avaliações individuais com as coletivas.

As rubricas de avaliação são uma possibilidade, pois oferecem um sistema de pontuação que lista critérios específicos para o desempenho e as atitudes dos alunos, descrevendo diferentes desempenhos para cada um dos critérios e deixando claro o que se espera dos alunos no decorrer das atividades escolares. Para a elaboração das rubricas, sugerimos elencar quais habilidades serão observadas, listar seus descritores e, por fim, criar a tabela.

Trabalhar com as competências socioemocionais significa focar no desenvolvimento pleno e integral de toda a comunidade escolar, tendo a consciência de que são desenvolvidas pouco a pouco, pela vivência constante. O professor precisa considerar em seu planejamento ter a intencionalidade pedagógica de promover a expressão dos sentimentos e a reflexão sobre as ações, com o intuito de aprimorar a qualidade das relações interpessoais. À liderança escolar, cabe o papel de estabelecer indicadores para que fique claro a todos os integrantes da comunidade escolar o que é esperado e trabalhar com os professores e equipe para mediar conflitos de forma positiva. □

SOLANGE GIARDINO

é consultora de tecnologia educacional com foco em metodologias ativas, cultura maker, STEAM e aprendizagem criativa. Tem experiência consolidada no desenvolvimento e na gestão de projetos por meio da implementação de recursos digitais à prática docente e desenvolvimento de projetos nas áreas de formação continuada de professores. Apple Distinguished Educator, graduada em Psicologia e especialista em Informática Aplicada à Educação pela PUC-SP e em Gestão de EAD pela FGV. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

PARA SABER MAIS

- Movimento Pela Base Comum - Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC. Disponível em: mod.lk/edu18mpb. Acesso em: 2 mar. 2020.
- BENDER, W. N. *Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CASEL. *Educating hearts: inspiring minds*. Disponível em: <https://casel.org>. Acesso em: 9 fev. 2020.
- *The Big Five Personality Traits*. Disponível em: mod.lk/ed18foco. Acesso em: 9 fev. 2020.
- NELSEN, J.; LOTT, L.; GLENN, H. S. *Disciplina positiva em sala de aula*. São Paulo: Manole, 2017.



PROGRAMA
CRESCEMOS

o melhor que eu posso ser

**Trabalhamos habilidades,
desenvolvemos competências.**

Um programa complementar que vai da **Educação Infantil** ao **Ensino Fundamental – Anos Finais** e forma cidadãos capazes de compreender melhor a si mesmos e interagir positivamente com o mundo.

Para a escola

- Consultoria Educacional
- Formação Inicial para Professores
- Visitas Periódicas



Vamos aprender na prática:

Pensamento analítico
e capacidade de
antecipação

Comunicação
positiva e eficaz

Autoconhecimento

Cidadania digital e
consciência cultural e social




Criatividade

Liderança e
trabalho em equipe

Aplicar e criar
tecnologia

**Alinhado à proposta BNCC e aos
pilares da Educação da Unesco.**

 /programacrescemos
 @programacrescemos
 contatos@crescemos.com
 0800 772 1041

 Avaliações de Impacto
 Marketing Educacional
 E muito mais!



**BASE
NACIONAL
COMUM
CURRICULAR**



FAÇA SUA ESCOLA VOAR MAIS ALTO!

O **Novo Pitanguá** é a solução educacional da Moderna ideal para escolas que pretendem inovar com consistência, confiança e segurança.

4 EIXOS para a Formação Integral



**FORMAÇÃO
CIDADÃ**



**COMPETÊNCIAS
SOCIOEMOCIONAIS**



**ENVOLVIMENTO
FAMILIAR**



**APRENDIZAGEM
MÃO NA MASSA**



UMA ABORDAGEM FACILITADORA PARA QUE A ESCOLA POSSA FOCAR NOS REAIS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM.



**Educação
Infantil**
A PARTIR DOS
2 ANOS



**Ensino
Fundamental**
ANOS INICIAIS



+ de
40 MIL
alunos*



MKT • MODERNA

Explore todo o potencial
do **Novo Pitangua**



www.moderna.com.br/pitangua



 moderna.com.br  0800 17 2002  /editoramoderna

Todos transformadores

O empreendedorismo social colabora para a formação de jovens protagonistas na renovação e atualização do mundo.

TEXTO Flávio Bassi

O MUNDO hoje está em constante e acelerada transformação. Por um lado, está cada dia mais evidente a nossa profunda interdependência. Por outro, as revoluções tecnológicas e das comunicações afetam, como nunca, todas as dimensões de nossas vidas. São os jovens, em especial, que enfrentam o maior desafio face a essas mudanças, pois devem projetar suas vidas justamente nesse momento de transição.

Como podem encontrar soluções para um mundo que parece avançar mais rápido do que a nossa capacidade de responder ao que ele nos demanda? O jeito é fazer com que a quantidade de soluções exceda a quantidade de problemas e isso só é possível se todos nós formos sujeitos de transformação social positiva. Isso significa que precisamos desafiar o paradigma atual que ainda prepara as novas gerações para um mundo hierárquico, vertical, cindido em áreas e departamentos do saber e do fazer e orientado para a satisfação dos desejos e das necessidades individuais imediatos por meio da eficiência na repetição.

É face a essa virada civilizatória que o empreendedorismo social – um campo em construção nos últimos 40 anos – reafirma-se mais forte do que

nunca ao atrair a atenção de diversos outros campos, especialmente a educação escolar.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL: MODO DE SER

A Ashoka, que cunhou o termo e ajudou a construir o campo, define o empreendedorismo social considerando os atributos e as qualidades que caracterizam o(a) empreendedor(a) social e sua ideia:

- 1 **Seu perfil ou qualidade empreendedora:** uma forte motivação para mover recursos de uma área de baixo para uma área de grande impacto social.
- 2 **Possuir uma ou mais ideias inovadoras:** novas abordagens para problemas sociais com o potencial de mudar um ou mais sistemas.
- 3 **Ser criativo:** ter a capacidade de solucionar problemas e sempre buscar saídas para obstáculos que encontra pelo caminho.
- 4 **O impacto social de suas ideias:** as mudanças sistêmicas resultantes de suas ações.
- 5 **A fibra ética:** para que esse impacto seja sempre orientado para o bem comum e alcançado por meios éticos. »

EMPRENDEDORISMO





» Por esse conjunto de critérios já se percebe que o empreendedorismo social não é simplesmente algo que se faz, mas uma maneira de ser e estar no mundo. Por isso, se queremos que os aprendizados do empreendedorismo social contribuam com a educação escolar, precisamos ir muito além das abordagens mais utilitárias que o reduzem a um mero conjunto de conteúdos disciplinares. Ao contrário, é preciso voltar às suas origens: o que contribui para que as pessoas cultivem e desenvolvam as competências e habilidades que associamos ao empreendedor social?

Para responder a essa pergunta, a Ashoka realizou um diagnóstico de sua rede global de mais de 4.000 empreendedores sociais em 91 países. Ao olhar suas biografias, foram analisados os fatores que contribuíram para que eles, desde cedo, se dedicassem para o bem comum de maneira empreendedora. Dentre estes, cerca de 800 atuam diretamente com crianças e jovens e têm como objetivo principal contribuir para seu protagonismo social. Por isso também foram analisadas as suas estratégias e metodologias para compreender os principais fatores que contribuem para o sucesso de suas empreitadas.

Desse estudo se pode observar quatro modos ou condições de existência dos empreendedores sociais:

1 MODOS DE SER

► **Compreender a si mesmo:** cultivar a consciência de suas paixões, motivações, habilidades e limitações, combinadas com o compromisso de trabalhar para melhorar a si mesmo.

► **Criar senso de propósito e autopermissão:** desenvolver uma compreensão da mudança que se deseja ver no mundo e se permitir correr riscos para persegui-la.

2 MODOS DE CONHECER

► **Ler o mundo e compreender o campo social:** saber como a transformação social acontece, conhecendo os principais caminhos para a mudança estrutural e sistêmica.

► **Conhecer a comunidade através do engajamento:** criar relações horizontais com a comunidade e público para conhecer seus desafios e suas fortalezas.

3 MODOS DE PENSAR

► **Pensar de maneira sistêmica:** cultivar a capacidade de analisar um problema de maneira sistêmica e aprender a criar hipóteses sobre o que seria necessário para transformá-lo.

► **Definir problemas, projetar soluções:** ser capaz de definir um problema e projetar uma solução que leve em consideração consequências intencionais e não intencionais.

► **Pensar criativamente:** desafiar o pensamento para além do imediatismo do desafio em questão para visualizar o mundo como ele deveria ser.

► **Pensar com foco nos resultados:** aprender a alinhar atividades e táticas com resultados mensuráveis a curto e longo prazo e traçar caminhos para o sucesso.

4 MODOS DE CONVIVER

► **Comunicar de forma clara e convincente:** ser capaz de criar e comunicar novas narrativas ou paradigmas que anunciem as potências das novas soluções e mobilizem as pessoas.

► **Construir alianças e equipes:** ser capaz de estabelecer conexões com colegas e equipes para formar arranjos transformadores capazes de aumentar o impacto social das soluções.



UMA ESCOLA QUE GARANTE DIVERSOS TIPOS DE APRENDIZADOS CONTRIBUI PARA OS PROJETOS DE VIDA AO CONECTAR AQUILO QUE O MUNDO ESPERA DE NÓS COM AS NOSSAS PRÓPRIAS POTÊNCIAS E CAPACIDADES.

EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

É o conjunto desses quatro modos que leva, finalmente, às formas de fazer que caracterizam o empreendedorismo social. Estes dependem de pelo menos quatro competências de uma educação transformadora:

▶ **Empatia:** é a capacidade de conhecer seus próprios sentimentos e ideias, conhecer os sentimentos e ideias dos outros e, mais que isso, conectar-se com eles, saindo do eu para, a partir de outros olhares, adentrar uma visão mais abrangente e profunda do mundo. Só através dessa capacidade de estar verdadeiramente aberto àquilo que o outro apresenta, o indivíduo estará apto a refinar sua capacidade analítica, compreendendo diferentes contextos e, com isso, contribuir na busca por transformar o mundo.

▶ **Criatividade:** apostar na força da criatividade é reconhecer os estudantes como sujeitos ativos de suas próprias aprendizagens, uma vez que só se aprende na interação com o mundo natural, social e cultural, na produção de conhecimento e cultura e não na assimilação e reprodução de conteúdos previamente elaborados. Além de valorizar a autoria dos estudantes, de estimular diferentes linguagens e formas de expressão, do incentivo para criar soluções novas para problemas, cultivar a criatividade é antes de tudo abrir espaço para o exercício cotidiano da liberdade.

▶ **Trabalho em equipe com liderança compartilhada:** é a capacidade de cooperar e trabalhar em parceria, na diversidade, empreendendo ações conjuntas visando a resultados comuns. Ela se constrói principalmente através da vivência dos estudantes com seus pares, em grupos auto-organizados, em um ambiente democrático e ético, onde todos podem trazer contribuições e aprender juntos em nome do compromisso com o bem comum. As relações entre as pessoas mudaram e os modelos hierárquicos de liderança, marcados tradicionalmente pelo autoritarismo e pela rigidez, não têm mais espaço. A liderança hoje, mais do que nunca, deve ser compartilhada.

▶ **Protagonismo social:** todos somos, em nossa essência, iniciadores. A cada nascimento, ressurge a esperança da renovação e transformação do mundo. Trata-se, portanto, de uma qualidade inerente ao ser humano, mas que deve ser cuidada para que floresça com vigor. Protagonismo social é a capacidade de tomar iniciativas para o bem comum, buscando ativamente engajamento coletivo. O protagonista social é aquele que reconhece sua potência e assume postura ativa nos processos de transformação da realidade, orientando-se para a resolução prática dos problemas.

Uma educação transformadora, portanto, é aquela que entende, cultiva e potencializa essas quatro competências em toda a comunidade escolar. Uma escola que garante as condições para esses tipos de aprendizados contribui para os projetos de vida das juventudes (como preconiza a competência geral 6 da BNCC), mas em conexão com aquilo que o mundo espera de nós e a partir das suas próprias potências e capacidade de transformação.

UM MUNDO DE PESSOAS QUE TRANSFORMAM

Esse processo, tanto para as novas gerações quanto para a comunidade escolar como um todo, só pode ser uma jornada, uma caminhada. Ela parte, como vimos nos modos de existência empreendedora, da construção do “eu” (identidade), passando pelo encontro com o “outro” (alteridade), até chegar ao “nós” (comunidade). Por isso, quando me perguntam como as escolas podem contribuir para um mundo de pessoas que transformam, convido a olhar o aprendizado que vem das comunidades escolares que já fazem parte desse movimento: invariavelmente elas começam com uma jornada de descoberta de todos os membros da comunidade escolar, e especialmente das crianças e jovens, como sujeitos de transformação.

Mas não basta alguém se reconhecer como transformador: é preciso querer transformar o mundo. É o encantamento com o mundo que desperta a vontade de tomá-lo para si, cuidar dele e de tudo que nele existe. As competências transformadoras, combinadas com uma postura afetiva, ética e que coloca a autoria, a criação e a agência dos estudantes em primeiro lugar, ajudam a criar esse senso de responsabilidade pelo mundo e a fazer com que assumam um papel protagonista nas mudanças, renovações e cuidados demandados pelas diferentes realidades de hoje e de amanhã. □

FLAVIO BASSI

é antropólogo, educador popular e biólogo. Foi fundador e diretor executivo da Ocareté, atuando no campo socioambiental com povos indígenas e comunidades tradicionais, além de diretor regional da Ashoka para o sul da África. Atualmente é vice-presidente da Ashoka na América Latina, onde também dirige a sua estratégia de Infância e Educação.

PARA SABER MAIS

- ▶ Ashoka: ashoka.org
- ▶ Programa Escolas Transformadoras: escolastransformadoras.org.br
- ▶ Série “Corações e Mentes: Escolas que Transformam”: www.videocamp.com/pt/playlists/coracoes-e-mentes-escolas-que-transformam
- ▶ Movimento de Inovação na Educação: movinovacaonaeducacao.org.br



KEPLER

EDUCAÇÃO E EMPREENDEDORISMO MOVENDO O MUNDO.

UMA NOVA FORMA DE ENSINAR E ESTUDAR.

ALUNOS PREPARADOS PARA ULTRAPASSAR FRONTEIRAS E CRIAR OPORTUNIDADES.

Conheça nossa proposta de Plataforma Digital Completa, disponível da Educação Infantil ao Ensino Fundamental – Anos Finais, que une tecnologia e praticidade em sua essência e leva o conhecimento além da sala de aula, englobando todos os agentes essenciais envolvidos no processo de aprendizagem.



PARA A ESCOLA

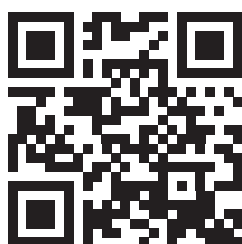
- Assessoria Pedagógica
- Formação continuada para professores



PARA OS ALUNOS

- Empreendedorismo Social
- Orientação para resultados em processos seletivos

ACESSE E SAIBA MAIS:



/plataformakepler



@plataformakepler

contato@plataformakepler.com
0800 772 1045



Conectar as emoções para a aprendizagem de matemática: o poder de uma boa história

Narrativas, jogos e novas metodologias para desmistificar o aprendizado matemático

TEXTO *David Dockterman*

[...] **A RAZÃO** de ver um vídeo de *unboxing* é descobrir o que há dentro do pacote. Ou seja, se revela algo, e até as crianças menores ficam curiosas pela informação (KIDD E HAYDEN, 2015).

De fato, a maioria dos animais sente o impulso de explorar seu entorno em busca de comida, refúgio e companhia. A necessidade de informação é essencial à existência. A maior parte dos pesquisadores concorda que é uma parte inata de nossa natureza (LAU ET AL., 2018). Sentimos o impulso de descobrir. [...]

Desde crianças que veem apenas mãos abrindo embalagens de brinquedos até macaquinhos que escolhem botões de recompensa e adultos que tomam pequenas decisões financeiras, o desejo de obter informação e de resolver a incerteza parece ser fonte importante de motivação. Não obstante, o que desperta a curiosidade e o desejo de buscar informação varia de acordo com o indivíduo e o contexto. Pense em uma zona de desenvolvimento próxima da curiosidade. Se a informação no entorno já é conhecida por um indivíduo, não há mistério, não há incerteza. »



» Se o contexto é totalmente desconhecido, é possível que o indivíduo não tenha um ponto de referência para anteciper o resultado. Uma criança pode estar encantada pensando em que brinquedo haverá na caixa, mas essa mesma criança não teria curiosidade a respeito de um câmbio monetário. As experiências e o conhecimento acumulado de cada pessoa influem em seu compromisso com a busca de informação. Por natureza, todos nos sentimos atraídos por descobrir, mas nem todos queremos descobrir as mesmas coisas.

A BUSCA DE INFORMAÇÃO E A NARRATIVA

Apesar do exposto anteriormente, parece que todas as pessoas podem sentir fascinação por uma boa história. Jerome Bruner, entre outros, argumenta que a narrativa é um meio importante para entender o mundo (BRUNER, 1986; GOTTSCHALL, 2013). O tradicional arco da história inicia com uma introdução ou exposição que apresenta as personagens e o contexto. Depois, há uma ação ascendente à medida que aparecem os conflitos e obstáculos. Isso nos leva a perguntar o que acontecerá. Finalmente, o clímax traz a resolução e satisfaz nosso desejo de saber. Essa estrutura temporal expõe as regras do jogo, os motivos, as causas e as consequências das ações. Explica-nos como funciona o mundo e nos prende com a incerteza do que vai acontecer depois.

A narrativa e a busca de informação têm um papel especial nas maneiras como nosso cérebro aprende e se relaciona com o mundo. As histórias, por exemplo, nos ajudam a recordar. Antes que as pessoas pudessem ler e escrever, careciam de outras ferramentas que as ajudasse a recordar e transmitir as regras sociais, as hierarquias e os rituais culturais. As histórias, os mitos e os poemas, desde a *Odisseia* de Homero até a *Bíblia* e o *Popol Vuh*, satisfizeram essa necessidade (FOER, 2012). Os membros de um grupo se reuniam para escutar histórias com ritmos e estruturas narrativas que as tornavam fáceis de recordar. O sentido de pertencimento ao grupo agregava um elemento que afiançava as lembranças. [...]

Assim como com a busca de informação, a experiência dita o que nos surpreende e o que nos interessa. As crianças pequenas, que ainda estão formulando suas definições de mundo, adoram a repetição. Querem escutar a mesma história muitas vezes (país, recordem esses dias). Elas estão gerando confiança em sua habilidade para fazer previsões corretas e sentir segurança no que sabem. As crianças maiores, adolescentes e adultos, também podem desfrutar das histórias previsíveis, como as que são parte de uma série. Nestas, a busca de informação é sutil. Para as crianças pequenas se trata de questionar se o que aconteceu na última vez voltará a acontecer. Por outro lado, uma pessoa mais velha que assiste a uma série pode desfrutar da incerteza de como a personagem principal superará o novo obstáculo (KENDEOU et al., 2008).

Os bons narradores sabem como aproveitar esses traços cognitivos. Eles captam nossa atenção injetando incerteza ao já conhecido. Eles nos convidam a mundos em que nosso cérebro opera em uma região proximal de busca de informação.

Sabemos o suficiente para tentar adivinhar o que acontecerá, como acontecerá ou como pode se sentir uma pessoa, mas não temos certeza. É preciso descobrir.

As narrativas mais poderosas também nos afetam emocionalmente. Não nos preocupamos somente com nossas previsões dos acontecimentos, mas também com as personagens. As histórias nos levam além da simples busca de informação: conectam e desenvolvem nossa empatia e nossa habilidade de ver o mundo pelos olhos de outra pessoa. Os investidores chamam essa habilidade de teoria da mente (SCHAAFSMA et al., 2015).

Para que o gerador de inferências em nosso cérebro seja eficiente, é preciso que sejamos bons em interpretar os motivos de outros. Precisamos de uma forte teoria da mente para avaliar o estado emocional de outra pessoa e prever o que ele ou ela fará em determinada situação. Precisamos ter a capacidade nos colocar no lugar do outro.

Na época de ingressar na escola, as crianças deveriam estar desenvolvendo sua teoria da mente. Envolver-se em histórias pode acelerar e expandir esse desenvolvimento (HOFMANN et al., 2016). E, quando se cria uma conexão emocional com as personagens, isso pode influenciar seu próprio comportamento (BARRAZA et al., 2015).

[...] O mundo é um lugar rico e complexo. Muitos estímulos competem pela atenção dos estudantes. A voz do professor e o escrito na lousa podem ser dignos de atenção, mas também há uma chuva suave batendo nas janelas da sala de aula e a cadeira é um pouco incômoda. Estes são alguns dos estímulos imediatos. O estudante também pode estar pensando em eventos passados, como em uma discussão dessa manhã com seu amigo ou com seu irmão, ou pode estar sonhando com o futuro, com algo especial para comer no almoço ou em um encontro com os amigos depois da escola.

A memória de trabalho, nossa habilidade de balancear vários elementos de informação na mente, é limitada (COWAN, 2016). Muitas coisas ameaçam sobrecarregá-la. Conseguir que os estudantes prestem atenção às instruções da

atividade do momento é fundamental para conseguir sucesso no aprendizado. Se conseguirmos que os estudantes deem importância à aprendizagem dos conteúdos e que invistam esforço nela, melhor ainda. As histórias podem ajudar.

INCERTEZA DE BAIXO RISCO

Quando muitos de nós pensamos em uma lição de Matemática, imaginamos algo relacionado a encontrar respostas específicas. Contudo, $8 + 3 = ?$ não é um problema com um nível de incerteza atrativo para despertar nosso desejo de informação. Um vídeo de *unboxing* nos convida a realizar uma mistura de simulações sobre qual pode ser o prêmio lá dentro. Será um adesivo? Um cachorrinho de plástico? É um jogo de adivinhação de baixo risco. E, independentemente de estarmos certos ou não, nosso cérebro nos recompensa por descobrir (KIDD Y HAYDEN, 2015). A solução de problemas matemáticos como $8 + 3 = ?$ é de alto risco. Poderia ser 10 ou 12? O correto está bem. O incorreto está mal. Apesar de as respostas exatas serem resultados importantes na aritmética, esse tipo de problema não capta nosso impulso motivador de busca de informação.

A incerteza de baixo risco, por outro lado, pode ser introduzida facilmente nas lições de Matemática. Em vez de enfatizar o resultado, por exemplo, pode

concentrar a atenção no processo. Quantas formas distintas podemos encontrar para resolver $8 + 3$? Dois? Três? Cinco? Pode-se calcular $8 + 1 + 1 + 1$. Ou podemos simplesmente recordar uma soma memorizada. Outra opção é decompor o 3 em $2 + 1$ e usar a estratégia de somar 10: $(8 + 2) + 1$. Neste caso, a ação de averiguar é satisfatória por si mesma. Não é realmente importante se os estudantes encontram quatro formas de resolver o problema ou dez.

A dúvida também pode ser introduzida de maneira produtiva na definição de um problema. Há vários exemplos que apresentam tentativas de captar as redes de busca de informação dos estudantes dessa maneira. Uma estratégia pode ser apresentar uma situação sem uma pergunta. Sofia tem 50% mais seguidores em redes sociais que Héctor. Héctor tem 112 seguidores. Com isso se pode desafiar os estudantes, questionando-os: “quantos problemas matemáticos vocês acham que podemos criar usando essa informação?” ou “o que acham que o livro lhes pedirá para resolver com essa informação?”. Ambas as perguntas ativam o pensamento matemático e a curiosidade pela pesquisa.

Outra estratégia é revelar gradualmente detalhes do problema. Mostre um gráfico sem títulos nem números. O que acham que o gráfico mostra? Depois de mostrar os títulos, »

O TRADICIONAL ARCO DA HISTÓRIA INICIA COM UMA INTRODUÇÃO OU EXPOSIÇÃO QUE APRESENTA AS PERSONAGENS E O CONTEXTO. DEPOIS, HÁ UMA AÇÃO ASCENDENTE À MEDIDA QUE APARECEM OS CONFLITOS E OBSTÁCULOS. **ISSO NOS LEVA A PERGUNTAR O QUE ACONTECERÁ.**



» desafie-os a prever o problema que resolverão. Lembre-se de manter as indicações dentro do repertório de modelos mentais dos estudantes. Eles terão de saber o suficiente sobre a situação e a Matemática para poder ativar seus geradores de inferências, suas simulações preditivas do futuro. E para que não se torne algo entediante. Os estudantes têm muitos outros estímulos que prendem sua atenção (MEYER, D., 2011).

ENVOLVIMENTO EMOCIONAL

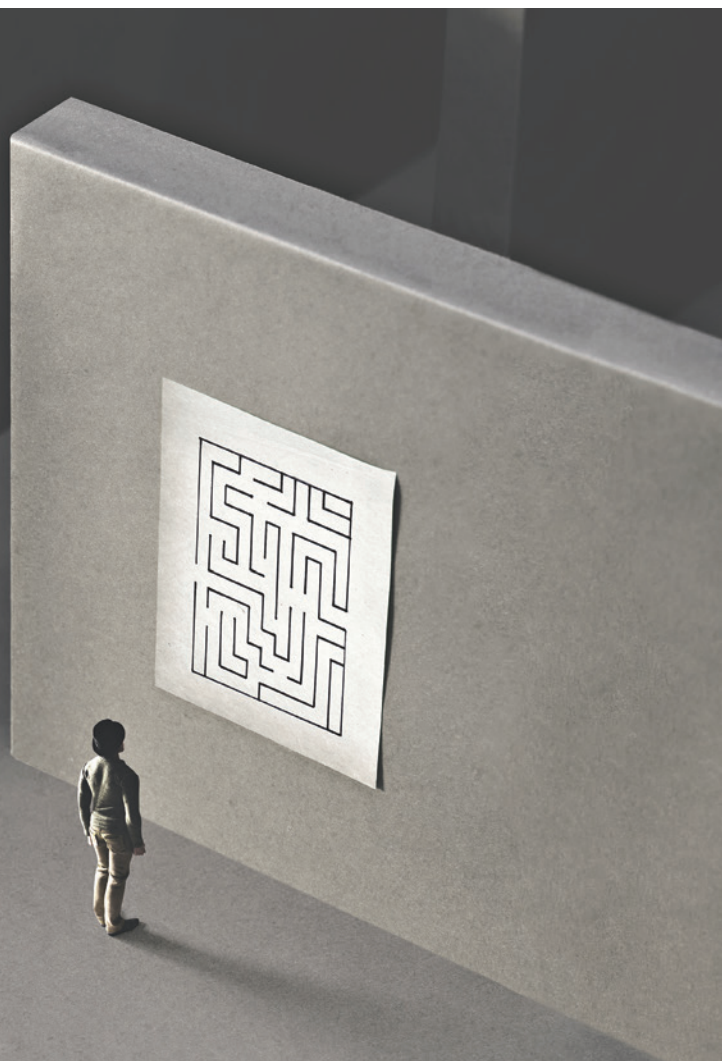
Da mesma forma que as personagens de uma história trazem um elemento emocional para a busca de informação, engajar os estudantes nas atividades matemáticas pode garantir seu envolvimento. João resolveu o problema memorizando a soma. Maria o fez de outra maneira. De que maneira acreditam que ela fez? Carlos utilizou um método diferente. Ele o explicará. Vocês acham que chegará à resposta correta? Os colegas de classe de uma criança são como as personagens de uma história. Podem se identificar com eles e podem se importar com o que lhes aconteça. Realizar simulações com pessoas que conhecem ativa a parte do cérebro da teoria da mente e a empatia dos estudantes. E se um estudante inventa uma estratégia inesperada, a surpresa amplifica a atenção ainda mais. [...]

O envolvimento emocional não tem de ser construído unicamente com estudantes reais da classe. As histórias fictícias funcionam também. Com certeza a ficção é comum nas aulas de Matemática, sobretudo nos problemas escritos. Esses problemas podem ser usados para situar relações matemáticas em contextos conhecidos. Paulo tinha 3 borrachas. Seu amigo lhe deu algumas e agora ele tem 11 borrachas. Quantas borrachas o amigo de Paulo lhe deu? Esse problema representa uma situação de mudança, especificamente uma situação de valor faltante. Fran ganhou vários jogos de *videogame* em seu aniversário. Agora tem 13 jogos de *videogame*. Antes de seu aniversário, tinha somente 6 jogos. Quantos jogos Fran ganhou

de presente? Ainda que a informação se apresente em uma ordem diferente e com um conteúdo diferente, esse segundo problema é matematicamente igual ao primeiro: $a + ? = b$. Esses problemas, no entanto, não têm estrutura dramática. Não há exposição que relacione os estudantes com Paulo ou com Fran. Não há razão para que se preocupem ou para que se perguntem (ou façam previsões) o que acontecerá com eles. Os problemas escritos tendem a carecer do drama que desencadeia a busca de informação emocionalmente carregada. Isso não faz diferença para os estudantes. Não há envolvimento emocional.

As narrativas genuínas, com bom desenvolvimento de personagens, ação ascendente, com obstáculos significativos e consequências relacionadas a resolver esses bloqueios prometem ativar a motivação carregada de emoção da busca de informação entre os estudantes até mes-

NOSSOS CÉREBROS SÃO
GERADORES DE **INFERÊNCIAS**.
MANTÊM-SE REALIZANDO
SIMULAÇÕES DO QUE
ACONTECERÁ COM BASE EM
EXPERIÊNCIAS ANTERIORES.



mo em uma aula de Matemática. As boas histórias causam envolvimento. Crie uma história para Fran, a personagem do problema anterior.

Talvez ela viva em outro planeta. Pode ser que se sintam estranha e lute para se enturmar com seus pares. Ela se pergunta se ter um *videogame* popular a tornará popular. Saberá escolher o jogo certo? Pode pagar por ele? O jogo lhe trará amigos? Serão amizades genuínas? Como pode criar vínculos com as outras crianças? Ainda que a história de Fran aconteça em outro planeta, sua situação e preocupações são muito comuns. Navegar pela história é uma aventura episódica, recheada de situações matemáticas periféricas incorporadas, que desvendam o que motiva as pessoas e o desejo de aceitação social.

Se os estudantes se conectarem emocionalmente com Fran, vão se sentir motivados a descobrir o que acontecerá com ela. Vão querer escutar, ler ou ver o próximo capítulo ou episódio. Não posso garantir que possamos transformar as crianças no equivalente matemático de quem vê maratonas de séries, mas as pesquisas sugerem que, se for o caso, podemos expandir o uso da narrativa para ampliar o envolvimento muito além do que é comum em uma aula de Matemática hoje.

NORMAS PARA A APRENDIZAGEM CONSTANTE

Recorde as pesquisas que sugerem que nossos cérebros são geradores de inferências. Mantêm-se realizando simulações do que acontecerá com base em experiências anteriores. Pense no estudante que tem um histórico de fracasso e até mesmo humilhação na aula de Matemática. O que acha que seu cérebro vai prever quando for realizada uma pergunta ou aplicada uma avaliação? Pode ser que o estudante esteja pensando: “Eu vou errar. Vou parecer tolo. Sou tolo. O que posso fazer para evitar essa situação?”. A ansiedade devora os recursos de atenção e deixa o estudante com menos recursos cognitivos para aplicar nas tarefas (FOLEY et al. 2017). O medo de errar aumenta a probabilidade

de que suceda. Uma resposta incorreta confirma a previsão, e isso aumenta a crença de ser incompetente em Matemática.

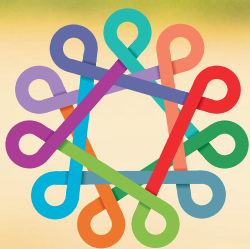
As normas culturais, especialmente em países ocidentais, reforçam a ideia de que algumas pessoas são boas para Matemática e outras não (FOLEY et al., 2017). Se o pai de um aluno diz: “eu sempre tive dificuldade nessa disciplina”, isso pode tornar a competência em Matemática um traço genético. Não ter bom desempenho pode significar que o estudante não tem predisposição para a Matemática. Se for bem, significa que a pessoa tem um talento natural para a Matemática e não precisa se esforçar para ter sucesso. Ambos conceitos são errôneos e minam o esforço (HWANG, REYES e ECCLES, 2019). O estudante que vai mal se desconecta. O estudante com talento natural evita os desafios, porque a Matemática deveria ser fácil. Esses ciclos psicológicos infrutíferos devem ser quebrados para que os estudantes se envolvam de maneira positiva na aprendizagem da Matemática.

As histórias corretas podem ajudar a promover um modelo preditivo diferente para o estudante. Mencionei pesquisas que endossam o que os publicitários já suspeitam há muito tempo: as histórias emotivas influenciam o comportamento. O que acontecerá se algumas das narrativas utilizadas para envolver os estudantes na aprendizagem de Matemática também modelarem comportamentos para se recuperarem de erros? Ler histórias de perseverança ante os obstáculos pode tornar os erros e fracassos em algo comum, convertê-los em características típicas do processo de aprendizagem (LIN-SIEGLER et al. 2016). Se até mesmo as personagens inteligentes da história cometem erros e ainda assim alcançam sucesso, talvez equivocarse não signifique ser tolo. A empatia (teoria da mente) nos permite ver e sentir o mundo como se fôssemos outra pessoa. As personagens atraentes nas histórias conseguem essa conexão, e podemos aproveitá-la para alimentar os mecanismos de geração de inferências nas mentes dos estudantes com simulações diferentes que estimulam a perseverança e resiliência na aprendizagem.

No entanto, essas histórias têm de sair da sala de aula e chegar até em casa e à cultura em geral. Muitos pais também necessitam de novas narrativas para o ensino de Matemática. Todas as aplicações da história e a incerteza que descrevi podem desempenhar papéis fora da escola. Imagine atividades com baixa dificuldade que os pais podem fazer com seus filhos. Quantos números primos você acredita que veremos no caminho para a loja? Transforme situações cotidianas em jogos. Vejamos se podemos melhorar nosso recorde. E conecte com a emoção. Dê às crianças histórias que possam compartilhar com seus pais, incluindo suas próprias histórias de perseverança e crescimento. Que seja pessoal e que tenha impacto. ▣

DAVID DOCKTERMAN

é catedrático e professor da Escola de Pós-graduação em Educação de Harvard.



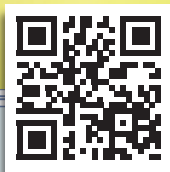
Atitudes

PARA A VIDA

***O desenvolvimento progressivo
das competências socioemocionais***

Assim como consta nas exigências da BNCC, o programa **Atitudes para a vida** propõe o desenvolvimento gradual das competências cognitivas e socioemocionais, de forma integrada aos conteúdos das nossas coleções didáticas, contribuindo para o cultivo de relações pessoais ainda mais significativas.

**UMA METODOLOGIA TESTADA E APROVADA
POR PROFESSORES DE TODO O BRASIL!**



Conheça experiências reais
de escolas parceiras:
<http://mod.lk/atitudes>



PRESENÇA NAS REDES SOCIAIS

 /editoramoderna

 @editoramoderna



É hora de rever seu *mindset!*

Como mudar atitudes e
pensamentos reflete em
melhores resultados.

TEXTO *Paulo de Camargo*





QUANDO começou a lecionar em um tradicional colégio da comunidade japonesa de São Paulo, há alguns anos, o geógrafo Guilherme Sandler tinha dois caminhos a escolher: ou seguir livros didáticos e apostilas, lição após lição, transformando paisagens, fenômenos naturais e as relações entre ser humano e ambiente em uma narrativa oral muitas vezes monótona, ou poderia... inovar. Desse modo, Sandler trouxe tecnologias então recentes, como o Google Earth, criou jogos geográficos e conciliou o *high-tech* com papelão, fita crepe e palito de sorvete. Hoje, Guile, como é conhecido, é articulador de uma rede colaborativa de inovação com mais de 4 mil membros, a Rede Brasileira de Aprendizagem Criativa.

Não, esta reportagem não trata de inovação ou de movimentos como a da aprendizagem criativa, que ganham tração e começam a impactar a educação em todo o Brasil. O objetivo é abordar um processo que ganha cada vez mais dimensão estratégica em todas as organizações: a mudança cultural, ou simplesmente a capacidade de pensar diferente, adotar novos pontos de vista, sair da caixa, reinventar-se.

A trajetória profissional vivida por esse educador exemplifica o desafio de milhões de professores brasileiros, que todos os dias iniciam seu dia atuando em um dos espaços mais tensionados pela transformação da tecnologia, do trabalho, da sociedade e do conhecimento: a escola. >>

» Para quem logo pensa em aprender a usar computador, aplicativos, plataformas, redes sociais, calma lá. Embora a dimensão tecnológica seja parte inerente do mundo do século XXI, isso é apenas parte do desafio. A mudança cultural é bem mais ampla e pode simplesmente se referir ao modo como educamos nossos filhos e alunos, como lhes damos *feedbacks* sobre seu desenvolvimento, como os preparamos para superar seus desafios. Relaciona-se com a maneira como nos vemos no mundo em todas as dimensões, incluindo a profissional. Relaciona-se com a forma como interpretamos o que nos ocorre e como projetamos a ação futura. A questão é que, em um oceano de transformações, precisamos também rever a forma pela qual conduzimos nosso barco, às vezes deixando-nos levar pela onda, às vezes remando contra a maré.

MINDSET FIXO E DE CRESCIMENTO

A pesquisadora Carol S. Dweck, PhD pela Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, dedicou sua vida acadêmica a estudar como o comportamento das pessoas é afetado pelas suas crenças pessoais e como influencia na maneira como cada um se relaciona com o mundo, seja nos desafios, nos fracassos ou nos sucessos. Tornou-se célebre pelo livro *Mindset – a nova psicologia do sucesso*, que acaba de ser reeditado pela Editora Objetiva, no Brasil, com quase 2 milhões de exemplares vendidos em diversos países. *Mindset* significa, em sua perspectiva, a atitude mental e a forma pela qual é influenciada por crenças individuais.

A abordagem é espantosamente simples. Segundo a pesquisadora, há basicamente dois tipos de *mindset*: o que denomina *mindset* fixo e o que define como *mindset* de crescimento. Não se trata de separar o mundo entre otimistas e pessimistas, ou entre os que veem o copo meio cheio ou meio vazio, na expressão popular.

Na base do conceito proposto por Dweck está a divisão entre as pessoas que orientam suas condutas pela crença íntima em qualidades inatas (as de *mindset* fixo) ou pelas competências aprendidas e construídas pelo esforço – as de *mindset* de crescimento.

Como a pesquisadora explica, acreditar que nascemos com qualidades inerentes pode levar os indivíduos a encarar todos os desafios como provas ou ameaças aos sucessos já obtidos, e assim resistir a tudo o que envolve se expor ao novo, com os previsíveis ciclos de erros e aprendizados. Segundo a pesquisadora de Stanford, pessoas de *mindset* fixo veem a crítica e o erro como questões de caráter e sentem-se fragilizadas em sua própria identidade quando chamadas a mudar de atitude ou a enfrentar

o novo. Qualquer fracasso pode ser pesado demais.

Ao contrário, diz Carol Dweck, aqueles que entendem que o fracasso (por exemplo, nas atividades de aprendizagem ou profissionais) é simplesmente uma oportunidade para aprender e que talento não é um amuleto distintivo que trazemos do berço podem se abrir mais facilmente a possibilidades de crescimento.

Uma dimensão óbvia dessa dualidade pode ser vista na questão do esforço pessoal. Para aqueles que acreditam em desenvolvimento de virtudes, capacidades, competências, o investimento de tempo e trabalho em projetos é parte integrante do cotidiano. Para os que preferem acreditar em seus atributos inatos, todo esforço pode parecer algo desnecessário e incoerente com suas convicções.

Evidentemente, o estudo possui nuances. Todos possuímos esses dois *mindsets* em diferentes proporções. Além disso, podemos nos enganar achando que somos flexíveis, quando só encontramos álibis para dobrar a resistência. Mas a reflexão continua válida ao indagar sobre o que orienta nossas atitudes diante do novo.

Desses princípios decorreram pesquisas, exemplos e análises citadas pela pesquisadora em diversos campos da atividade humana, descritas nos estudos reunidos no livro. Em alguns casos, são particularmente relevantes para a educação e são coerentes com pesquisas no campo da pedagogia e da psicologia educacional. Um exemplo interessante é como encaramos o erro e o insucesso de crianças e adolescentes e, principalmente, como manifestamos isso nas palavras que utilizamos em sala de aula.

Nesse aspecto em específico, é muito fácil perceber a diferença entre elogiar um aluno atribuindo a nota à sua inteligência (e reforçar o *mindset* fixo), como é frequente, ou procurar reconhecer seu esforço, sua atenção ao processo, a distância entre o ponto de partida e até onde chegou.

Na cultura da avaliação escolar brasileira, historicamente focada em métricas e notas, e com grandes índices de repetência, prevalece a primeira abordagem. “A sala de aula muitas vezes se divide, no olhar do professor, entre os mais inteligentes e menos inteligentes, entre os que terão sucesso e os que provavelmente fracassarão. Assim, prevalece o resultado final sobre o percurso individual, o esforço de superação, o processo de aprendizagem. Assim como prevalece a baixa expectativa sobre a chance de transformação do aluno”, diz a psicóloga e pedagoga Cláudia Tricate, diretora do Colégio Magno, em São Paulo.

Mas, cuidado, o risco é ir ao outro extremo e simplesmente reconhecer o esforço, mesmo que não



ACREDITAR QUE
NASCEMOS COM
QUALIDADES
INERENTES PODE NOS
LEVAR A ENCARAR
TODOS OS DESAFIOS
COMO **PROVAS
OU AMEAÇAS**
AOS SUCESSOS JÁ
OBTIDOS, E ASSIM
RESISTIR AO NOVO

tenha levado a lugar algum. Nesse caso, o *feedback* positivo equivaleria a um tapinha nas costas. “Nosso trabalho mostra que você pode elogiar o resultado, desde que também fale sobre o processo que levou a esse resultado”, explica Carol Dweck, em uma entrevista à revista pedagógica *Educational Leadership*. Por isso, é importante ter estratégias mais ricas de avaliação, que permitam ter um filme do processo de aprendizagem, e não apenas um retrato final. Entre outras virtudes, isso permitirá que o aluno não se sinta sempre voltando à estaca zero e perceba que houve avanços. “O esforço é essencial, mas está a serviço do progresso e do aprendizado. Há outras coisas igualmente importantes — como encontrar estratégias bem-sucedidas e buscar sugestões”, afirma a autora norte-americana na mesma entrevista.

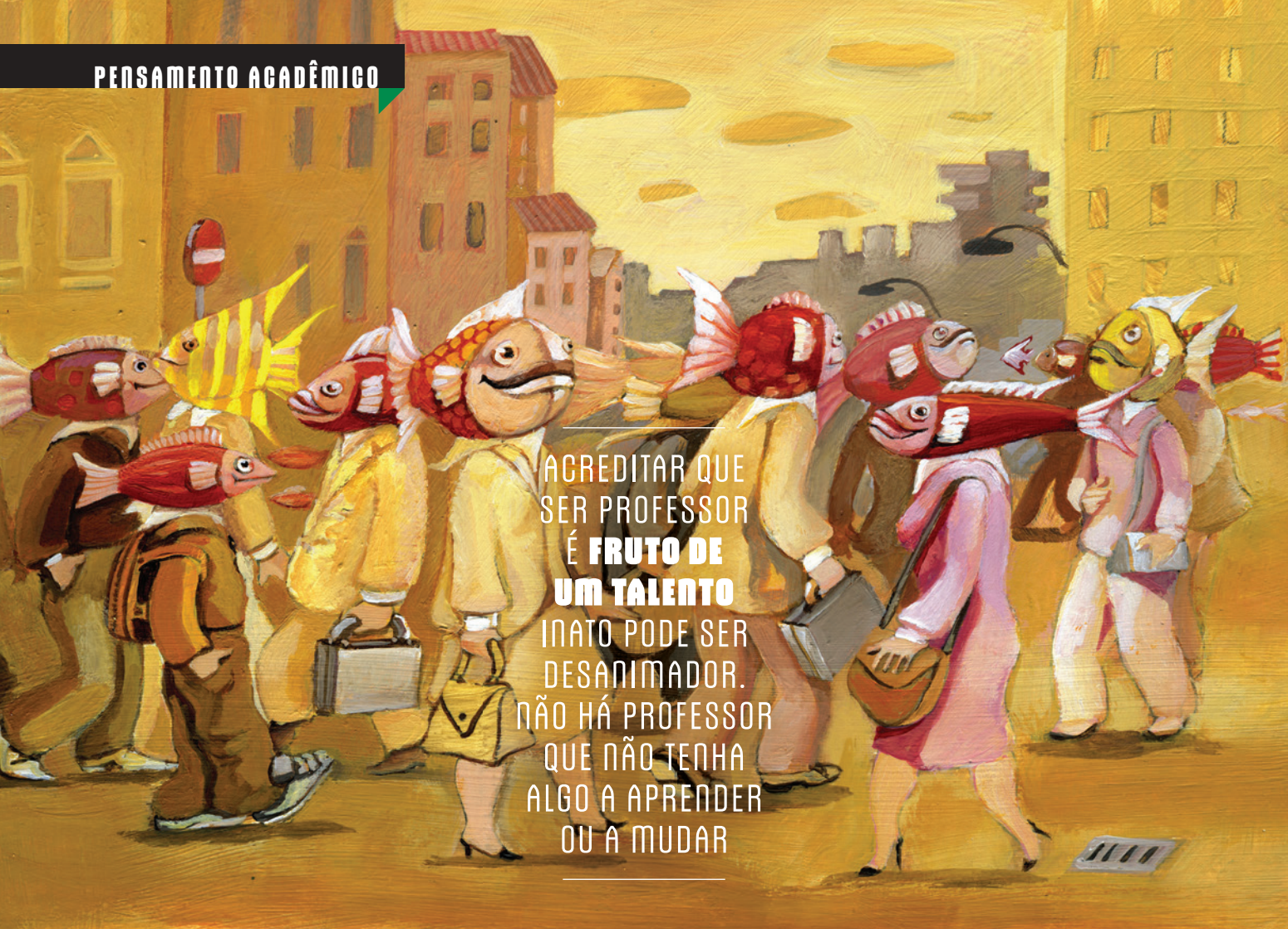
Dentro da mesma ótica, a maneira de ver o erro é essencial para promover o que chama de *mindset* de crescimento. E, nesse caso, vale ter cuidado com a hipocrisia. “De nada adianta ter um discurso sobre valorizar o erro como parte do processo e não mudar nada na conduta, rebaixando a autoestima do aluno”, diz Claudia Tricate. “Valorizar o erro significa estar ao

lado do aluno, buscar as causas, mostrar que há diferentes caminhos para chegar a um mesmo resultado, encontrar as hipóteses mais sólidas”, afirma.

E AGORA, PROFESSOR?

A reflexão sobre nossas disposições de pensamento, crenças e a mudança cultural necessária não tem a ver apenas com o fazer diário do educador, mas também com a própria forma de encarar o dever da profissão. Afinal, o futuro tem um nome: educação. Um estudo divulgado no último Fórum Econômico Mundial mostra que nos próximos 2 anos até 54% dos profissionais precisarão passar por um processo denominado “*reskilling*”, que pode ser traduzido por uma requalificação de competências.

“Um mundo em constante mudança exige pessoas com novas capacidades”, explica Luciana Camargo, diretora de RH da IBM para a América Latina. Por isso, transformar a cultura das pessoas e das empresas está entre os desafios que mais preocupam líderes globalmente. “Este é um desafio para as pessoas, mas também para empresas, uma vez que a era digital introduz novos modelos de negócios, novas formas de trabalho e a necessidade de »



ACREDITAR QUE
SER PROFESSOR
É FRUTO DE
UM TALENTO
INATO PODE SER
DESANIMADOR.
NÃO HÁ PROFESSOR
QUE NÃO TENHA
ALGO A APRENDER
OU A MUDAR

» uma cultura flexível que promova o desenvolvimento de todas as potencialidades das pessoas”, esclarece a executiva.

Flexibilidade, adaptabilidade a mudanças, gerenciamento do tempo, habilidade de priorizar e trabalhar em ambientes colaborativos são as competências essenciais para quem está no mercado de trabalho. Não há receita para mudar, mas, sem dúvida, a chave é a educação. É preciso pensar sobre como se aprende na fase adulta e, para isso, existe o termo andragogia ou pedagogia para adultos.

Um estudo da consultoria global Deloitte ouviu mais de 10 mil líderes em 169 países no ano passado e descobriu que a maior preocupação para 86% deles é justamente encontrar novas formas pelas quais as pessoas possam aprender e mudar, em seus próprios ambientes de trabalho. Mudar passa por aprender e reaprender sempre, por toda a vida, sem que isso signifique um demérito profissional, por mais talentoso que seja o funcionário da empresa.

A pesquisa de Carol Dweck tem algo a dizer sobre isso também. Para ela, acreditar que ser professor é fruto de um talento especial e inato pode também ser desanimador, especialmente em contextos

desafiadores, como as salas de aulas das escolas de hoje. Não há professor que não tenha algo a aprender ou a mudar atualmente, seja nas escolas de elite, seja nas escolas públicas de áreas vulneráveis.

“Os novos professores geralmente têm uma percepção frágil de si mesmos em uma profissão tão exigente. Com uma mentalidade fixa, eles sentem que suas habilidades estão sendo julgadas, e podem esconder suas lutas. Mas em uma mentalidade de crescimento, você deseja que as pessoas possam lhe dar o *feedback* mais honesto possível”, diz.

Essa é uma barreira que precisa ser definitivamente superada. Mundo afora, as políticas de formação de professores em sistemas educacionais bem-sucedidos, como Japão, Coreia do Sul, Finlândia, frequentemente envolvem mentoria com professores mais experientes, estudo de aulas gravadas, *feedbacks* constantes. Parte essencial do trabalho das lideranças escolares é justamente acompanhar, encorajar e aprimorar o trabalho dos professores, e isso também é um aprendizado para os gestores brasileiros, porque dar bons *feedbacks* também requer um aprendizado.

“Muitas vezes, *feedback* é entendido como crí-

tica construtiva. No entanto, é uma ferramenta poderosa para apreciar o que as pessoas estão fazendo bem e ajudar na reflexão sobre onde poderiam melhorar. Encorajar a mentalidade de crescimento e reflexão sobre o que se aprendeu com a experiência é uma forma positiva de incentivar as pessoas a crescerem”, diz Luciana Camargo.

Mas, claro, é preciso ter sempre em mente que mudar não é um processo simples para ninguém. Para o psicólogo José Ernesto Bologna, consultor de grandes empresas e de escolas brasileiras, trata-se de um desafio complexo que deve partir da compreensão do que precisa ser mudado. “Mudar envolve opiniões, visões de mundo, falas, atos, formas, estilos pessoais, sentimentos, abandonar antigas mágoas, antigas resistências, ser mais flexível em valores e juízos, ou se tornar mais rígido. Enfim, mudar a própria dificuldade de mudar”, lembra.

Segundo Bologna, memórias, princípios, conceitos, ideias, afetos, falas e atos, juntos, integram um sistema complexo que podemos denominar estilo, o popular jeito de cada um. “Cada um desses elementos constitutivos alimenta, realimenta, retroalimenta, e, assim, mantém todos os outros. Portanto, a personalidade, o estilo pessoal, com o tempo vai cristalizando, sulcando, os mesmos mecanismos e caminhos. É esse fenômeno psicodinâmico (a maneira de a mente manter o funcionamento da própria mente) que torna mudar progressivamente difícil com o tempo. Os adultos não mudam por falta de consciência da vantagem de viver experimentalmente, e da coragem de enxergar de novas formas”, define o especialista. O que também é um desafio (e tanto) para a escola e para os educadores, não é mesmo?

PROBLEMAS BRASILEIROS

A complexidade do cenário apontado por Bologna tem ingredientes próprios: a realidade da educação e da sociedade brasileira. Esse é um ponto essencial, que está na base de críticas possíveis a propostas como a defendida por Carol Dweck. Concentrar as soluções na postura de indivíduos pode levar a um grande erro: isentar o Estado ou as empresas de oferecer condições dignas de trabalho para seus profissionais.

No caso da realidade educacional brasileira, os desafios estão postos e são conhecidos. Há problemas por toda parte: salas lotadas, baixos salários, pouco tempo para a formação em serviço e para o planejamento. Nesse ecossistema tão multifacetado, não se pode esperar que a qualidade das escolas e o grau de engajamento profissional mude por esforço dos indivíduos – na medida em que é fruto de um contexto social mais amplo, em um país com quase 50 milhões de alunos e 2,1 milhões de professores.

Segundo a pesquisa Talis, que envolveu 48 países e foi divulgada no final de 2018 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), quase 40% dos professores de Ensino Médio das escolas públicas brasileiras veem mais desvantagens do que vantagens em ser professor. Isso coloca o Brasil abaixo de países como Vietnã e Emirados Árabes. Apenas 11% dos professores de Ensino Fundamental – anos fundamentais acham que sua profissão é valorizada pela sociedade, um dos índices mais baixos do estudo.

A questão da infraestrutura é particularmente questionada. Cerca de 71% dos diretores das escolas públicas acreditam que seu trabalho fica mais difícil pela falta de internet. No plano dos salários, os docentes da rede pública ainda recebem, em média, 70% menos do que os demais profissionais com ensino superior.

É um cenário complexo que não se muda apenas com disposições individuais. Depende de prioridade política, pressão e controle social, mas que também não se transforma sem mudança de mentalidade dos profissionais da educação. A pesquisa Talis ainda mostra, por exemplo, que, apesar de meio século passado desde que os estudos do pesquisador brasileiro Sérgio Costa Ribeiro trouxeram à tona a chamada Pedagogia da Repetência, o país ainda continua sendo um dos que mais reprovam no mundo. Em 2018, 71% dos docentes continuam acreditando que é bom para a formação do aluno que ele repita o ano, caso tenha recebido notas baixas. Além disso, o contexto global aponta para grandes transformações na organização da educação, que se torna um processo cada vez mais disseminado fora da escola.

No século XXI, como previu o pesquisador português Rui Canário, a educação deixa de ser refém da escola e passa a acontecer em muitos outros ambientes sociais, presenciais e virtuais. Os educadores são profissionais de importância indiscutível, sobre o qual se assentam todas as esperanças de um mundo melhor. Assim, também se ampliam as possibilidades de atuação do educador, que precisa rever as bases de suas convicções para que possa participar sem temores do processo de *reskilling* vivido por todas as categorias profissionais. Nesse caso, sim, é hora de cada professor aceitar o conselho de Dweck e refletir sobre seu próprio *mindset*. E por que não? ▣

PARA SABER MAIS

● Pesquisa Talis. Disponível em: mod.llk/ed18pens. Acesso em: 9 fev. 2020.



COMPARTILHA

O futuro
da educação,
hoje

UM PROJETO GLOBAL VIVO

+ de **670**
ESCOLAS
no Brasil

+ de **280**
MIL ALUNOS
no Brasil

presente em
16 PAÍSES

+ de **1 MILHÃO**
de alunos



Desenvolvemos e implementamos propostas **360°**, a partir de uma experiência educativa que se adapta a sua escola, baseada no **DESENVOLVIMENTO CONTÍNUO** de seus profissionais, suas metodologias, seus processos, sua tecnologia, seus espaços de aprendizagem, sua comunicação, sua projeção na comunidade escolar.

 modernacompartilha.com.br

 [/Moderna.Compartilha](https://www.facebook.com/Moderna.Compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)

 **COMPARTILHA**

Uma experiência educativa que se adapta à sua escola

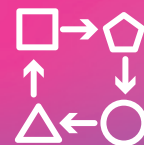
Analizamos o momento e as necessidades específicas da sua escola para potencializar sua identidade e seu próprio projeto educativo junto à comunidade.



PRECURSOR



FLEXÍVEL



ADAPTÁVEL

Há mais de 50 anos, estamos próximos das escolas, ressignificando a relação com o conhecimento e a cultura digital.

Oferecemos resultados visíveis a partir do desenvolvimento de habilidades, espaços híbridos de aprendizagem e tecnologia educacional.



MENSURÁVEL



CONFIÁVEL

Acreditamos no aprender e reaprender continuamente por meio da formação docente, alinhada a padrões internacionais.

ISTE

Nosso projeto educativo tem foco no desenvolvimento e *feedback* contínuos dos professores e na personalização da aprendizagem.

#CompartilheONovo

 modernacompartilha.com.br

 [/Moderna.Compartilha](https://www.facebook.com/Moderna.Compartilha)

 [@modernacompartilha](https://www.instagram.com/modernacompartilha)



A escola e a cultura juvenil





Reformas curriculares: adequando a educação ao novo mundo

TEXTO *Miguel Thompson*

A ESCOLA CONTEMPORÂNEA se organizou em disciplinas escolares, herdeiras do movimento Enciclopedista do século XVIII, baseado na organização do conhecimento acadêmico. De certa forma, os currículos escolares domesticaram a cultura com programas hierarquizados e conceitos rigidamente interligados a serem transmitidos aos alunos. Assim, conhecimentos de fora do meio acadêmico, obtidos pela experiência dos jovens com seu entorno e com forte tradição popular, foram abandonados pelo processo de ensino. Esse discurso hermético, de definições, conceitos e modelos, além de não dialogar com os educandos, não tem sido capaz de explicar o mundo para os jovens: um conhecimento fechado apenas à escola e para a escola. »



» Preocupados com a progressiva distância da educação escolar com o mundo, alguns países promovem reformas curriculares para transformar a educação em um processo mais significativo para os jovens e efetivo para a resolução de problemas, em um mundo dinâmico e complexo. Os currículos tradicionais, ainda sob forte influência da Revolução Industrial e da verticalização conceitual, vêm sendo modificados, deslocando a centralidade disciplinar para o aprendizado, a compreensão e a resolução de problemas. Com base nas ideias de Kant, utilizadas por Piaget para o desenvolvimento da sua teoria do conhecimento, não se pretende mais um conhecimento em que os estudantes sejam uma tábula rasa, meros repositórios de informações. As vivências dos jovens, suas experiências e as rápidas transformações do mundo contemporâneo passaram a ser vetores importantes para a elaboração de políticas públicas educacionais. O dinamismo do mundo atual e a velocidade com que novos conhecimentos são sistematizados, nem sempre associados ao meio acadêmico, exigem que os currículos escolares passem a ser mais porosos ao mundo e interativos com os conhecimentos prévios dos jovens.

Por outro lado, saber individualmente o que pensam os estudantes sobre cada tópico é pouco factível em salas de aula lotadas. Como abarcar o conhecimento dos jovens, interagir com os conteúdos escolares e produzir sínteses efetivas para o desenvolvimento estudantil? Abordar os processos socioculturais contribui decisivamente para construir uma escola mais contextualizada e significativa. A cultura jovem deve ser parte integrante do planejamento escolar, como forma de trazer o imaginário dos jovens e aproximá-los dos saberes escolares, enriquecendo as aulas com novos conhecimentos vindos deles.

PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Partindo de uma premissa construtivista, é importante entender o desenvolvimento dos jovens. A puberdade é o processo de transformação fisiológica, anatômica e psíquica que marca a passagem da infância para a juventude. É um fenômeno comum para todos os seres humanos, embora seja diferente para cada sexo biológico. Já a adolescência é um fenômeno histórico, sociocultural, localizado no tempo e no espaço. Ao contrário dos estereótipos sobre a juventude, pode-se afirmar que existem várias adolescências, determinadas por diversidade de grupos, atitudes, comportamentos, gostos, valores, filosofias de vida, níveis econômicos e regiões.

Nem sempre se considerou a adolescência como uma fase do ciclo de vida. A Organização das Nações Unidas (ONU) delimita a adolescência à faixa que vai de 10 a 20 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) descreve essa fase entre os 12 e os 18 anos. Mudanças culturais e socioeconômicas vêm estendendo essa faixa até cerca de 30 anos, seja pela diminuição do número de filhos na família, ampliando o foco de atenção dos pais aos filhos, seja por questões econômicas, que obrigam o jovem adulto a viver com a família original por mais tempo. De qualquer forma, o *status* de adolescência como uma fase formal do ciclo de vida foi definido no início do século XX, a partir dos estudos do psicólogo Stanley Hall.

A ADOLESCÊNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA

A adolescência sempre foi uma preocupação da sociedade, apenas não era considerada uma fase diferenciada, como a infância e a vida adulta. Na Grécia Antiga, a imagem mitológica de Eros era

a representação ora de uma criança na forma de anjo, ora de um adolescente, descrito como mimado e irascível, a distribuir sentimentos passionais para aqueles que flechava. Em muitos relatos, é possível identificar as relações conflituosas entre Eros e outros deuses. Nada diferente do estereótipo que temos dos adolescentes de hoje. Havia uma preocupação também do contato entre jovens e adultos. A famosa condenação de Sócrates foi decorrente da acusação de o filósofo degenerar os mais jovens com suas ideias e comportamento. Muitas são as culturas e religiões que possuem cerimônias ou rituais que demarcam a passagem da infância para a juventude e do jovem para a vida adulta. Na Idade Média, o sistema feudal exigia que as crianças trabalhassem assim que desenvolvessem autonomia, sendo tratadas como adultos em miniatura, sem que houvesse uma ideia de juventude.

Shakespeare foi um dos primeiros escritores a descrever uma forte reação dos jovens contra as tradições dos adultos em *Romeu e Julieta*. Romeu tinha 17 anos, e Julieta, 13. O movimento Romântico (séc. XVIII-XIX) apresenta características típicas dos jovens adolescentes, como o subjetivismo, a idealização, o sentimentalismo, o egocentrismo (culto ao eu interior), o escape psicológico (nostalgia da infância e a idealização de um passado medieval), a necessidade de liberdade de criação, o pessimismo (protagonistas com profunda tristeza, angústia, solidão, inquietação, desespero). O romance *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe, foi proibido e acusado de incentivar o suicídio entre os jovens – preocupação pausada com a recente série televisiva *13 reasons why* (13 razões porquê) e com o suposto “Jogo da Baleia Azul”. A ideia



A CULTURA JOVEM DEVE SER PARTE DO PLANEJAMENTO, COMO FORMA DE TRAZER O IMAGINÁRIO DOS JOVENS E APROXIMÁ-LOS DOS SABERES ESCOLARES

de indivíduo passa a ser cada vez mais fomentada pela associação do Romantismo com a filosofia liberal. Nesse período, surge o Romance de formação, em que se descrevem as agruras do processo de desenvolvimento da juventude, com *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe. Obras como *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, e *Harry Potter*, de J. K. Rowling, são herdeiros dessa tradição.

O século XIX é repleto de literaturas focadas na adolescência. Os irmãos Grimm pesquisaram contos com adolescentes como protagonistas, em rituais de passagem para a vida adulta. A partir da tradição oral, compilaram as histórias de Branca de Neve, Rapunzel e Cinderela. Uma versão moderna é a empoderada Elsa, de *Frozen*, muito mais adequada para as adolescentes feministas atuais.

No final do século XIX, uma icônica referência foi a do poeta Arthur Rimbaud, que produziu toda sua poesia enquanto era adolescente, abandonando a produção literária aos 20 anos. Sua foto adolescente é uma das mais conhecidas representações de juventude do Ocidente. Nessa época, inicia-se o ideal de juventude como desejo da sociedade. Oscar Wilde escreveu *O Retrato de Dorian Gray*, em 1890, representando um jovem que jamais envelhecia.

O século XX foi uma grande ode à adolescência. Com o processo de urbanização e a revolução industrial acelerada no século XIX foi preciso intensificar a formação dos jovens para o mundo do trabalho, massificando a educação e os agrupando em faixas etárias, como nas linhas de montagem. Por outro lado, milhares de jovens morreram na Primeira Guerra Mundial, ampliando nas

famílias o desejo de proteger e de dar mais atenção a seus filhos. A urbanização, as aglomerações urbanas, a locomoção mais rápida com o advento do automóvel e outras mudanças culturais aproximaram os jovens, que passaram a construir um rápido processo de imaginário coletivo.

A partir da Segunda Guerra Mundial, com o advento da bomba atômica, uma revolta contra o mundo adulto passa a tomar conta de parte da população jovem. James Dean pode ser visto como uma espécie de Rimbaud/Dorian Gray, sendo a encarnação dessa “juventude transviada”. O *rock’n’roll* passa a ser um mantra entre os adolescentes urbanos, vindo dos Estados Unidos, contaminando todo mundo ocidental, com um forte apelo ao consumo, principalmente pela rápida popularização da televisão. Foi possível o desenvolvimento de uma cultura juvenil pelo amplo processo de escolarização dos jovens e pelo retardamento da entrada destes na vida adulta, passando a ter mais tempo para interagir com colegas de mesma idade, sem uma pauta de produtividade. Movimentos culturais como os *beatniks* e contracultura *hippie* dos anos 1960 foram o coroamento da centralidade do jovem no mundo contemporâneo. Dos discursos identitários sessentistas vieram o feminismo, o movimento LGBT, a luta antirracista, o movimento ambiental e o ativismo político. Hoje, não é difícil encontrar estudantes que se identificam com alguma dessas causas.

A ideia da adolescência como fase de vida é uma construção que vem se consolidando socialmente em especial nos últimos 200 anos, não como um comportamento único, mas plural, com diferentes grupos identitários que podem se agrupar em tribos urbanas »



» modernas e que se bem compreendidas podem ajudar no planejamento do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para uma passagem menos conflituosa.

A CULTURA JOVEM NO BRASIL

Conhecer a cultura jovem, identificar entre os alunos esses grupos culturais e intermediar o conhecimento formal com a cultura de massa é uma boa estratégia para dar maior significado ao conhecimento em qualquer disciplina. Para muitos conteúdos, seja pela característica ou pelo contexto dos períodos em que os conhecimentos foram formalizados, conectar a cultura juvenil ao conteúdo escolar pode despertar a curiosidade e o engajamento no processo individual e coletivo de aprendizado. Em 2018, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em uma ação extremamente arrojada, inseriu em sua lista de preparação para o vestibular o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC, grupo de rap com ampla penetração entre os jovens. Mais do que estudar para o vestibular, a Unicamp aponta que a cultura jovem é um conhecimento a ser considerado pela escola. São muitos os diferentes campos da cultura *pop* que podemos conhecer e utilizar nos planos de aula. Veja alguns exemplos:

► O ROCK

Há uma farta produção bibliográfica e cinematográfica sobre o *rock* no Brasil, suas origens e penetração como força cultural. Uma boa dica é assistir ao filme biográfico de Erasmo Carlos, *Minha Fama de Mau*. O filme aborda principalmente a formação e a consolidação da cultura juvenil no Brasil entre 1950 e 1960. O rápido processo de urbaniza-

ção e estratificação social do período, a expansão da classe operária e da classe média. Essa base de mudanças abriu espaço para o desenvolvimento de uma cultura de consumo.

► O SERTANEJO

A migração da música caipira, profundamente enraizada no mundo rural, para o meio urbano, fundindo-se com o *iê-iê-iê* da Jovem Guarda, deu origem à música sertaneja. Há muitas variações do ritmo, como o sertanejo universitário, voltado para um público jovem e caracterizado pelo afastamento do cenário e dos valores da tradição rural. As temáticas exploram a importância do dinheiro, o universo das baladas, as conquistas amorosas, os namoros rápidos e a “sofrência”.

► O FUNK NO BRASIL

O *funk* brasileiro vive há quase duas décadas entre extremos de aceitação e repúdio. As músicas são executadas milhões de vezes no Youtube e no Spotify. O ritmo surgiu nos anos 1960 como expressão da cultura negra norte-americana e chegou ao Brasil nos anos 1970, principalmente no Rio de Janeiro e em menor expressão em São Paulo. Executado em bailes comandados por DJs, rapidamente foi assumindo uma cultura particular, com seus MCs. Um dos principais influenciadores do *funk* no Brasil foi o antropólogo Hermano Vianna, como objeto de pesquisa acadêmica. Aqui, a Academia foi em busca da cultura popular.

► O GEEK E O NERD

A Comic Con e a Campus Party são dois dos eventos mais importantes da cultura *geek* e *nerd*. Só no Brasil, cerca de 300 mil jovens visitam a Comic Con,



O JOVEM DE HOJE VALORIZA A DIVERSIDADE DE IDEIAS E CULTURAS E BUSCA MAIS PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES SOCIAIS E CÍVICAS DE SEU ENTORNO. A ESCOLA PRECISA REPRESENTAR ESSE ESPAÇO DE MÚLTIPLOS DIÁLOGOS.



onde é exposto o que se tem de mais relevante na cultura de quadrinhos, cinema, televisão e *games*. Acompanhar as notícias ou participar desses eventos nos dá um bom *upgrade* sobre essa cultura. Há uma intensa ressignificação desses jovens consumidores. A partir de seriados de televisão como *The Big Bang Theory* e *Silicon Valley*, bem como a exposição constante de ícones da tecnologia como Steve Jobs e Bill Gates, muitos jovens passaram a apreciar essa cultura; o antigo CDF tornou-se *cool*, não mais o típico jovem a sofrer *bullying*. Passa a ser um estilo de vida construído a partir do consumo e das novas concepções de juventude e de trabalhador ideal para o mundo da quarta revolução industrial. Uma junção de cultura do entretenimento e da tecnologia passa a definir identidades juvenis.

▶ O ATIVISTA

Os anos 60 foram ricos em manifestações políticas da juventude. Muitas dessas causas se expressam hoje nos jovens do Ensino Básico. Entender esses movimentos ajuda a preparar nossos planejamentos da maneira mais significativa para os estudantes. Movimentos como o de junho de 2013 tiveram origem no protesto de jovens contra o aumento de passagem de ônibus urbanos. Em poucas semanas o país foi tomado pelo movimento, que ampliou suas pautas e tornou-se mais complexo.

Em uma linha similar de movimentação de jovens, menos politizada, mas também de grande importância, podemos colocar os rolezinhos que ocorreram no final de 2013 e em parte de 2014, quando jovens de classe média baixa se espalharam por todo Brasil, passeando em grupos em vários *shoppings* a que

comumente não tinham acesso e nem eram bem-vindos.

As ocupações das escolas públicas foram um misto de rolezinhos com as jornadas de junho de 2013, pelo ato de ocupação e pela ação política. O processo de organização dos protestos gerou uma dinâmica de organização coletiva que forjou novas relações sociais, tanto entre os estudantes, como entre eles e os professores e as direções das escolas. A ideia de grêmios escolares geridos horizontalmente, sem relações hierárquicas, foi um dos pontos-chave do movimento. Em pouco tempo escolas de São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná e Espírito Santo foram ocupadas.

Nesses movimentos, as meninas tiveram um papel preponderante. Paralelamente às ocupações estudantis, vimos as jovens brasileiras se apropriarem de um debate político e feminista com camisas com os dizeres “Lute como uma garota” pelas escolas. É importante destacar os recentes movimentos feministas como o #MeToo dos Estados Unidos que fala contra o abuso masculino e se posiciona a favor dos direitos das mulheres.

EM SÍNTESE

A nova geração das múltiplas culturas tem um comportamento global, com grande afinidade à diversidade, em que muitos participam de atividades cívicas. São colaboradores naturais, prezando a liberdade de escolha e tendem à personalização das coisas, uma geração que sai de um comportamento passivo frente à televisão para uma interação constante com as mídias digitais. Ao contrário das gerações passadas, querem se divertir, seja na escola, seja em movimentos cívicos

ou no trabalho, o que não retira deles a responsabilidade pela entrega com qualidade. Vivem em um mundo veloz e aceitam a inovação como elemento natural da vida. O modelo fabril do século XX vai sendo substituído pelo ateliê do artesão, o estúdio do artista, a oficina de consertos ou, por que não, em um grande salão de festas. ■

MIGUEL THOMPSON

é Doutor e Mestre pelo Instituto Oceanográfico da USP. Autor de livros didáticos e de difusão científica, foi professor do Ensino Básico por 25 anos. Atua como consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), é presidente do conselho editorial da Revista Educação e diretor acadêmico da Fundação Santillana.

PARA SABER MAIS

- CAMPOS, A. J. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.
- CARR, N. *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- PINHEIRO-MACHADO, R. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- PRENSKY, M. *Ensinar a nativos digitais*. UE: Edições SM, 2011.
- ROCHA, C. *Popular e perseguido, funk se transformou no som que faz o Brasil dançar*. Disponível em: nexojournal.com.br. Acesso em: 6 jan. 2020.
- SANTOS, P. M. dos. *O Nerd virou cool: consumo, estilo de vida e identidade de uma cultura jovem em ascensão*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal Fluminense, 2014.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. *Adolescência através dos séculos. Psicologia: Teoria e Pesquisa*. abr.-jun. 2010, v. 26, n.2, pp. 227-234.
- TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a Internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- ZIMMERMANN, M. *Erasmus Carlos e sua fama de mau: o rock e a cultura juvenil no Brasil (1950-60)*. Disponível em: mod.lk/ed18pano. Acesso em: 10 fev. 2020.



**Da Educação Infantil
ao Ensino Médio**

UNO é a criatividade transformando a educação.

Fazemos mais que preparar alunos para ingressar nas melhores universidades do país. Nosso propósito é desenvolver o **pensamento crítico**, a **autonomia** e a **maturidade emocional**.

Formamos **alunos criativos**, protagonistas no vestibular e também nas **próprias escolhas**.



Recursos de aprendizagem

- Curriculares
- Projetos Atitudinais
- Programas (lógica de programação, socioemocional e estratégias de pensamento)



Ambientes inovadores

- **Nova** plataforma digital de conteúdo
- Espaço Maker
- Laboratório Media Lab
- Sala de aula multimídia

Acesse e saiba mais:



/unoeducacao



@unoeducacao

contato@unoi.com
0800 772 8866



PROJETO

QUAL É O SEU? E O DOS SEUS ALUNOS?



O que é projeto de vida?
Como elaborar?
Qual é o papel do aluno,
da escola e da família na
construção e na implementação
de projetos de vida?

TEXTO *Roberta Amendola*

ILUSTRAÇÃO *Lambuja*

DE VIDA





» **DESDE** que a BNCC trouxe o projeto de vida como o eixo sobre o qual a escola deve organizar suas práticas, muito se discute sobre protagonismo, autoria e educação integral, mas nem sempre fica claro como ele pode ser desenvolvido.

Antes de propô-lo aos alunos, pense em você: qual é o seu projeto de vida? O que você deseja para o seu presente e para o seu futuro? O que tem feito para atingir seus objetivos?

Difícil responder, não?

Então vamos mudar as perguntas: o que o move? O que dá sentido à sua vida? Essa motivação está relacionada com a sua atuação profissional?

O que move você é o seu **propósito**, ou seja, aquilo que o inspira, que o faz sair da cama todos os dias, a sua causa, a sua bandeira. O propósito deve guiar as suas escolhas e ser a base dos seus objetivos. Como educador, por exemplo, talvez o seu propósito profissional seja fazer a diferença na vida dos seus alunos por meio da educação e transformar o mundo com conhecimentos e vivências. A partir dessa motivação, você se preparou, traçou e trilhou o seu caminho e a sua carreira.

E hoje: quais são os seus objetivos? O que você quer alcançar em curto, médio e longo prazo na esfera pessoal, na social e na profissional?

É preciso tempo e informações para organizar os pensamentos, estabelecer metas e pensar em modos de atingir esses objetivos. É preciso, também, fazer uma análise do presente para definir formas de chegar ao futuro desejado.

{ **PROPÓSITO**
É A SUA
MOTIVAÇÃO,
AQUILO QUE
O INSPIRA }



Como você deve ter percebido, mais do que respostas, a proposta do projeto de vida é oferecer as perguntas certas. As respostas são individuais e podem mudar em função do período de vida. O papel da escola e da família é estimular a reflexão sobre o **campo de possibilidades** dos alunos: a identificação de diferentes estilos de vida baseados em escolhas livres e responsáveis em função do contexto socioeconômico deles.

O projeto de vida visa ampliar esse campo de possibilidades, levando os jovens a considerar as vantagens e desvantagens dos diferentes estilos de vida profissional, seja por meio do empreendedorismo, seja pelo meio acadêmico ou empresarial.

Enquanto os alunos conhecem e analisam as trajetórias possíveis, é possível conduzir de forma segura a elaboração de um plano de ação para levá-los a identificar interesses, transformá-los em objetivos realistas e desenvolver as competências e as habilidades necessárias para atingi-los e, se for o caso, revê-los de acordo com as mudanças no entorno.

AS TRÊS DIMENSÕES DO PROJETO DE VIDA

Com base em reflexões, vivências individuais e coletivas e conhecimentos, é possível desenvolver as três dimensões da vida e definir um projeto para cada uma delas. As três dimensões a serem desenvolvidas no projeto de vida são: pessoal (autoconhecimento), social (vida em sociedade) e profissional (mundo do trabalho).

Na dimensão pessoal, os jovens se (re)conhecem como sujeitos e refletem sobre os aspectos que impactam na sua identidade, como seus valores, o modo como lidam com os seus sentimentos e emoções, a sua origem (a família biológica e a de convivência) e a sua atitude de abertura ao novo e à diversidade. Além disso, descobrem interesses e aspirações e detectam competências e habilidades que podem se relacionar com as profissões que irão exercer.

As atividades e as vivências nessa dimensão devem contribuir para promover a autoaceitação e a autovalorização, favorecendo, assim, o fortalecimento da autoestima dos jovens, o seu crescimento emocional e o seu empoderamento.

Na dimensão social, os alunos refletem sobre as relações interpessoais com o seu entorno imediato e com o mundo e sobre o impacto que essas relações causam neles como cidadãos.

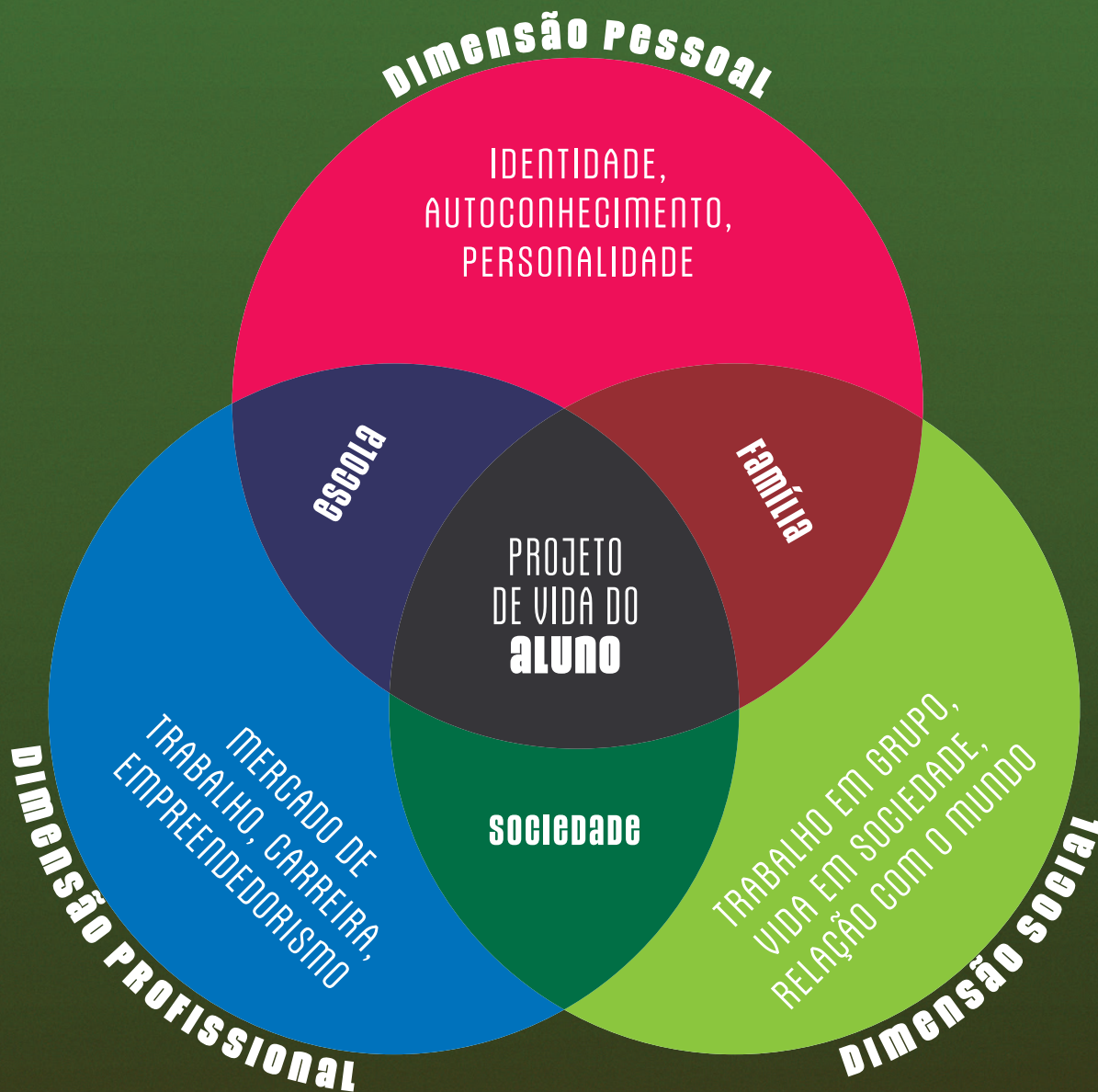
As atividades dessa dimensão, maioritariamente em grupos, visam ao desenvolvimento do senso de responsabilidade para com o bem comum, por meio do convívio baseado em valores, como ética e empatia, e no respeito a direitos e deveres sociais. Promove-se a atuação na sociedade por meio da força de ações e intervenções coletivas para a solução de problemas reais que afetam da escola à comunidade, da cidade ao planeta.

Na dimensão profissional, abordam-se os fatores que contribuem para a mobilidade social dos jovens por meio da sua »

{ **CAMPO DE
POSSIBILIDADES**
SÃO OS
DIFERENTES
CAMINHOS RUMO
AO FUTURO COM
BASE NA ANÁLISE
DO PRESENTE }



AS TRÊS DIMENSÕES DO PROJETO DE VIDA



» atuação produtiva. A inserção e a permanência no mundo do trabalho dependem da identificação e do desenvolvimento de habilidades, competências e conhecimentos alinhados às demandas do século XXI, como uso da tecnologia, empreendedorismo, criatividade e resiliência.

Nesse contexto, já não se fala mais em “vocação”, como se as pessoas nascessem predestinadas a descobrir e exercer determinada profissão. No mundo dinâmico da sociedade 4.0, as demandas e os trabalhos estão em constante transforma o e, para além de preparar os jovens para uma profissão específica, o objetivo da educa o contemporânea   oferecer subsídios para que eles se tornem cidadãos e “profissionais” no sentido amplo do termo, que possam se adaptar e crescer tanto em situa es favoráveis quanto nas adversas, com base em valores e saberes pessoais, relacionais e cognitivos.

O desenvolvimento dessas três dimensões contribui para a forma o de jovens cidadãos críticos, aut nomos e  ticos, capazes de identificar e realizar objetivos alinhados ao presente e ao futuro que desejam para si e para o mundo.

O PASSO A PASSO PARA O PROJETO DE VIDA

Promover a reflexão e a constru o de projetos de vida na escola significa oferecer ferramentas e recursos para que os jovens transformem as aspira es em objetivos concretos alinhados aos seus propósitos. Um desses recursos   a elabora o de um **plano de a o** que, baseando-se nesses objetivos, estabelece metas com prazos claros e viáveis, assim como estratégias para realiz -los.

Para evitar que os jovens sejam levados pelo acaso das oportunidades ou por necessidades, a proposta de constru o de um projeto de vida desnaturaliza e combate o determinismo social partindo da análise da realidade e da elabora o de um planejamento estratégico para superar desafios. Assim, o plano de a o para o desenvolvimento de um projeto de vida deve estabelecer objetivos, metas, prazos e estratégias realistas, que não contem com a sorte ou com o acaso, como ganhar na loteria.

Por meio da constru o e da atualiza o sistematizada e constante do plano de a o para a realiza o dos seus projetos de vida, os jovens podem refletir, trocar ideias com pessoas próximas, pesquisar sobre as perspectivas locais e globais, fazer escolhas e tomar decisões sobre suas vidas, tendo em vista que elas impactam no entorno e – por que não? – no mundo.

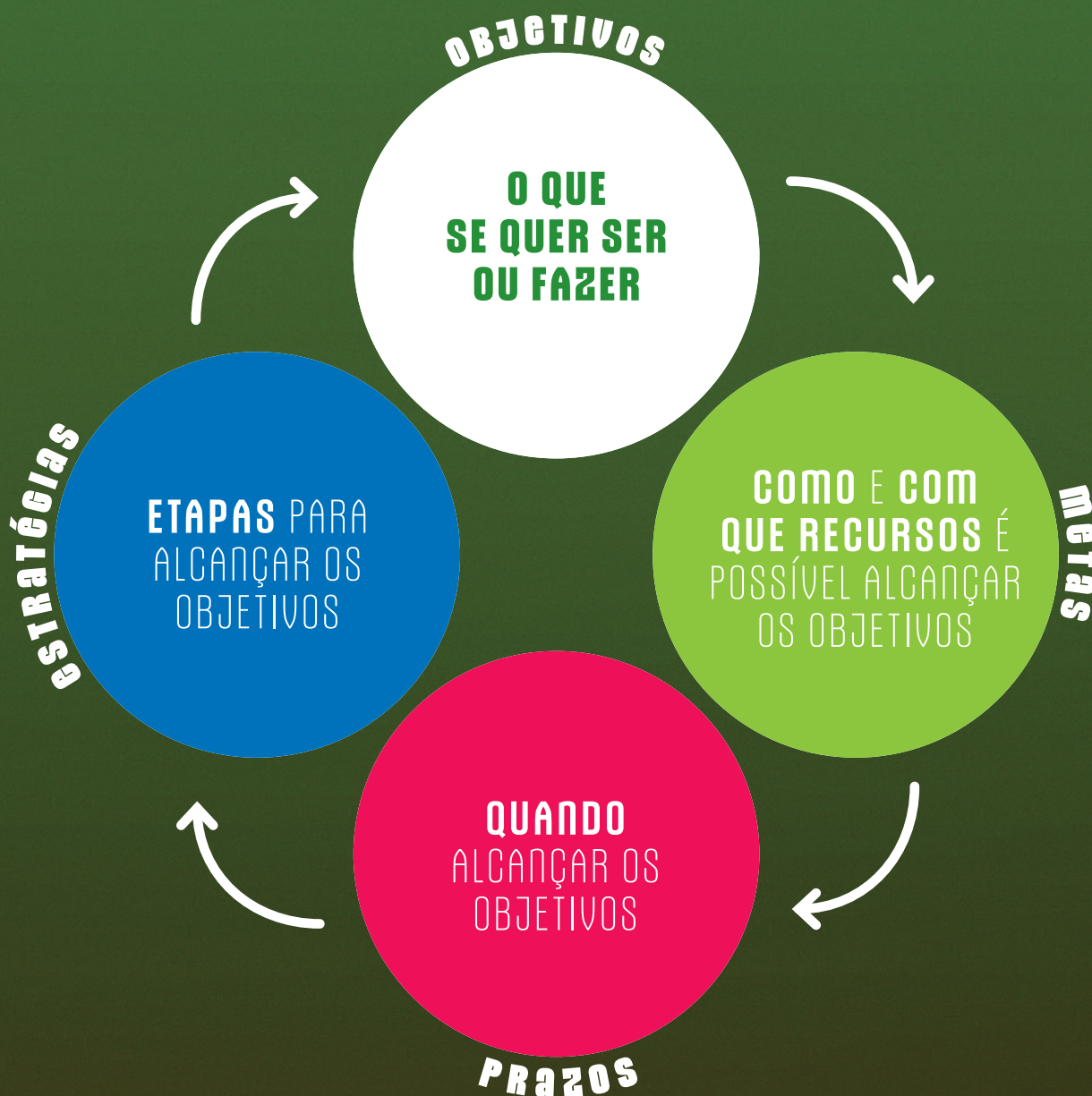
ALUNO + ESCOLA + FAMÍLIA + SOCIEDADE = PROJETO DE VIDA

As no es de protagonismo e autoria abordadas no Ensino Fundamental desenvolvem-se no Ensino Médio por meio do projeto de vida. A educa o nessa etapa escolar visa desenvolver os alunos não apenas na dimensão cognitiva, mas de »

{ **PLANO DE A O**
  O PLANEJAMENTO
DOS PASSOS
EM DIRE O
A UM PROJETO }



OS PASSOS DO PLANO DE AÇÃO



» forma integral, com base nos seus interesses e potencialidades. Nesse contexto, o desenvolvimento das juventudes é responsabilidade não apenas do professor e da escola, mas de toda a comunidade.

A família e a sociedade são fundamentais para o **acolhimento**, o respeito e a valorização dos projetos de vida dos seus jovens e exercem importante influência sobre eles, principalmente por meio de seus modelos — referências locais ou globais que se tornam exemplos por seus valores e atitudes.

A participação da comunidade nas atividades escolares contribui para o desenvolvimento estudantil, social e profissional dos jovens e ela pode ser realizada por meio de interações e vivências coletivas nas quais se promova a apresentação dos projetos de vida, assim como das habilidades e capacidades dos jovens.

A inclusão dos familiares e dos amigos na agenda da escola aumenta o engajamento e o fortalecimento da identidade, essenciais na fase de tomada de decisões que vivem.

Essas escolhas da juventude começam no Ensino Médio, com a opção por determinadas áreas do conhecimento e itinerários formativos. Essa construção autoral dos seus currículos é o primeiro passo rumo ao projeto de vida e a escola é a propulsora dessa importante trajetória. Enquanto se prepara para o futuro profissional e cidadão, o jovem constrói o presente alinhado aos seus percursos e às suas histórias e toma decisões éticas fundamentadas ante os desafios da sociedade contemporânea.

NÃO É UM DESTINO, É UM CAMINHO

Traçar um projeto de vida e definir um plano de ação para atingir os objetivos não é uma tarefa com data para acabar. A vida está sujeita a mudanças e influências do contexto afetivo, social, cultural, econômico e político, nacional e internacional, e o projeto precisa se adaptar a elas. Mas como prever o futuro se ele é incerto?

O conhecimento e a preparação para as adversidades são as melhores estratégias para não ser surpreendido. Estar atualizado com os saberes de interesse, desenvolver as competências e habilidades necessárias ao mercado de trabalho e ter “planos B” pode contribuir para que não seja preciso mudar de rota no caminho rumo aos sonhos, apenas recalculá-la para chegar ao destino desejado.

O projeto de vida não começa no futuro, ele é o presente. Preparar-se para ele já é vivenciá-lo, é ser protagonista da própria história hoje e amanhã.

E você? Qual é o seu projeto de vida para a dimensão pessoal, social e profissional?

Identifique seus objetivos e trace você também seu projeto de vida. Ser protagonista não é uma aprendizagem exclusiva para alunos. □

{ACOLHIMENTO: RESPEITO E VALORIZAÇÃO DOS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS}

ROBERTA AMENDOLA

é Mestre em Educação pela USP, bacharel e licenciada em Letras pela USP, especialista em Ensino de Espanhol para Brasileiros pela PUC-SP, em Mercado Editorial pela FIA-USP/CBL e em Edição pela Universidad Complutense de Madrid. Editora e autora de materiais didáticos de espanhol e projeto de vida.

PARA SABER MAIS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: mod.lk/ed18mec. Acesso em: 27 jan. 2020.
- DAMON, W. *O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. São Paulo: Summus, 2009.
- MORAN, J. *Desafios na implementação do Projeto de Vida na Educação Básica e Superior*. Disponível em: mod.lk/ed18pord. Acesso em: 13 fev. 2020.

Minha escola, minhas escolhas

Na voz dos alunos, conheça os desafios da escola para reduzir o hiato entre o que se ensina e o que eles consideram fundamental para a vida adulta.

TEXTO Lara Silbiger





A ESCOLA SOB PERSPECTIVA DO ALUNO

O QUE SE APRENDE na escola, de fato, prepara os alunos para o que vem depois dela? Embora a questão seja velha conhecida da comunidade escolar, ela recobra fôlego na reta final rumo ao Novo Ensino Médio. Em teoria, a partir de sua implementação, o hiato entre as expectativas dos jovens e o que lhes é oferecido tende a diminuir. “Os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira que adote um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais”, assegura a MP 746/2016, que inseriu o artigo 36 no parágrafo 5º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Na prática, fica a dúvida: o que os estudantes consideram essencial para o seu desenvolvimento e construção do projeto de vida? A Educatrix fez a pergunta para duas alunas do Ensino Médio.

De Jacundá (Pará), a 60 km de Marabá, Eilany da Silva, 15 anos, revela que sonha em cruzar as estradas da região — empoeiradas e danificadas pelo vaivém dos caminhões de minério — para morar no exterior. Antes, quer fazer faculdade no Brasil. A carreira ainda não está definida. De acordo com a aluna da 2ª série do Ensino Médio na E.E.E.M. Maria da Glória Rodrigues Paixão, da rede pública paraense, o ideal seria ter psicólogos dentro da escola para apoiar os estudantes tanto na resolução de conflitos quanto na hora de fazer boas escolhas.

A mais de 4.200 quilômetros de distância, Luiza Murta Barbosa, 17 anos, faz o último ano do Ensino Médio no Colégio Stockler, na rede privada da capital paulista. É a filha caçula de uma família de engenheiros civis. Até o ano passado, ela achava que as Exatas também eram o seu destino. Tudo mudou quando, em 2019, se deparou com um professor que a incentivou a abrir o leque de possibilidades. O ponto de partida foi o desenvolvimento de novas competências e habilidades em Comunicação.

Ainda que as duas jovens não se conheçam e vivam realidades bem diferentes, suas histórias ganham contornos semelhantes quando se trata da construção dos projetos de vida. Dúvidas, pressões por todos os lados e expectativas de sucesso são compartilhadas por ambas. No processo de descoberta de si e busca de oportunidades que transcendam os muros da escola, as duas atribuem aos professores um papel decisivo. Cabe a eles, por exemplo, fomentar o intercâmbio de saberes, a formação de repertório e até mesmo os sonhos e a realização deles.

A seguir, confira os relatos de Eilany e Luiza, cujas vozes direcionam nossas atenções para os protagonistas desta história: os estudantes.

A TERCEIRA edição da pesquisa Nossa Escola em (Re) Construção, promovida pelo Porvir e Rede Conhecimento Social, ouviu 258.680 estudantes de 11 a 21 anos por meio de uma plataforma de escuta *on-line* e gratuita. De acordo com os participantes, a escola ideal deve visar à preparação para a vida adulta. Se o foco fosse prepará-los para o mercado de trabalho, 36% dizem que seriam mais felizes. Outros 30% afirmam que aprenderiam mais. Já se o alvo fosse o Enem, 39% garantem que aprenderiam mais, e 32%, que seriam mais felizes.

Os estudantes esperam encontrar na instituição de ensino um espaço propício para descobrir suas vocações e sonhos, bem como receber orientações para fazer boas escolhas. Não é à toa que 4 em cada 10 jovens afirmam que gostariam de contar com o apoio de um orientador vocacional na escola, seja para ajudá-los a definir a profissão que irão seguir ou a graduação que cursarão. Para 27%, as orientações poderiam ocorrer durante as aulas regulares. Outros 19% preferem aulas especialmente dedicadas ao tema na grade semanal, e 12%, atendimentos individuais de mentoria.

Em relação aos professores, a maioria dos estudantes demonstra admiração e confiança. Por outro lado, 6 em cada 10 dizem que os colegas não respeitam ou não valorizam os docentes. O relacionamento que se estabelece é considerado regular ou ruim por 50% dos jovens.

Outra demanda que apresentam é por profissionais aptos a apoiá-los em seu desenvolvimento socioemocional e pessoal. Além da figura do professor, 60% dos alunos gostariam de ter psicólogos na escola. Isso não quer dizer que os jovens não zelem por sua independência e protagonismo na vida estudantil. Poder escolher parte das disciplinas que irão cursar é uma medida bem-vinda para 4 a cada 10 alunos. Ter a liberdade de escolher a totalidade delas, no entanto, só faria 20% dos estudantes mais felizes. »

LUIZA MURTA BARBOSA, 17

Aluna da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Stockler, em São Paulo (SP).

“ À primeira vista, pode parecer estranho estudar em um colégio pequeno como o Stockler, com poucos espaços para circular. Mas, na prática, é confortável. Lembra uma cidade do interior, onde todos se cumprimentam, se conhecem e se ajudam.

As turmas têm de 25 a 30 alunos, o que contribui para criar um clima mais intimista nas aulas. Muitos professores fazem projetos interdisciplinares e adotam recursos como vídeos e experiências em laboratório para deixar a teoria menos maçante.

Até o ano passado, não tinha a mínima ideia da faculdade que queria fazer ou da profissão que iria trilhar. Se já é difícil escolher uma roupa, quem dirá tomar decisões que mudarão o meu futuro.

Mas se tinha uma coisa que eu sabia (ou achava que sabia) é que pertencia às Exatas. Minhas notas eram altas e, na família, tenho vários engenheiros. Por outro lado, sempre fui aberta às oportunidades. Não por acaso, participo da maioria das atividades extracurriculares que a escola oferece.

O divisor de águas que me fez descobrir a paixão pela Comunicação (especificamente pela Publicidade e Propaganda) foi uma oficina de teatro em que o professor Celso Solha propôs a montagem da peça O Capeta de Caruaru.

Na obra, eu interpretava os gêmeos Chico e Antônio Cipriano: dois personagens masculinos, nordestinos, com características totalmente diferentes entre si e contextos ainda mais diversos. Uma missão nada fácil e que me fez entender quão essencial é ter liberdade de expressão, habilidades de comunicação e ser competente para transmitir a mensagem ao público.

Dessa forma, entendi que a vida é um palco e que os sonhos podem ser alcançados mediante esforço, tempo e dedicação.

Confesso que fiquei assustada e com medo de apostar em algo que nunca tinha sido o meu forte. Mas contei com o apoio dos projetos de autoconhecimento proporcionados pela escola e o incentivo para transformar uma mera paixão em diferenciais competitivos.

Entre eles, destacam-se meu repertório e entendimento de questões sociais, políticas, econômicas e de cidadania – frutos das aulas de Atualidade e das ações intencionais do colégio para dar voz aos estudantes. Hoje entendo essas iniciativas como parte de uma estratégia para formar cidadãos mais conscientes, ativos e preparados para questionar e buscar melhorias no mundo.

Essa, porém, não é a realidade pelo Brasil afora. A maioria das escolas já cristalizou seu papel de preparar os jovens para uma prova final de cinco horas de duração e sem nenhuma condição de avaliar a capacidade de alguém. Isso ocorre porque, em geral, o ensino se baseia em conteúdos extremamente específicos e sem conexão com a faculdade que eles querem fazer.

Não restam dúvidas de que a maioria dos conteúdos é essencial para construir um conhecimento acadêmico de base. Mas, com o avançar das séries, a escola deveria incentivar o aluno a ir além das disciplinas básicas e perseguir a especialização na sua jornada de aprendizado. Isso nos aproximaria do campo do conhecimento em questão e ainda nos prepararia melhor para o mundo do trabalho.

Pensando em um futuro próximo, o mais adequado seriam escolas cujos objetivos transcendessem a futura vida universitária e focassem no presente, com mais preparo para enfrentar o mundo e a vida em sociedade. Os projetos socioemocionais deveriam ganhar mais espaço no currículo.

Outro aspecto imprescindível é o olhar atento para a figura do professor. Por mais fácil que seja ter acesso aos conteúdos on-line, o verdadeiro aprendizado se dá na interação com ele.”

EILANY ALMEIDA DA SILVA, 15

Aluna da 2ª série do Ensino Médio na E.E.E.M.
Maria da Glória Rodrigues Paixão, Jacundá (PA).

“ Ainda não me sinto preparada para enfrentar o mundo lá fora, ser independente e ter mais responsabilidades. Mas meu sonho é morar em Toronto, no Canadá. Por isso, desde já, faço aulas de inglês na empresa onde trabalho.

Antes de partir, quero fazer faculdade no Brasil. Só não estou certa de qual área escolher. Pensei em Medicina, mas tenho medo de sangue. Pensei em Direito, mas já tem muita gente na área. Cheguei a pensar em História porque gosto de estudar religiões. Mas o que me encanta mesmo é a Veterinária, apesar do medo que sinto de alguns animais.

Ingressei na E.E.E.M. Maria da Glória Rodrigues Paixão no ano passado, quando fiz a transição para o Ensino Médio. O espaço é grande, com uma quadra esportiva, 12 salas de aula e turmas que variam de 35 a 40 alunos.

A grade curricular contempla sete horas/aula por dia. É bastante, mas sinto falta de mais debates e diálogos nas aulas. Os professores preferem não fazer porque esse tipo de dinâmica sempre acaba em confusão – não há respeito à opinião do outro.

Na prática, o Ensino Médio é bem diferente do que eu imaginava. Tem muita pressão psicológica, e vejo que isso afeta muito os alunos. Bom mesmo seria não ter provas e, no lugar delas, ter atividades e projetos avaliativos para compor a nota final.

Seria importante também contar com psicólogos aos quais pudéssemos recorrer quando

necessário. A maioria dos alunos tem problemas psicológicos, e muitos são causados no próprio contexto escolar.

Mesmo não sendo perfeita, a escola exerce grande influência sobre mim. Graças a alguns professores e projetos, me tornei uma pessoa melhor e mais compreensiva. Estou aprendendo a respeitar as opiniões dos demais e a perder o medo e o nervosismo de falar em público.

Entre os professores que me inspiram, está a Elsamar Emerique, de Arte. Recentemente, ela ganhou um prêmio nacional de arte-educação pelo projeto “Cores do Açai”, com o qual nos desafiou a pintar telas, usando o açai como matéria-prima para a confecção de tintas. A experimentação, a investigação e o trabalho em equipe foram algumas das competências que desenvolvi com essa iniciativa.

Para o futuro, gostaria que a escola tivesse mais projetos desse tipo, com aulas práticas e espaço para os alunos se expressarem, sem medo de ser julgados. Cada professor poderia elaborar o projeto de acordo com a sua matéria e inter-cambiar conhecimento com as demais, com a possibilidade inclusive de levar os alunos para apresentar os resultados em outros colégios.

Adoraria também que algumas aulas pudessem ocorrer ao ar livre e que as de Matemática e Física incluíssem jogos didáticos que nos ajudassem a aprender e gostar do conteúdo. Muita gente ainda acha essas matérias chatas, um bicho de sete cabeças.

Mas, acima de tudo, desejaria que os professores interagissem mais com os estudantes, se colocando à disposição para nos ajudar com qualquer dúvida e sem tanta pressão psicológica.” □



**Impulsionamos
nossos alunos
para o mundo**

A verdadeira liderança vai muito além do 1º lugar

Com o SFB, você tem ao seu lado uma **Assessoria de Performance** completa, pronta para oferecer todo o suporte necessário para a sua escola **preparar os alunos para a vida.**

ASSESSORIA DE PERFORMANCE



Assessoria Administrativa

Gestão
Financeiro
Marketing



Assessoria pedagógica

Avaliação
Tecnologia educacional
Currículo



Acesse e saiba mais

 www.sistemaafb.com.br

 atendimento@sistemaafb.com.br

 [/sistemafariasbrito](https://www.facebook.com/sistemafariasbrito)

 [/sistemaafb](https://www.instagram.com/sistemaafb)



SISTEMA FARIAS BRITO

Implementação do Novo Ensino Médio

Elaborar currículos que contemplem o projeto de vida do estudante ainda é o maior desafio das escolas e redes de ensino.

TEXTO *Lara Silbiger*



AOS POUCOS, o Novo Ensino Médio vai ganhando forma nas redes de ensino e escolas de todo o país. O desafio ainda é grande e nem todas caminham no mesmo ritmo. Algumas já ostentam iniciativas bem-sucedidas. Outras acabam de estreitar projetos-piloto. E muitas ainda se encontram em pleno processo de ajuste na estrutura e revisão curricular.

Em comum, todas buscam adaptar-se às recentes alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), bem como às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Três

grandes frentes pautam as mudanças. Uma delas é o desenvolvimento do protagonismo do aluno. “O Novo Ensino Médio coloca o jovem no centro da vida escolar, de modo a promover uma aprendizagem com maior profundidade e que estimule o seu desenvolvimento integral por meio do incentivo ao protagonismo, à autonomia e à responsabilidade do estudante por suas escolhas e seu futuro”, explica o MEC no Guia de Implementação do Novo Ensino Médio.

Em boa medida, trata-se de uma quebra de paradigma. “É uma inversão de papéis na medida em que o aluno é quem assume as rédeas da sua aprendizagem e constrói o próprio itinerário formativo, com base no projeto de vida que tem para si”, afirma Marcelo Pena, diretor de ensino da Organização Educacional Farias Brito, da rede privada do Ceará. Ele ainda ressalta o dever das escolas de preparar os jovens para fazer escolhas autênticas e conscientes. “Cabe a nós proporcionarmos atividades que promovam o autoconhecimento, o contato com as várias realidades profissionais e o aprender a fazer boas escolhas.” »



» As outras duas frentes de ação são a valorização da aprendizagem, com o devido reflexo sobre a jornada de estudos, e a garantia dos direitos de aprendizagem referenciados pela BNCC a todos os estudantes do país. Na prática, porém, tirar tudo isso do papel é uma tarefa para lá de complexa. “É preciso arquitetar não só o novo lugar que se oferece ao aluno como a flexibilização curricular, a ampliação da carga horária e as novas abordagens metodológicas e práticas pedagógicas que o Novo Ensino Médio demanda”, afirma Simone André, consultora em Educação e membro do Movimento Nacional pela Base.

Além disso, as redes de ensino e escolas precisam (re)construir seus currículos para garantir que forma e conteúdo caminhem juntos em busca de viabilidade, alinhamento com as bases legais e atratividade aos olhos do estudante. “O mais desafiador é pensar em formas de trazer o projeto de vida do jovem para dentro de um currículo que, de fato, conecte-se aos anseios dele para a vida pessoal, profissional e cidadã”, garante Simone.

Diante de tantas reflexões e ajustes necessários – incluindo normativos –, a legislação garantiu um período para que as escolas pudessem se adequar progressivamente à nova realidade, pesquisar boas práticas ao redor do mundo e conhecer os casos de sucesso que já existem no Brasil.

EXPANSÃO DA CARGA HORÁRIA

As instituições de ensino de todo o Brasil têm até o dia 2 de março de 2022 para implementar a jornada mínima de 1.000 horas anuais – o equivalente a 3.000 horas no ciclo completo do Ensino Médio. A partir dessa data, a meta é subir progressivamente para 1.400 horas por ano.

Quem ainda não deu os primeiros passos nessa direção precisa se apressar. A lista de tarefas inclui analisar as limitações da escola – infraestrutura, pessoal e financeira –, dimensionar os esforços e gastos extras e definir um cronograma de ampliação da jornada. “Na rede pública, por exemplo, aumentar a carga para sete a oito horas diárias implica um aumento de 60% nos custos em relação ao período regular”, alerta Simone André. Ainda assim, a consultora garante que o investimento vale a pena. “É consenso que quatro horas por dia já não são suficientes. Se mal dão para fazer a formação geral, quem dirá para flexibilizar o currículo. O tempo é fator decisivo para se trabalhar projetos de vida”, complementa.

Prova disso são os resultados colhidos em Pernambuco, que chegou a carregar o título de estado vice-campeão em evasão escolar no Ensino Médio, com 24% de taxa de abandono em 2007. De lá para cá, a rede estadual investiu na ampliação da jornada para tempo integral – das 760 escolas, 412 têm carga de 45 horas semanais – e na educação interdimensional, integrando o protagonismo, projeto de vida, desenvolvimento cognitivo e as competências socioemocionais que hoje estão na BNCC.

Em 2015, o estado alcançou o topo do *ranking* do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) e, dois anos depois, foi destaque nacional por apresentar a menor desigualdade de aprendizagem entre estudantes de diferentes níveis socioeco-

nômicos. “Atualmente, a rede caminha rumo à universalização, com expansão do tempo e da nova visão de currículo para o Ensino Médio”, comenta Simone.

Embora a progressividade no tempo escolar seja tendência, o ensino em tempo integral não será a única realidade no país. As escolas de tempo parcial – cujas jornadas terão cinco horas diárias ou uma carga maior em apenas alguns dias da semana – continuarão existindo para atender aos mais variados contextos e rotinas dos estudantes.

A legislação também contempla a possibilidade de as instituições de ensino oferecerem até 20% da carga horária do Ensino Médio regular por meio de atividades a distância – desde que sempre acompanhadas e/ou coordenadas pela escola onde o aluno está matriculado. No caso do Ensino Médio noturno, o percentual máximo é de 30%.

De acordo com o Guia de Implementação do Novo Ensino Médio, a modalidade a distância pode ser uma boa alternativa tanto para diversificar itinerários formativos em escolas isoladas geograficamente quanto em situações que exijam professores especializados em determinados temas.

Segundo Marcelo Pena, “a possibilidade de uso da educação a distância é uma oportunidade para as escolas do Sistema Farias Brito, que já recebem material didático por meio da plataforma FB on-line, podendo aprofundar conteúdos com videoaulas. É a incorporação das tecnologias para real apoio do processo de aprendizagem, por meio da implantação da BNCC.”

Uma vez por mês, grupos de 1º e 2º anos do Ensino Médio do Colégio Farias Brito, no Ceará, frequentam o Instituto da Primeira Infância (Iprede) para assistir a duas horas de aulas teóricas e mais duas horas práticas ministradas por médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, dentistas e gastrônomos da instituição. A iniciativa, fruto de um convênio firmado em 2017, destina-se aos estudantes que pretendem seguir a carreira de Medicina.

O projeto tem duração de dois anos. No primeiro, os alunos têm aulas preparatórias de anatomia humana e também módulos sobre a história da Medicina e seus precursores, o desenvolvimento da saúde no Brasil a partir da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a relação saúde-doença-paciente. No ano seguinte, as disciplinas se voltam para os cuidados básicos

“O MAIS DESAFIADOR É PENSAR EM FORMAS DE TRAZER O PROJETO DE VIDA DO JOVEM PARA DENTRO DE UM CURRÍCULO QUE, DE FATO, SE CONECTE COM OS ANSEIOS DELE PARA A VIDA PESSOAL, PROFISSIONAL E CIDADÃ”

SIMONE ANDRÉ



com o paciente, estudos dos sinais vitais e práticas de Educação em Saúde para as mães e crianças assistidas pelo Iprede. “O objetivo é aproximar os alunos do cuidado humanizado em Saúde e ajudá-los a desenvolver a empatia”, revela Marcelo Pena, diretor de ensino do Farias Brito.

(RE)CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO

A BNCC está organizada por áreas do conhecimento, que integram dois ou mais componentes curriculares (disciplinas) do currículo. São elas: Linguagens e suas Tecnologias, que reúne Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa; Matemática; Ciências da Natureza, com Biologia, Física e Química; e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que contempla História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Visando a uma organização curricular mais flexível, a Base determina que as competências e os conhecimentos considerados essenciais sejam oferecidos na parte comum do currículo. Esta dispõe de 1.800 horas e deve abranger as quatro áreas do conhecimento, bem como todos os componentes curriculares do Ensino Médio. O tempo restante será destinado ao aprofundamento acadêmico do aluno, que poderá escolher uma ou mais áreas do conhecimento ou cursos técnicos (formação técnica e profissional) para trilhar seu itinerário formativo.

Antes mesmo de a Lei n. 13.415/17 ser sancionada, os alunos do Colégio Farias Brito já podiam optar por alguns itinerários. Além da trilha voltada à área da Saúde, existem as de

preparação para as Engenharias e para as Olimpíadas do Conhecimento. Esta última inclui aulas teóricas, laboratório de Astronomia e oficinas de Informática Educacional e Robótica. “Em um ambiente *maker*, os alunos criam placas eletrônicas de circuito impresso, constroem chassis e programam seus robôs com vários sensores. Dessa forma, assuntos antes acessíveis apenas no final de um curso de graduação tornam-se agora palpáveis no Ensino Médio”, afirma Israel Dourado, professor de Robótica Educacional.

A definição de como atender às orientações da BNCC fica a critério das próprias escolas e redes de ensino, a quem cabe revisar seus respectivos currículos, considerar as realidades e necessidades locais. Devem prever também o alinhamento do material didático às novas diretrizes, bem como da metodologia de ensino, práticas pedagógicas, preparação dos professores e formas de avaliação. “Não se trata de um movimento simples em um país onde as secretarias estaduais não tinham a tradição de desenhar currículo. Repensá-lo, em um novo formato, é o que todo mundo está fazendo agora”, explica Simone.

O regime de colaboração foi o método adotado por todas as secretarias estaduais e do Distrito Federal para construir os currículos e a arquitetura do Novo Ensino Médio, com o apoio de equipes do MEC e do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed). Os primeiros encontros aconteceram em junho e setembro do ano passado, com a participação de cinco representantes por estado – entre eles, responsáveis pelo »



» Ensino Médio nas secretarias, coordenadores de Educação Profissional, articuladores de itinerários e coordenadores pedagógicos de Educação em Tempo Integral.

Ainda não se chegou a uma versão final de referência curricular, o que tem impactado no cronograma que o MEC havia divulgado em dezembro de 2018. “Os currículos deverão estar estruturados até junho de 2019. Entre julho e setembro, haverá consultas públicas regionais nos estados. Os novos documentos deverão ser analisados e aprovados pelos conselhos estaduais de educação entre outubro e dezembro, para serem aplicados a partir do início do ano letivo de 2020”, anunciou o órgão, em nota oficial na época.

Em relação à formação de professores, uma boa notícia chegou em 20 de dezembro de 2019, com a publicação da Resolução CNE/CP n. 2, que apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, segundo as quais os currículos dos cursos da formação de docentes devem adotar a BNCC da Educação Básica como referência. “Trata-se apenas de um primeiro passo, mas já é um alinhamento vital”, comemora Simone, que também é consultora do Movimento Profissão Docente.

A próxima etapa é viabilizar a prática. “Agora o desafio dos estados é orquestrar uma formação em serviço e em escala.” Se-

gundo ela, a mentoria e a formação mais conectada com o cotidiano do professor são a chave para o sucesso, a exemplo das experiências de Finlândia, Inglaterra, Austrália, Portugal e Coreia.

AVANÇOS INDEPENDENTES

Apesar de as secretarias estaduais ainda não disporem de um documento de referência curricular, algumas iniciativas pontuais já contribuem para o avanço da adaptação dos currículos em algumas redes públicas e escolas privadas. Levam vantagem aquelas que seguem a agenda internacional de temas como cidadania global, sustentabilidade, competências socioemocionais e tendências de inovação na Educação e dialogam com as demandas da comunidade escolar.

Na Secretaria de Educação da Bahia, o projeto “Escuta Inspiracional” foi a estratégia adotada para conhecer melhor os anseios de estudantes, professores e comunidade escolar. Ao todo, foram convidadas 900 pessoas – entre alunos, docentes, funcionários, gestores e famílias – para participar de rodas de conversa sobre o ambiente escolar, as práticas curriculares, os sentidos da escola para os jovens, a aprendizagem além do ambiente escolar, entre outros temas. Os encontros, com 1h30 de duração e mínima intervenção dos mediadores, aconteceram em dez Núcleos Territoriais do estado. Os resultados da pesquisa qualitativa contribuem agora para a construção do novo currículo.



ESCOLAS E REDES TÊM AUTONOMIA PARA ATENDER ÀS ORIENTAÇÕES DA BASE EM RELAÇÃO A CURRÍCULOS, METODOLOGIAS DE ENSINO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FORMAS DE AVALIAÇÃO.

elas e preservar suas especificidades”, garante o diretor.

Para este ano letivo, a organização educacional ainda reserva o lançamento do seu próprio material didático para o Ensino Médio, atualizado em consonância com a Base e composto de um conjunto de livros elaborados por professores da instituição e autores da Moderna. Os primeiros passos do projeto remontam a 2016, quando as duas marcas criaram um sistema de ensino e uniram forças para contemplar as demandas da BNCC. No ano passado, já foi publicado o material didático do Ensino Fundamental 1 e, em 2020, sairá também o da Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO XXI

O currículo alinhado com os anseios dos estudantes, as práticas sociais e o mundo do trabalho é uma exigência do Novo Ensino. “No entanto, muitas instituições ainda esbarram no ensino conteudista e na expectativa dos pais, que almejam para o filho o mesmo modelo de Educação que eles tiveram”, comenta Simone André, especialista em formação integral.

Nesse processo de adaptação, ela destaca que o desafio – e também a melhor saída – é integrar o projeto de vida como componente curricular e ir além das aulas convencionais nos itinerários formativos. “É função da parte flexível do currículo

Na dianteira da implementação da nova arquitetura, também estão as escolas que já acompanhavam as discussões em torno da BNCC do Ensino Médio mesmo antes de sua homologação.

“Desde 2009, quando surgiu a Matriz de Referência do Novo Enem, investimos na formação dos professores com vistas à apropriação do currículo voltado para competências e habilidades”, conta Marcelo Pena, do Farias Brito. “O que fizemos agora foi agregar também as diretrizes da BNCC, de modo que eles se apropriem das habilidades e competências específicas das áreas do conhecimento.”

Nas salas de aula, porém, as novidades não serão sentidas de forma drástica. “O fato de a Base estruturar o Ensino Médio por áreas do conhecimento não exclui necessariamente o trabalho das disciplinas tradicionais. É possível intensificar as relações entre

desenvolver as competências para o século XXI, como comunicação, colaboração, criatividade, pensamento crítico e resolução de problemas.” Trata-se de capacidades que transcendem as expectativas de aprendizado relacionadas a conteúdos clássicos e que devem estar presentes nas rotinas.

Quando questionada sobre o caráter inovador de um currículo voltado para o desenvolvimento socioemocional, a consultora é taxativa. “Não se trata mais de ser ou não inovador. É uma questão de ser contemporâneo e investir em competências que fazem a diferença no mundo.”

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), existe ainda um outro grupo de competências que envolvem as capacidades de atingir objetivos – por exemplo, perseverança, organização e entusiasmo –, trabalhar com os outros – como cordialidade, respeito e cuidado – e gerir as emoções – tais como autoconhecimento, otimismo e confiança. “Para desenvolvê-las, entretanto, é fundamental que haja um espaço de experiências e simulação da realidade”, sentencia Simone.

Incubadoras, núcleos de estudo ou de criação artística, oficinas, laboratórios, clubes e observatórios são algumas das alternativas que o Guia de Implementação do Novo Ensino Médio recomenda para compor o conjunto de unidades curriculares de um itinerário. Este, por sua vez, deve estar ancorado em pelo menos um dos quatro eixos apontados nos Referenciais para a Elaboração dos Itinerários Formativos. São eles: investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo.

Nesse contexto, uma iniciativa que já está em curso desde 2018 é o “Acelera FB”, realizado pelo Colégio Farias Brito. O objetivo é acelerar o processo de criação de novos negócios e intervenção na realidade, com o auxílio de ferramentas de *design thinking*, mentorias, trabalho em equipe e encontros no centro de ideias, empreendedorismo e inovação. “Dessa forma, os alunos do Ensino Médio tiram suas ideias do papel enquanto vivenciam a cultura digital e desenvolvem o pensamento científico, a criticidade, a empatia e a cooperação”, conta Marcelo, do Farias Brito.

O diretor ainda destaca a resiliência para aprender a reaprender como uma competência-chave para os jovens. “O futuro do mercado de trabalho ainda é uma incógnita. Apenas se sabe que será completamente diferente do que é hoje, com a inteligência artificial e a robótica mudando praticamente todas as profissões”, afirma Marcelo, que relembra uma reflexão do historiador e filósofo israelense Yuval Harari. “Muitos trabalhos vão desaparecer, e outros emergirão. Para preencher as vagas, será preciso recapacitar as pessoas, que terão de se reinventar não apenas uma vez na vida – mas talvez várias, a cada década”, diz Harari, autor das obras *Sapiens, Homo Deus e 21 Lições para o Século 21*.

Por aqui, o futuro já chegou, desafiando redes, escolas, gestores, professores e os próprios alunos a se reinventar para receber o Novo Ensino Médio e inaugurar uma nova era para esta etapa da Educação Básica no país. ■

BNCC

▶▶ NO ◀◀

ENSINO
MÉDIO:



A glowing sign in a dark brick hallway. The sign is white with rounded corners and features the text 'O QUE ESPERAR ???' in a bold, orange, sans-serif font. The sign is mounted on a black metal frame. The background is a dark brick wall with a curved metal archway above the sign. The floor is made of light-colored tiles.

O QUE
ESPERAR
???

Um mergulho nas áreas de Linguagem e Matemática para compreender caminhos que se abrem às escolas.

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR para o Ensino Médio determina os componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática como obrigatórios para os três anos do segmento. Assim, as disciplinas ganharam mais horas de formação e diretrizes específicas de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas. Nesta edição, convidamos autores de Língua Portuguesa e de Matemática para dar um parecer sobre os caminhos para o trabalho com habilidades e competências socioemocionais de maneira integrada, colaborativa, criativa e formativa no Ensino Médio. »

mate-
mática
ca →

O NOVO ENSINO MÉDIO E A **RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**

Foco no desenvolvimento de pensamentos e competências matemáticas para toda a vida.

TEXTO Fabio Martins de Leonardo

OS RESULTADOS que os estudantes brasileiros vêm apresentando em avaliações nacionais e internacionais refletem, em parte, o fracasso do Ensino Médio no Brasil. Os altos índices de evasão escolar contribuem, ainda, para que este seja considerado o gargalo da nossa Educação Básica. Segundo o censo da Educação Básica publicado pelo Inep em 2019, mais de um terço dos brasileiros de 25 a 34 anos não concluiu o Ensino Médio. Dos cerca de três milhões que ingressaram nessa etapa, aproxi-

madamente 700 mil não chegaram ao último ano.

Os números ilustram uma realidade existente há tempos nas escolas brasileiras e levam a uma reflexão sobre a distância do Ensino Médio — que se concretiza muitas vezes por meio de abordagens pedagógicas afastadas das culturas juvenis, do mundo do trabalho e das dinâmicas e questões sociais contemporâneas — em relação às expectativas dos jovens que se preparam para o mercado de trabalho.

A reforma do Ensino Médio pode ser vista como uma tentativa de atrair os jovens para a escola, pois prevê a substituição do modelo único de currículo por um modelo composto da Formação Geral Básica, que abrange as competências e habilidades das áreas de conhecimento previstas na BNCC, e por Itinerários Formativos, organizados por meio de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. Esse modelo adota a flexibilidade como princípio de organização e busca atender à multiplicidade de interesses dos estudantes.

Em paralelo, há a preocupação em se garantir aos jovens as aprendizagens necessárias para atuar em uma sociedade em constante mudança e prepará-los para profissões e tecnologias que ainda serão inventadas e para resolver problemas variados. Nesse sentido, a BNCC ressalta a importância de se trabalhar o pensamento computacional, o que envolve as capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos.

O pensamento computacional pode ser entendido como processo de resolução de problemas. Segundo José Armando Valente, trata-se da “formulação de problemas de uma forma que permita usar um computador e outras ferramentas para ajudar a resolvê-los; organização lógica e análise de dados; representação de dados através de abstrações como modelos e simulações; automação de soluções através do pensamento algorítmico (a série de passos ordenados); identificação, análise e implementação de soluções possíveis com o objetivo de alcançar a mais eficiente e efetiva combinação de etapas e recursos; e generalização e transferência desse processo de resolução de problemas para uma ampla variedade de problemas”.

Observando as habilidades da Matemática e suas Tecnologias previstas na BNCC para o Ensino Médio, nota-se que muitas trabalham a resolução de problemas:

▶ **(EM13MAT306)** Resolver e elaborar problemas em contextos que envolvem fenômenos periódicos reais, como ondas sonoras, ciclos mensstruais, movimentos cíclicos, entre outros, e comparar suas representações com as funções seno e cosseno, no plano cartesiano, com ou sem apoio

de aplicativos de álgebra e geometria.

▶ **(EM13MAT315)** Investigar e registrar, por meio de um fluxograma, quando possível, um algoritmo que resolve um problema.

▶ **(EM13MAT406)** Utilizar os conceitos básicos de uma linguagem de programação na implementação de algoritmos escritos em linguagem corrente e/ou matemática.

Assim, espera-se que os estudantes não apenas “resolvam”, mas “resolvam e elaborem problemas”. Espera-se que identifiquem ou construam um modelo para gerar respostas adequadas, analisar os fundamentos e as propriedades de modelos existentes, avaliando seu alcance e validade para o problema em foco e até a possibilidade de transferência desse modelo para a resolução de problemas similares. Espera-se que investiguem e utilizem os conceitos estudados.

Apesar de comumente associado à Matemática, o pensamento computacional não se restringe a ela. Ele permite trabalhar a capacidade de raciocinar logicamente, formular e testar conjecturas, avaliar a validade de raciocínios e construir argumentações – capacidades importantes para diversos aspectos do cotidiano e, portanto, objeto de trabalho nas diversas áreas do conhecimento. Uma das novidades trazidas pela BNCC está, justamente, em propor que o trabalho com essas capacidades esteja presente nas diferentes áreas do conhecimento.

Com as expectativas que se colocam sobre a reforma do Ensino Médio, surgem os desafios de sua implementação, entre eles a flexibilização curricular e a transposição das barreiras disciplinares para o trabalho com temáticas que permeiam as várias áreas do conhecimento, como o pensamento computacional. »

FABIO MARTINS DE LEONARDO

é licenciado em matemática pela USP e editor executivo de Matemática da Editora Moderna.

PARA SABER MAIS

▶ VALENTE, J. A. Integração do pensamento computacional no currículo da educação básica: diferentes estratégias usadas e questões de formação de professores e avaliação do aluno. *Revista e-Curriculum*. 2016, 14(3), 864-897. Disponível em: mod.lk/ed18linh. Acesso em: 10 fev. 2020.

LIN-
GUA-
GEM
➔

O NOVO ENSINO MÉDIO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Trabalho em área: a integração em favor do desenvolvimento de competências e habilidades.

TEXTO *Marisa Balthasar e Shirley Goulart*

DENTRE as mudanças esperadas para o Novo Ensino Médio, os currículos precisarão garantir os direitos comuns de aprendizagem, nas diferentes *áreas do conhecimento**, indicados pela BNCC. Eles configuram uma formação integral dos jovens, com desenvolvimento articulado de competências e habilidades cognitivas e socioemocionais.

Essa formação deverá promover ampliação da participação cidadã, ética e crítica; protagonismo em projetos de vida, com realizações pessoais e

coletivas, maior autonomia nos estudos e escolhas para a inserção no mundo do trabalho.

Em vez das sequências de conteúdos disciplinares, os currículos oferecerão situações significativas de aprendizagem para o exercício e o aprimoramento de um conjunto de competências/habilidades, com mobilização de conhecimentos de diferentes ordens: conteúdos, conceitos, procedimentos e processos, atitudes e valores – os objetos de conhecimento.

BNCC na Prática

3ª TEMPORADA



VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA A BNCC?

- + NOVAS DIRETRIZES PARA A CONSTRUÇÃO DOS CURRÍCULOS DE TODOS OS SEGMENTOS
- + REFERÊNCIAS PARA A BNCC DO ENSINO MÉDIO
- + PROPOSTAS DE INTERDISCIPLINARIDADE, METODOLOGIA DE PROJETOS E METODOLOGIAS ATIVAS
- + PERSPECTIVAS DE AVALIAÇÃO

SERÃO **10 FORMAÇÕES** COM ESPECIALISTAS E EDUCADORES, TRANSMITIDAS AO VIVO PELO FACEBOOK DA MODERNA.

1 FORMAÇÃO POR MÊS!



ACOMPANHE
NOSSA PROGRAMAÇÃO:
[FB.COM/EDITORAMODERNA](https://www.facebook.com/EDITORAMODERNA)

bett

 MODERNA

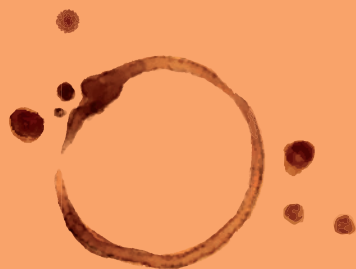


**1ª E 2ª TEMPORADA
DISPONÍVEIS NO CANAL:
[YOUTUBE.COM/EDMODERNA](https://www.youtube.com/edmoderna)**



café
LITERÁRIO
• MODERNA •





Todo mês, um bate-papo atual sobre literatura

Em sua 3ª temporada, o **Café Literário Moderna** traz *Webinars* temáticas que geram reflexões e debates. Com a presença de grandes autores e convidados renomados, você vai se encantar com o poder da literatura em formar cidadãos mais críticos e preparados para os desafios do futuro.

São 10 *webinars* em transmissões ao vivo pelo Facebook que ficarão gravadas em nossa página do Facebook e do Youtube para você assistir quando quiser.



ACOMPANHE NOSSA PROGRAMAÇÃO!
Acesse e inscreva-se!

fb.com/editoramoderna



SALAMANDRA



MODERNA

Escola: lugar de travessias

Como guiar os jovens para um caminho de bem e de alegria.

TEXTO *Cecília Canalle*

A ESCOLA É um lugar privilegiado de travessias. Os educadores são testemunhas desse processo que se inicia toda vez que um pequeno ser humano ultrapassa as grandes portas de nossas escolas para começar sua jornada acadêmica, afetiva, social, esportiva etc. Por isso, os docentes são como pontífices: construtores de pontes para incontáveis travessias.

As crianças chegam às nossas escolas, algumas vezes, ainda sem saber andar direito; há que ensiná-las a correr, ir ao banheiro, dividir os brinquedos, escovar os dentes, esperar a vez e várias outras coisas que fazemos com muita eficiência. O problema parece começar quando as crianças se tornam adolescentes. Em vez de encontrarmos novos seres inquietos e perguntadores, parece que encontramos garotos chatos e desobedientes. Isso nos provoca a pergunta: são eles que perderam a graça e a educação adquirida, ou somos nós que não sabemos o que fazer com suas inquietações e nos tornamos insuficientes para essa desafiante travessia?





A MOCHILA EXISTENCIAL A SER REFEITA: DESCOBRINDO O SENTIDO DA VIDA

O educador italiano Luigi Giussani, que viveu no século XX, em um interessante livro intitulado *Educar é um risco*, descreve que a criança até, aproximadamente, os 10 anos aceita como verdadeiro aquilo que os adultos lhe apresentam e guarda esses aprendizados em sua mochila existencial. Mas se o ser humano fosse uma cópia do que lhes é oferecido pelos adultos, não amadureceria. Por isso, em certo momento, que denominamos adolescência, “a natureza dá à criança o instinto de pegar a mochila e de colocá-la diante dos olhos (em grego se diz *pro-bállo*, origem da palavra ‘problema’). Deve, portanto, tornar-se problema aquilo que nos disseram! Se não se tornar problema, nunca amadurecerá. Uma vez trazida para diante dos olhos, remexe-se dentro da mochila”.

Esse processo é o fundamento do relacionamento educativo. Cada ser que chega ao mundo vai recebendo um »

» conjunto de valores e conhecimentos que irá avaliar e decidir o que lhe parece verdadeiro, correspondente ao que deseja ser e fazer. O papel de seus educadores – e uso essa palavra, aqui, para definir todo adulto com que ele se relaciona – é, em primeiro lugar, reconhecer a importância desse processo sem o qual uma criança não se torna um jovem, nem um adulto. É daqui que nasce o “eu”, a autoria, a originalidade, a peculiaridade irrepetível de cada um como defende Viktor Frankl, genial psiquiatra e neurologista austríaco, que afirmava que o ser humano é “único e irrepetível”.

Em tempos pós-modernos, em que as margens e os rumos da vida estão cada vez mais fluidos e esmaecidos, esse trabalho essencial exige um método para que os jovens e adolescentes tracem esse percurso obrigatório a fim de que não sejam ainda adolescentes depois dos 30!

Para todas as vantagens e desvantagens que se colocam contemporaneamente, todas as portas parecem estar abertas, e nossos jovens as abrem utilizando mais o instinto do que a razão. Ora, então qual o grande trabalho a ser feito com eles por meio de cada disciplina? Trata-se de ajudá-los a verificar cada item que está contido na tal “mochila existencial”! Cada disciplina é oferecida para que amadureçam não somente do ponto de vista intelectual, mas também adquiram habilidades e competências que seus conteúdos portam em sua estrutura. Há muitas oportunidades em cada disciplina para ensinar aos jovens sobre como observar, respeitar, dialogar e transformar a realidade.

UM MÉTODO PARA AJUDAR A ENTRAR NA VIDA: A EXPERIÊNCIA ELEMENTAR

Há 24 séculos, Aristóteles afirmava que o ser humano nasce com uma espécie de bússola capaz de indicar aquilo que é bom, belo e verdadeiro. Hoje, chamamos isso de experiência elementar e, sem ela, seria muito arriscado e até mesmo impossível o processo de formação dos jovens. De acordo com o filósofo, tudo que o ser humano faz deriva das suas experiências elementares e pode ser comparado com elas. Assim, a experiência elementar funciona como um direcionador (ou uma bússola) para que a pessoa reconheça aquilo que lhe corresponde ou não. É ela que faz com que nos entristecemos com a injustiça, o mal, a mentira, o desumano – até mesmo quando somos nós que geramos o mal.

Com base nisso podemos observar que o primeiro papel dos educadores é chamar, insistentemente, os alunos a comparar tudo o que lhe acontece com aquele conjunto de exigências elementares com o qual a natureza o dotou, a fim de que tome decisões mais consistentes e menos instintivas, que se percam menos e, principalmente, vivam menos experiências de depressão.

Essa estrutura humana consiste em uma espécie de mapa interior com o qual a natureza dotou o ser humano para que não perca tanto tempo patinando em um nada infinito, mas para que suas buscas se deem a partir de um conjunto de premissas orientadas para o bem, isto é, para a felicidade. O filósofo espanhol Julián Marías lembra-nos em sua saborosa obra

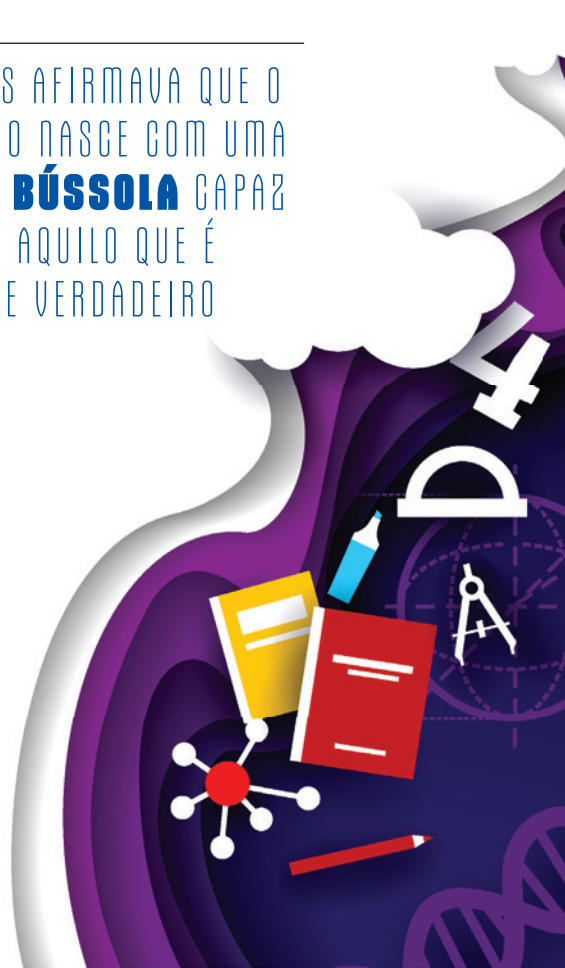
A felicidade humana, de que sentido e felicidade são duas experiências inseparáveis. Portanto, ter um mapa, uma estrutura humana prévia, não cerceia o viajante; antes, amplia e favorece suas possibilidades de êxito.

Para nós, educadores, ajudar os alunos a comparar o que fazem com a sua “bússola” nos auxilia muitíssimo porque, sem ela, eles nos pediriam indicações de saídas que não devemos dar, ou que não temos para dar, além do que acabaríamos por impor uma visão de mundo. Enfim, sabemos quanto tudo isso é complicado! Mas, ao provocá-los a comparar como se sentem diante do que fazem, a resposta está dentro deles e não em nós. Isso nos torna livres diante das incontáveis questões que surgem e possibilita a eles um método que independe de um guru para que encontrem a melhor resposta.

A IMPORTÂNCIA DE UMA COMPANHIA CONTRA A TRISTEZA

Meus alunos da universidade contam histórias muito dolorosas de seus tempos de Fundamental 2 e Ensino Médio. Descrevem a depressão profunda, o medo e a dor agravados pelo número reduzido de adultos que os ajudassem a, confrontando a realidade com seus desejos mais profundos, descobrir o que é bom, belo e verdadeiro. A quem eles poderiam pedir ajuda? O educador é um adulto que costuma ter várias possibilidades de estar no lugar certo e na hora certa para fazer essa ponte. Mesmo assim, o fato misterioso que nos consola é que, a

ARISTÓTELES AFIRMAVA QUE O SER HUMANO NASCE COM UMA ESPÉCIE DE **BÚSSOLA** CAPAZ DE INDICAR AQUILO QUE É BOM, BELO E VERDADEIRO



despeito dessa carência de “construtores de pontes”, os jovens acabam por encontrar pequenas companhias, amigos, palavras, gestos, frases que fazem com que saiam dos lugares difíceis que habitam e a vida volta a começar.

Se não fizermos isso, naquele espaço que cada disciplina oferece, nos diversos encontros que a escola proporciona, os caminhos da depressão, da violência, da indisciplina expressarão a

ausência desse trabalho. As doenças surgem como gritos disfarçados de nossos jovens que fazem um discurso do “qualquer coisa pode e vale”, mas que, ao viverem dessa forma, se sentem esmagados e sem saída.

Caros mestres, o que mais tenho aprendido com meus alunos é que a vida, quase compulsivamente, volta a começar, se refaz, se reconstrói de onde e como não esperamos. Mas se os ajudarmos nesse trabalho, isso ocorre mais depressa e sem tanto sofrimento.

Certa vez, à noitinha, estávamos estendidos no chão de terra do barracão, mortos de cansaço, o prato de sopa na mão, quando entrou um companheiro correndo e mandou-nos depressa para a área de chamada da turma, apesar de toda a nossa fadiga e do frio lá fora, só para não perdermos uma visão magnífica do pôr do sol. Vimos, então, o ocaso incandescente e tenebroso, com todo o horizonte tomado de nuvens multiformes e em constante transfiguração, de fantásticos perfis e cores sobrenaturais, desde o azul cobalto até o escarlate sangue, contrastando pouco mais abaixo com os desolados barracos cinzentos do campo de concentração e a lamacenta área onde é feita a chamada dos prisioneiros, em cujas poças ainda se refletia o céu incandescente. (FRANKL, Viktor. Em busca de sentido. São Paulo: Vozes, 2017).

A VIDA VALE A PENA SOB QUAISQUER CIRCUNSTÂNCIAS

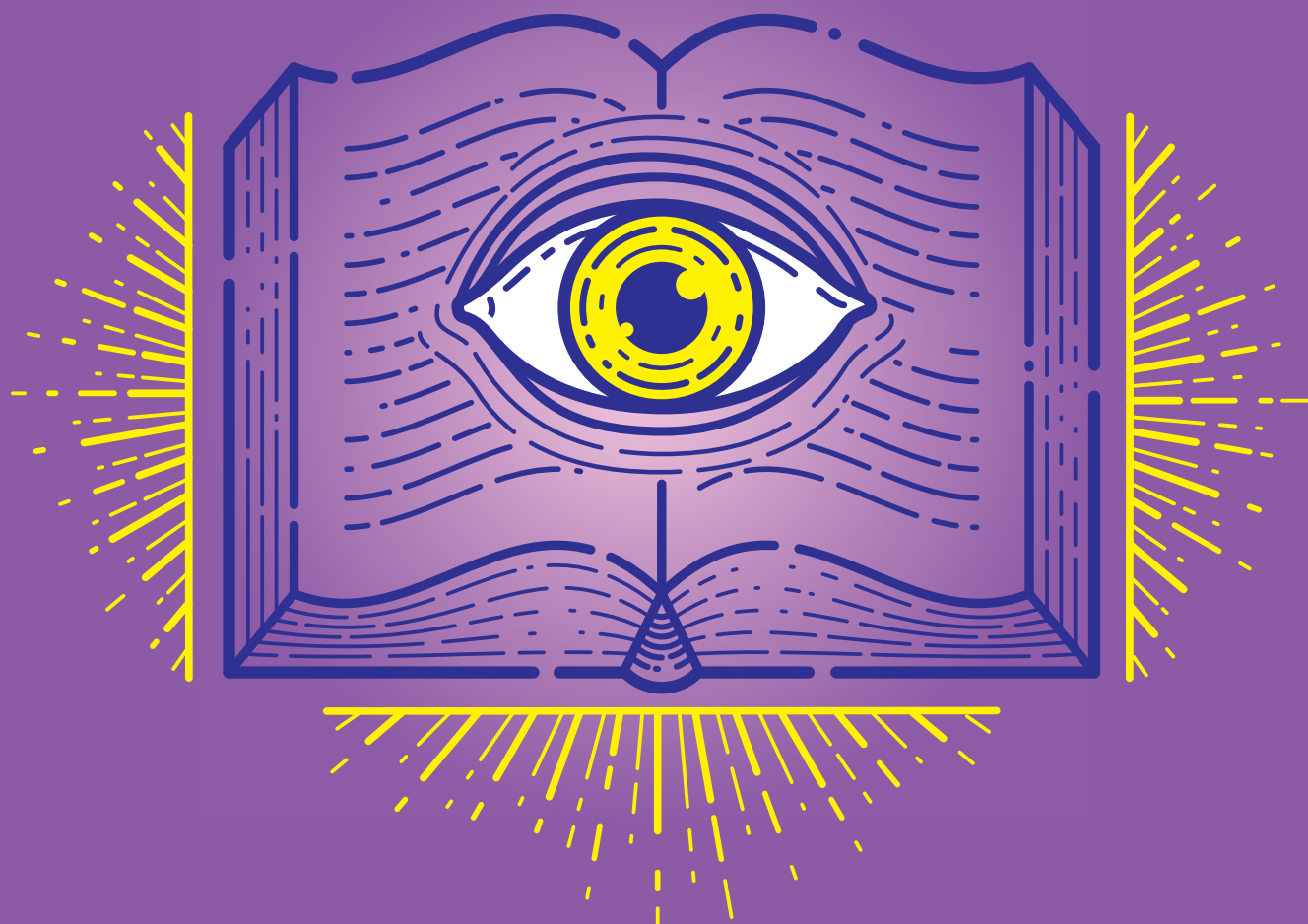
A epígrafe acima, extraída do imperdível livro *Em busca de sentido*, descreve como mesmo mergulhados no mal e destruídos pelo cansaço e pela fome os prisioneiros não deixaram de sair do barracão para ver um pôr do sol. Ora, o que isso indica? Que mesmo nas situações mais trágicas, violentas, difíceis, a pessoa ainda deseja a beleza e o bem porque lhe são inextirpáveis. O adulto é aquele que não esquece isso. Daí que repropõe, infinitamente, a todos os seus alunos e aos particularmente mais difíceis essa “volta para casa”.

Essa é a tarefa essencial da educação: ajudar os jovens a compararem aquilo que fazem com o seu desejo de bom, belo e verdadeiro. Porque, assim, paulatinamente, vão encontrando o sentido para a vida. Se ele não o encontra, nada, nem estudo, nem família, nem namoros, nem conforto ou lazer, nada faz valer a pena a vida. Ao ser humano não foi dada a possibilidade de viver sem um sentido. A nós, educadores, cabe a companhia do percurso. ▣

CECÍLIA CANALLE

é formada em Letras e Pedagogia, especialista em Linguagem pela Unicamp, Mestre em Filosofia da Educação e Doutora em Metodologia da Educação pela USP. Foi coordenadora de escolas públicas e privadas, diretora, banca examinadora de vestibulinhos e vestibulares. Atualmente, é professora de Comunicação da Fatec Sebrae, vinculada ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.





De olho no exemplo

Você pratica o hábito de ler?

TEXTO Moderna

O SINAL do intervalo toca. É hora de um breve descanso antes da próxima aula. Você sente a sensação de liberdade dos próximos 20 minutos. Está caminhando rumo à sala dos professores, livro em punho, pensando no capítulo que deixou pela metade. Perto do seu destino, um dos alunos aparece no corredor para tirar uma dúvida e percebe a obra em suas mãos. Curioso, ele admira a capa e o tamanho do livro e pergunta como você consegue ler um exemplar tão grande. Você sorri e começa, sem perceber, a contar a sinopse da história e o quanto esse livro tem conquistado a sua atenção.

Talvez essa situação não seja tão corriqueira. Não pela falta de vontade, mas pela correria entre planejamentos, aulas e correções de prova. Mas, agora, pense: quantas vezes você já foi flagrado por seus alunos com uma literatura? Aquela que guardamos em nossas bolsas para ler a caminho do trabalho?

Pense em quantas vezes, entre uma fala ou outra, você já mencionou o nome daquele livro que está em casa esperando você?

A leitura é um hábito e o exemplo é uma das maiores formas de se adquiri-lo. Formar bons leitores começa por ser um leitor dedicado. Por mostrar interesse e prazer no mundo da leitura. Não se trata da quantidade de livros, mas do exemplo pela atitude de ler. Quando algo faz muito bem para alguém, obviamente, vamos querer que faça bem para nós. Queremos vivenciar aquela experiência e compartilhá-la. Sob essa perspectiva, convidamos cinco dos nossos autores de literatura para nos contar experiências próprias com a vida literária, sobre a importância de o professor ser um leitor contumaz, e como motivar uma turma de alunos a ir além da leitura do bimestre. Com vocês, Eva Furnari, Ilan Brenman, Pedro Bandeira, Sônia Barros e Walcy Carrasco.

ALIMENTANDO A ALMA



Pedro Bandeira

EM MINHAS palestras, acostumado que estou com a maciça presença feminina em minha plateia, ao aconselhar que além do esforço que fazemos para levar nossos alunos bem além da alfabetização, rumo à compreensão do que leem, na direção do pleno letramento, procuro incentivá-las a tornarem-se, elas próprias, boas leitoras. Em um desses encontros, escorreguei no costume e disse-lhes:

— A leitura de um bom romance é companhia, entretenimento e diversão. Quando estiverem sem ter o que fazer numa sala de recepção do dentista ou do ginecologista, nada como ter levado na bolsa um romance que estejam lendo, para preencher a monotonia da espera.

No final da palestra, de caneta em riste, pronto para os autógrafos e as *selfies*, deparo-me com um sujeito grande e barbado que me encara com uma expressão de galhofa:

— Obrigado por me mandar ao ginecologista!

Pois é! Talvez por fazer as palestras sem óculos, acabo por não perceber que, entre as centenas de mulheres, há alguns barbados...

Esse é o desafio: um professor de natação tem obrigatoriamente de saber nadar, um professor de piano tem de ser, pelo menos, um pianista razoável. O mesmo acontece conosco. Temos de gostar de ler, de ler com a maior fre-

quência que pudermos.

Todos sabemos que o tempo de uma professora (e também de um professor barbado...) é bastante limitado. Muitas vezes trabalhamos em dois períodos, nosso lazer é preenchido pela preparação de aulas, pela correção de provas, pelo cuidado com nossa casa e com nossas famílias. Não temos tempo para ler!

Esse é um dos nossos maiores problemas. No entanto, como a comida é o alimento de nosso corpo físico, a leitura e a arte são os alimentos de nosso corpo emocional. **Nossos problemas pesam menos se, nos pequenos intervalos da vida, preenchemos-os vivenciando os problemas de personagens, em vez de remoer os nossos. A arte faz com que resolvamos muitos problemas de nosso espírito sem ter de sofrer seus pesos na própria pele.** Não precisamos que nosso cônjuge nos traia para que saibamos o que é o ciúme, para isso podemos ter lido *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou assistido a *Otelo*, de Shakespeare. Não precisamos matar duas velhinhas a machadadas para saber o que é sermos corróidos pelo remorso, pois já conhecemos *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski.

É isso, minhas queridas professoras, meus queridos professores: sem a força emocional que a literatura nos traz, só nos resta engordarmos com as pizzas de um espírito esvaziado de emoções. »

DESPERTANDO PROFESSORES LEITORES

Sônia Barros

O ENCANTAMENTO que a leitura me proporcionou desde a infância fez com que eu desejasse ser escritora. Antes disso, escolhi ser professora, fazer-me ponte entre o mundo dos livros e meus alunos para levá-los a esse mesmo encantamento. Hoje, não mais leciono, mas visito escolas para falar sobre “o poder transformador da leitura”.

O processo de formação do leitor é gradativo e depende de mediador, o qual deve ser, obviamente, bom leitor! Em mais de 20 anos visitando escolas, conheci ótimos mediadores de leitura; no entanto, muitos educadores sentem-se inseguros para exercer a função, pois eles mesmos não se dedicam à leitura literária: em alguns casos, porque não tiveram a formação adequada.

Nas escolas onde encontrei professores leitores, percebi envolvimento da equipe pedagógica na realização de projetos literários. O papel do coordenador mostrou-se fundamental para estimular os professores e, juntos, buscarem práticas de leitura. A escola proporcionou condições à equipe, pois, assim como os alunos necessitam de tempo e espaço para desfrutarem de diversos tipos de leitura, é imprescindível que os professores tenham tempo e espaço para aperfeiçoamento. Práticas de leitura devem ser permanentes!

Práticas realizadas na escola: acesso a referências teóricas, pesquisadas pela

coordenação e oferecidas aos professores para estudo; momento destinado à leitura, para que o educador mergulhe no texto que irá oferecer aos alunos; partilha (entre professores) das experiências que uma obra proporcionou: **é preciso falar sobre o que se está lendo e ouvir o outro; leitura em voz alta, compartilhada, de diversos gêneros literários**; organização de saraus envolvendo a comunidade escolar.

PRÁTICAS REALIZADAS FORA DA ESCOLA

Encontros em bibliotecas e centros culturais para trocas de experiências literárias; participação em seminários e oficinas sobre mediação de leitura; cursos de especialização.

PRÁTICAS NO MUNDO DIGITAL

Participação em clubes de leitores nas redes sociais, que abrem espaços para resenhas e debates; acesso a *sites* literários que, além das indicações de leitura, organizam fóruns e encontros virtuais.

Se, por um lado, há dificuldades no processo de formação de professores leitores, por outro as possibilidades são muitas. O mais importante é o “querer tornar-se leitor” para, depois, formar leitores sensíveis e críticos, dando a eles a possibilidade de enriquecimento linguístico e, sobretudo, existencial.



COMO ACALMAR UM FORMIGUEIRO?



Eva Furnari

DIZEM que as crianças andam agitadas, tão agitadas que parece que alguém as ligou no 220 W. Já ouvi professores comentando que os alunos não param quietos, andam dispersos, têm dificuldade de concentração e foco, situação bem diferente dos tempos antigos quando a palmatória mantinha o silêncio, a ordem e a disciplina. Graças a Deus, hoje, não temos mais palmatórias e os educadores se preocupam, de fato, com o bem-estar e a boa formação dos jovens e das crianças.

Mas vamos voltar aos 220 W. Vamos voltar às crianças que parecem ter não apenas formigas pelo corpo, mas também todo um formigueiro acelerando a mente. De onde vem tanta agitação? Será que ela é natural? É própria da infância? Podemos culpar o excesso de informação? A vida moderna?

O fato é que, entendendo ou não as razões desses excessos, os professores têm de lidar com isso. E lidam, não apenas com uma criança, mas com toda uma classe agitada. Como esses heróis anônimos da sala de aula fazem isso no dia a dia? Eu não sei, mas imagino (tenho quase certeza) que **existe um momento especial em que capturam o foco da meninada. E que hora é essa? É a hora da história.**

Quem não gosta de ouvir uma boa história? Uma narrativa inteligente, com poesia, com humor, pode encantar

e ganhar a atenção dos alunos. Ao emocioná-los, ao falar dos conflitos, dos sofrimentos, das conquistas, seja de maneira realista ou simbólica, as histórias podem trazer a tão desejada atenção e o tão importante interesse dos alunos. Os jovens e as crianças querem entender o mundo, querem se inteirar da complexidade da sociedade e das relações humanas. A boa literatura traz isso para os leitores, a boa literatura é capaz de pescar no mundo alguns conteúdos aparentemente caóticos e dar sentido a eles.

O conto de Joãzinho e Maria trata das seduções perigosas, da bruxa malvada que atrai os inocentes com uma casinha de doces. O conto chinês o "Pote vazio" nos emociona ao nos convencer da importância da honestidade. A história do "Lolo Barnabé" trata do nosso incessante desejo de consumo tão presente e problemático na nossa sociedade.

É uma sorte as crianças de hoje contarem com ajuda luxuosa da literatura e com o talento dos professores que não só contam histórias, mas as desdobram em artes, desenhos, cantorias, danças, teatros. Os livros, assim bem tratados, são como sementes, eles germinam, crescem, dão flores e frutos.

E eu, como autora, só tenho a agradecer aos professores por me deixar participar (mesmo que um pouquinho) dessa grande missão que é educar. »

SONHOS REAIS

Walcyr Carrasco

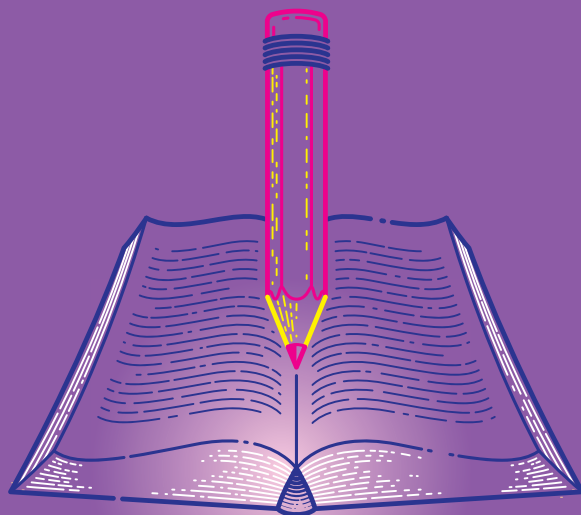
OLHO para trás e me vejo adolescente, magro... Ah, como eu era magrinho! Magrinho, cabeludo e com óculos maiores que meu rosto. Hoje, na luta para perder a barriga, muito menos cabelos e óculos coloridos, eu me confronto comigo mesmo e penso: quais foram meus passos? Como caminhei, o que deixei, o que conquistei? Eu daria meu aval ao garoto magrinho? Apostaria? Sem falsa modéstia, sei que sou um escritor reconhecido. Quando eu era juvenzinho já queria escrever. Perdi muitas festas, amizades, porque passava o fim de semana inventando histórias, na minha querida máquina de escrever. (Sim, sou um espécime pré-computador.) Escrevia sem um objetivo definido, para depois, quem sabe, apresentar um livro a uma editora. Uma peça para atores que se interessassem em colocá-la no palco. Guardei esses textos, imaginem! Recentemente, reli alguns. Horríveis.

Exatamente. Pavorosos. Li e pensei: como escrevi isso? Eu que me achava talentoso, queria ser um grande escritor? Não, não sou tão severo comigo mesmo. Realista, sim. Eu devia ter percebido, pelos sinais alheios. Lembro de um amigo, também escritor, que certa vez trocou seus contos comigo. Eu li os dele, ele os meus. Depois comemos sanduíches no bar. Passei horas falando de seus textos. O rapaz não abriu a boca sobre os meus. Não soltou uma única palavra. Foi horrível. Achei que era egocentrismo, que ele só queria falar de si próprio. Hoje sei... era falta de

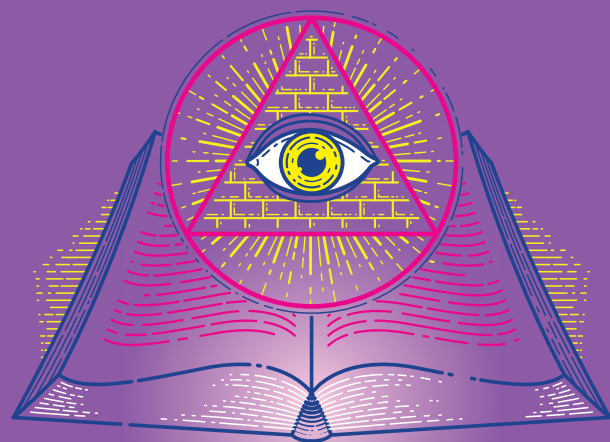
coragem de falar o que realmente achava. Na época, me ofendi. Hoje não sei o que foi feito dele. Escrevia bem, mas não publicou um livro sequer, sumiu.

O rapazinho magricela não era desprovido de talento, mas tinha muito a aprender. Racionalmente, eu sabia o que desejava, só não sabia muito como chegar lá. Mas, me comparando com esse amigo, havia uma clara diferença. Eu ouvia. Sempre digo que há dois tipos de pessoa: a extremamente talentosa, mas orgulhosa. Essa não ouve uma crítica, e, por melhor que seja, não evolui, seja qual for o trabalho. As pessoas com menos talento, mas humildes, tendem a dar mais certo. Receberão as lições da vida e aprenderão com elas. Crescem. Eu sou do segundo tipo. Até hoje. Ouço o que me dizem. Aprendo.

Eu tinha meus sonhos. Acredito que os sonhos são o melhor projeto de vida que alguém pode ter. São vibrantes. Ser escritor não é uma carreira fácil, objetiva. A gente conta inclusive com a sorte. Mas como sempre digo, é preciso ter abertura de espírito para deixar a sorte acontecer. Sempre que penso em mim, de lá até aqui, penso também que se não fui o de mais talento, fui o mais teimoso. Muitas vezes me pedem conselhos, perguntam como seguir um caminho. Eu digo: teime. É preciso teimar nos sonhos, acreditar profundamente neles. Isso, sim, ajuda a encontrar rumos. Ter tornado meus sonhos reais é o melhor presente que dei a mim mesmo nesta vida.



EU SABIA QUE ELE IA LONGE



Ifan Brenman

ERA O PRIMEIRO dia de aula, antiga sétima série, adolescentes de 12, 13 anos. A aula começou com a famosa chamada. Confesso que detestava aquela encadernação azul com os nomes dos alunos e um quadradinho microscópico para fazer um pontinho de tamanho quântico para os presentes na sala. Naquele primeiro contato, eu já intuía como seria a dinâmica da sala durante o ano todo, numa simples chamada os alunos já mostravam um pouco de suas personalidades.

Nessa sala em particular havia um adolescente que me chamou muita atenção, um garoto de 16 anos, quietão, que havia repetido três vezes de ano na sua jornada escolar. O grupo olhava com certo desdém o tal repetente, ele era grandão, mas ao mesmo tempo, na visão dos outros, pequeno no pensar. Com o desenrolar do ano, fui ficando angustiado com a postura dos alunos em relação a esse menino, eles o desprezavam, tiravam sarro, eu não sei como ele não reagiu violentamente a esses ataques psicológicos, ele era enorme! Talvez a autoestima estivesse tão baixa que nem reação ele conseguia mais ter.

Comecei a investigar a vida desse jovem e descobri com a coordenação da escola uma história familiar complicadíssima. Isso não me sossegou. Queria tentar mudar o olhar da turma em relação ao rapaz. Na sala de professores eu buscava mais informações e, certa vez, uma professora me disse:

— Não perca seu tempo com ele, ele não tem jeito.

Aquilo me enfureceu.

— Como assim não tem jeito? – respondi.

A professora era daquelas que só falavam bem dos alunos que tinham facilidade na sua matéria e falava mal dos outros. Ela ajudava os que não precisavam de ajuda e já sabiam a matéria, e, por outro lado, afundava aqueles que mais necessitavam dela. Respirei fundo, olhei para a professora e disse:

— Você deveria estender a mão para aqueles que mais necessitam de você, os outros se viram sozinhos.

Ela começou a retorcer o rosto, pensei que explodiria, mas, antes disso, peguei minha mochila e saí rapidinho da sala.

No dia seguinte, um fiapo de ideia apareceu, chamei o jovem depois que a minha aula acabou e perguntei na lata:

— O que você gosta de fazer além de estudar?

— Estudar eu não gosto muito, mas toco guitarra. — respondeu rindo.

— Você toca guitarra? Desde quando?

Ele me contou que tocava sozinho há muito tempo. Eu tomei coragem e perguntei:

— Na minha próxima aula você, por favor, poderia trazer sua guitarra?

Os olhos dele brilharam.

— Com amplificador e tudo, professor? — me perguntou.

Eu já estava imaginando o Jimmy Hendrix queimando a guitarra em Woodstock, mas assumi o risco e confirmei:

— Com amplificador e tudo!

Quando o jovem abriu a maleta da guitarra e plingou-a no amplificador, os alunos ficaram boquiabertos, ninguém sabia do talento do colega. Ele deu um show!

A turma ficou maravilhada, eu também. Muitos alunos de outras turmas, professores, coordenadores se aproximaram da minha sala para ver o que estava acontecendo.

O olhar da turma para esse jovem mudou radicalmente após esse pequeno show de música. Todos têm um talento, precisamos descobri-lo! A dificuldade do jovem nos estudos formais era real e necessitava de acompanhamento, mas ao descobrir o sentido para sua vida, a música, ele poderia entrar numa banda de rock, ir no Faustão, e a professora que falou mal dele aparecer na TV, dizendo:

— Eu sabia que ele ia longe... ▣

FAÇA DA SUA ESCOLA UM TERRITÓRIO DA LEITURA

Território da leitura

ALUNOS engajados, cidadãos que constroem e contam sua própria história.

ESCOLAS de resultados + gestores comprometidos com a formação + professores que ensinam e aprendem.

FAMÍLIAS que colaboram com o trabalho em sala de aula.

COMUNIDADE que cultiva valores e respira cultura.

UM PROJETO FOCADO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Recursos que incentivam a construção do repertório literário e cultural do aluno.



MATERIAIS PARA ALUNOS E PROFESSORES

EMBALAGEM ESPECIAL PARA OS ALUNOS



Diário literário da família para registrar as experiências e engajar a família.



Diário do contador de histórias para registro autônomo das produções e experiências de leitura.



Aplicativo Contadores de histórias para incentivar a criatividade.

AUTORES PREMIADOS, NACIONAIS E INTERNACIONAIS

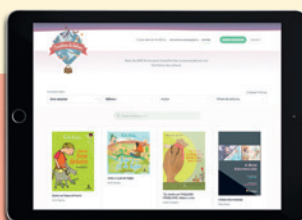


4 obras literárias à escolha da escola entre mais de 200 títulos disponíveis.

MATERIAIS EXCLUSIVOS PARA O PROFESSOR



Ferramentas pedagógicas para intermediar a **dinâmica de leitura**.



Site com acesso exclusivo para uma série de vídeos com contações de histórias e formações pedagógicas.



Arquivos prontos para imprimir – materiais de ambientação e para organizar um sarau.



Conheça mais em territoriodaleitura.moderna.com.br

LIVROS

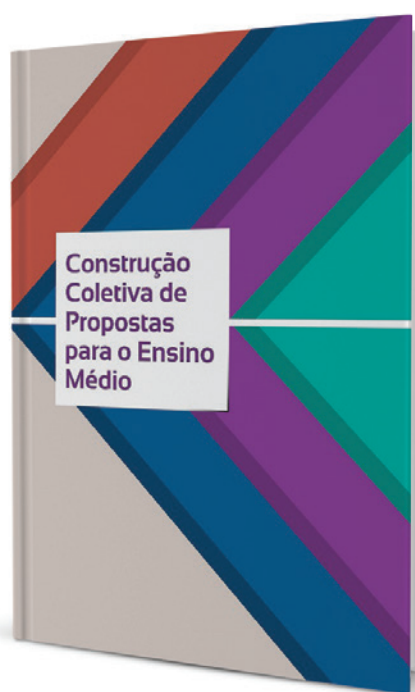


O QUE É PRECISO APRENDER HOJE?

POR Axel Rivas e Fundação Santillana

Os jovens precisam desenvolver capacidades de iniciativa, criatividade, pensamento crítico e resolução de problemas para enfrentar os dilemas de um mundo que muda cada vez mais rápido. Por isso, a educação tem de ser repensada; deve-se descobrir como preparar os estudantes para que façam boas perguntas e tenham coragem de buscar as respostas. Isso envolve a decisão sobre o que é preciso ensinar e aprender, o que, por sua vez, exige diálogo entre professores, especialistas em educação, políticos e os próprios alunos. Esse livro faz um convite a iniciar essa conversa, apresentando, por meio de uma série de questões-chave, novas narrativas sobre o que vale a pena aprender hoje nas escolas.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/ed18fav.



CONSTRUÇÃO COLETIVA DE PROPOSTAS PARA O ENSINO MÉDIO

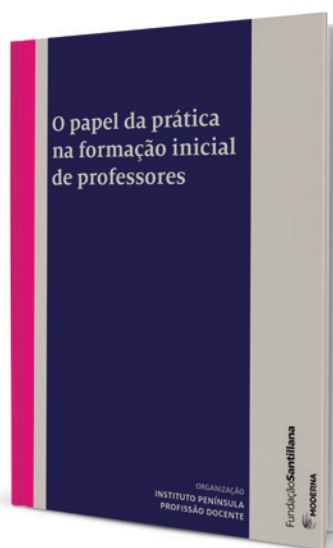
POR FEUSP, ASHOKA e Fundação Santillana

O documento decorre de uma série de encontros em diferentes regiões do país realizados entre 2018 e 2019, com participação presencial e virtual de estudantes, educadores, pesquisadores, gestores e demais interessados no debate de propostas e busca de convergências em relação às políticas do Ensino Médio no país. O objetivo foi coordenar a construção coletiva de propostas para as políticas de Ensino Médio, engajando diversas organizações representativas dos agentes envolvidos e alinhadas em torno de princípios comuns: inclusão, democracia, contemporaneidade, integralidade e transformação.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/ed18fav2.



CONTEÚDOS QUE POTENCIALIZAM O DIA A DIA DO PROFESSOR

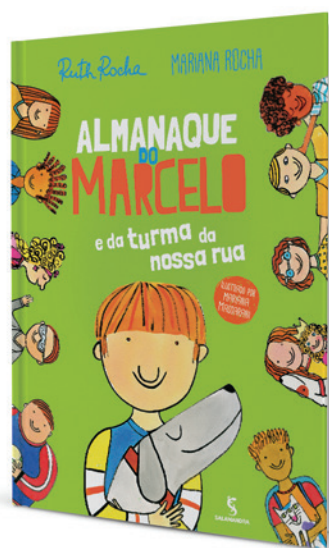


O PAPEL DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

POR Instituto Península, Profissão Docente e Fundação Santillana

Os professores têm papel-chave na aprendizagem dos alunos, e a qualidade de sua formação inicial é fundamental para que dominem os conteúdos específicos, pedagógicos e profissionais da docência. Nas últimas décadas, diversos países realizaram mudanças para melhorar seus cursos de pedagogia, colocando a prática no centro da formação. Esse livro examina alguns programas considerados inovadores e eficazes em cinco países – Brasil, Canadá, Chile, Estados Unidos e Portugal –, bem como a trajetória da formação inicial e a regulação das instituições formadoras, visando contribuir para o debate sobre a necessária transformação na qualificação dos educadores brasileiros.

SAIBA MAIS Livro digital gratuito para download em mod.lk/livrofam.



ALMANAQUE DO MARCELO

POR Ruth Rocha

Marcelo, Martelo, Marmelo é um dos livros mais aclamados de Ruth Rocha, com milhões de exemplares vendidos. Carismático e imaginativo, Marcelo conquistou uma legião de fãs e, neste lançamento, se junta a outros personagens clássicos da autora: a Turma da Nossa Rua. Este é um almanaque especial com brincadeiras, piadas, histórias e versos para se divertir e aprender. As atividades estão divididas mês a mês para ler, entreter e brincar em casa com a família, ou na escola com toda a turma.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



NAVEGANDO PELO FOLCLORE

POR Douglas Tufano

O que é, o que é: cai em pé e corre deitado? É a chuva! Com certeza você já se divertiu com brincadeiras desse tipo. E também já brincou de roda cantando cantigas do tempo dos seus avós e participou de festas juninas, dançando ao redor de uma grande fogueira e comendo cocada, pé de moleque, canjica e tantas outras comidas gostosas. Adentre pelo universo do folclore brasileiro e conheça esse tesouro de conhecimentos passado de geração em geração. Douglas Tufano nos guia por uma viagem pela história para saber qual foi a contribuição dos indígenas, dos africanos e dos europeus no nosso folclore.

SAIBA MAIS À venda nas principais livrarias do Brasil.



Fundação Santillana

EDUCAÇÃO E CULTURA a favor da CIDADANIA

- Divulgação de análises, indicadores e boas práticas de políticas públicas.
- Incentivo à formação continuada com soluções inovadoras e criativas.
- Seminários e oficinas pedagógicas voltadas para a formação dos educadores.

A primeira definição:
um currículo adaptativo e trans

Há duas perspectivas clássicas para defini o sistema educacional: um é adaptativo, ou seja, se adapta às necessidades da sociedade, do momento ou da cultura em vigor. A outra é transdisciplinar, ou seja, quando se ultrapassa as fronteiras

CONHEÇA NOSSAS AÇÕES E INICIATIVAS

fundaçãosantillana.org.br

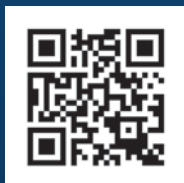
Você ama literatura.
**E eu posso te ajudar
nas melhores escolhas.**



Oi, eu sou a *GENIUM*,
a **inteligência artificial**
da Moderna.

Com **comandos de voz ou texto**,
faço propostas de títulos do nosso catálogo de
literatura de acordo com o que você precisa.
Sua busca pode ser por tema, autor, título...
Ah! Só não se esqueça que **eu aprendo** sempre
com você! Quanto mais você pesquisa, mais
relevantes se tornam as minhas respostas.

Baixe agora o app!



DISPONÍVEL NO
Google Play

mod.lk/genium

